

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO -  
PPGCCOM

EXPLORAÇÕES SEMIÓTICAS DO PROSAMIM: UM ESTUDO  
ECOSSISTÊMICO DA COMUNICAÇÃO A PARTIR DA DINÂMICA  
DA SEMIOSE NO PARQUE RESIDENCIAL MANAUS E NO PARQUE  
RIO NEGRO

BEATRIZ SILVA GOES

MANAUS

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - ICHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO -  
PPGCCOM

BEATRIZ SILVA GOES

EXPLORAÇÕES SEMIÓTICAS DO PROSAMIM: UM ESTUDO  
ECOSSISTÊMICO DA COMUNICAÇÃO A PARTIR DA DINÂMICA  
DA SEMIOSE NO PARQUE RESIDENCIAL MANAUS E NO PARQUE  
RIO NEGRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração Ecossistemas Comunicacionais, linha de pesquisa Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira

MANAUS  
2016

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

G598e	<p>Goes, Beatriz Silva</p> <p>Explorações semióticas do Prosamim : Um estudo ecossistêmico da comunicação a partir da dinâmica da semiose no Parque Residencial Manaus e no Parque Rio Negro / Beatriz Silva Goes. 2016</p> <p>162 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientadora: Mirna Feitoza Pereira Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Ecossistemas comunicacionais. 2. Linguagens da comunicação. 3. Espaços semióticos urbanos. 4. Prosamim. I. Pereira, Mirna Feitoza II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	--

BEATRIZ SILVA GOES

EXPLORAÇÕES SEMIÓTICAS DO PROSAMIM: UM ESTUDO  
ECOSSISTÊMICO DA COMUNICAÇÃO A PARTIR DA DINÂMICA  
DA SEMIOSE NO PARQUE RESIDENCIAL MANAUS E NO PARQUE  
RIO NEGRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração Ecossistemas Comunicacionais, linha de pesquisa Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais.

BANCA EXAMINADORA:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira (Presidente)  
Universidade Federal do Amazonas – Ufam

Prof. Dr. Otoni Moreira de Mesquita (Membro)  
Universidade Federal do Amazonas – Ufam

Prof. Dr. Wilson de Souza Nogueira (Membro)  
Universidade Federal do Amazonas – Ufam

EXPLORAÇÕES SEMIÓTICAS DO PROSAMIM: UM ESTUDO  
ECOSSISTÊMICO DA COMUNICAÇÃO A PARTIR DA DINÂMICA DA SEMIOSE  
NO PARQUE RESIDENCIAL MANAUS E NO PARQUE RIO NEGRO

Este exemplar corresponde à redação final da  
Dissertação devidamente corrigida e defendida por  
Beatriz Silva Goes e aprovada pela Banca  
Examinadora.

Manaus, AM, 20 de setembro de 2016.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira  
Orientadora

Prof. Dr. Otoni Moreira de Mesquita  
Membro

Prof. Dr. Wilson de Souza Nogueira  
Membro

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Neci e Vander, por todo o apoio que me deram durante toda a minha vida, e em especial, nestes últimos dois últimos anos de mestrado.

Ao meu namorado, Marcus Cordeiro, parceiro na vida e na academia, que sempre esteve ao mesmo lado nos momentos de dificuldade e que, com todo amor, paciência e carinho me ajudou a superar cada adversidade. Sem você, esta dissertação não seria possível.

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup>. Mirna Feitoza, pela generosidade e sobretudo, pela confiança.

À todos os professores do PPGCCOM/UFAM, em especial, aos professores Dr. Renan Freitas Pinto, Dr. Wilson Nogueira e Dr. Walmir Albuquerque, que sempre lembravam de mim ao ouvir falar do Prosamim e me indicavam leituras sobre o tema.

Aos colegas do PPGCCOM/UFAM com os quais compartilhei esta jornada acadêmica, em especial, ao Helder Mourão e à Suzan Monteverde, amigos parintinenses de alma vermelha.

À Hannah Pinheiro, pelo auxílio na construção dos diagramas que compõem essa dissertação.

À minha banca da qualificação, professor Dr. Renan Freitas Pinto e professora Dr<sup>a</sup>. Amélia Regina Nogueira, pelas contribuições que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À assessoria de comunicação da Unidade de Gerenciamento do Prosamim, pela disponibilização dos documentos e informações acerca do Parque Residencial Manaus e Parque Rio Negro.

Ao secretário do PPGCCOM/UFAM, Ranghel Souza, pela prestatividade.

À Fapeam, pela bolsa de pesquisa que me permitiu realizar este trabalho.

## Manaus

Manaus não é como as outras cidades  
Que se espreguiçam à beira do mar  
Todas as manhãs.  
Desde quando nasceu, acostumou-se  
A se banhar nas águas límpidas dos igarapés,  
Depois dormir uma sesta logo após  
Um almoço de curimatã com farinha-d'água  
E beber um vinho de buriti  
Numa cuia pitinga.  
Por isso sua pele é morena,  
Seus longos cabelos negros  
Cobrem a sua nudez e escondem seus ombros  
Tão bonitos que dá gosto de ver.  
Depois, mil gestos e sons cantam  
Uma cantiga de ninar, e os caruanas  
Do fundo das águas se incorporam à noite  
E velam seu sono para fazê-la feliz  
E entregá-la à nova aurora  
Que já vem vindo.

Moacir Andrade

## RESUMO

Esta dissertação tem como tema as explorações semióticas do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim) a partir de um estudo ecossistêmico da comunicação a partir da dinâmica da semiose no Parque Residencial Manaus e no Parque Rio Negro. De modo geral, o Prosamim é um programa de urbanização criado, em 2003, em Manaus, com recursos públicos e empréstimos do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Enquanto iniciativa instituída, o programa objetiva ajudar na solução dos problemas ambientais, urbanísticos e sociais que afetam a cidade de Manaus e seus habitantes, especificamente aqueles que vivem abaixo da cota de 30m de inundação, tomando como referência o nível do Rio Negro. Através do programa, ocorre a retirada das palafitas das margens dos igarapés de Manaus para a construção de parques e conjuntos habitacionais, que vão se erguendo no mesmo lugar onde antes existiam as moradias tipo palafitas. Interessará a nós, nesta dissertação, compreender o fenômeno comunicativo no Prosamim baseado na dinâmica da semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicacionais. Para isso, buscamos especificamente: (i) caracterizar o Prosamim em sua constituição enquanto memória urbanística da cidade de Manaus; (ii) discutir o caráter ecossistêmico do Prosamim em uma perspectiva semiótica e (iii) evidenciar a dinâmica das relações sógnicas envolvidas no ecossistema Prosamim por meio de uma discriminação semiótica de seu espaço. A compreensão do fenômeno comunicativo neste estudo fundamenta-se em pressupostos da Semiótica da Cultura e da epistemologia dos Ecossistemas Comunicacionais. O material coletado provém de uma pesquisa de campo realizada em duas unidades do Prosamim, durante o mês de fevereiro de 2016, com a produção de registros fotográficos do corpus de análise escolhido, a saber: o Parque Residencial Manaus e o Parque Rio Negro. Na coleta de dados foi utilizado também um diário de campo e foram estabelecidas algumas categorias para organizar a interpretação dos resultados. As explorações semióticas do Parque Residencial Manaus e do Parque Rio Negro foram estruturadas nas seguintes categorias: (i) em relação às linguagens envolvidas; (ii) em relação à memória da cultura urbanística e (iii) em relação ao ecossistema comunicacional. Por meio dessas categorias, foi possível elaborar três diagramas, em especial, no que se refere a conformação de ecossistemas comunicacionais nos espaços do Parque Rio Negro e do Parque Residencial Manaus. Os resultados encaminham para a interpretação do Prosamim - em suas unidades Parque Rio Negro e Parque Residencial Manaus – como ecossistemas comunicacionais constituídos de relações entre sistemas da cultura e da natureza na articulação de semioses no espaço desses projetos urbanísticos. Nesse sentido, a pesquisa conclui que a comunicação nesse espaço não ocorre de forma isolada, mas a partir da intersecção entre sistemas de signos na conformação de um ecossistema comunicacional de base semiótica.

**Palavras-Chave:** Ecossistemas comunicacionais. Linguagens da comunicação. Espaços semióticos urbanos. Pensamento Diagramático. Semiose. Manaus. Prosamim.

## ABSTRACT

This work has as its theme the semiotics explorations of the State of Amazonas Government intervention through the Social and Environmental Program of Igarapés Manaus (PROSAMIM) through an ecosystemic study of communication processes and how they generate semiosis in the Residential Park Manaus and Black River Park. Overall, the PROSAMIM is an urbanization program created in 2003, in Manaus, with public funds and loans from the Inter-American Development Bank. As a government initiative, the program aims to help solve environmental problems, urban and social issues that affect the city of Manaus and its inhabitants, especially those living below the 30m mark flood warning areas, with reference to the level of the Rio Negro. The program's objective is the removal of the stilts in the banks of river streams of Manaus to build parks and housing projects, constructed in the same place where before there were the stilts housing areas. Our aim in this work is to understand the communicative phenomenon present in PROSAMIM based on the dynamics of semiosis in an ecosystemic approach to communication processes. For this, we seek specifically: (i) to characterize the PROSAMIM in its constitution as an urban memory of the city of Manaus; (ii) to discuss the ecosystemic facet of PROSAMIM in a semiotic perspective and (iii) to demonstrate the dynamics of the relationships involved in a signical PROSAMIM ecosystem through a semiotic breakdown of its space. Our understanding for Communication in this study bases itself on theories of Cultural Semiotics and the epistemology of Communicational Ecosystems. The collected material comes from a field survey conducted in two units of PROSAMIM during the month of February 2016, with the production of photographic records for the corpus of analysis chosen, namely the Residential Park Manaus and Black River Park. For the data collection, a field diary was created, and we established some categories to organize data collection and interpretation of results. Semiotic explorations of Residential Park Manaus and Rio Negro Park were divided into the following categories: (i) in relation to the languages involved; (ii) in relation to the memory of the urbanistic culture, and (iii) in relation to the communicational ecosystem. Through these categories, it was possible to draw three diagrams, particularly in regards to the conformation of the communicational ecosystem in the Black River Park and Parque Residencial Manaus. The results refer to the interpretation of PROSAMIM - in units Rio Negro Park and Parque Residencial Manaus - as communicational ecosystems composed of relations between nature and culture systems in semiotic articulation within these urban projects. In this sense, the research concludes that communication in these spaces do not happen in isolation, but from the intersection between signs systems in the formation of a communicational ecosystem with a semiotics basis.

**Keywords:** Communicational Ecosystems. Communication languages. Urban semiotic spaces. Diagrammatic reasoning. Semiosis. Manaus. Prosamim.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Projeto para fachada do Teatro Amazonas.....	41
Figura 2: Igarapé do Espírito Santo, por baixo de uma ponte de madeira que ligava os bairros da Matriz e dos Remédios, antes das intervenções urbana do Presidente da Província Eduardo Ribeiro.....	43
Figura 3: Planta de Manaus produzida durante a administração de Eduardo Ribeiro, com destaque para seu traçado de aparência homogênea.....	47
Figura 4: Cartão-postal de Manaus da década de 60 com vista geral da Cidade Flutuante.....	49
Figura 5: Palafitas do igarapé de São Raimundo.....	53
Figura 6: Vista geral do Parque Residencial Manaus, conjunto habitacional construído no âmbito do Prosamim.....	54
Figura 7: Imagem geral do Parque Rio Negro, parque construído no âmbito do Prosamim.....	55
Figura 8: Vista superior da área central da cidade, com destaque para a localização do Parque Residencial Manaus.....	89
Figura 9: Vista geral do Parque Residencial Manaus.....	90
Figura 10: Via principal do Parque Residencial Manaus.....	90
Figura 11: Blocos de apartamentos.....	91
Figura 12: Delimitação do Igarapé de Manaus .....	92
Figura 13: Imagem geral do Parque Rio Negro.....	94
Figura 14: À esquerda, quiosques de venda de alimentos e no fundo da imagem, o igarapé de São Raimundo e a ponte Senador Fábio Lucena.....	94
Figura 15: Mirante do Parque Rio Negro.....	95
Figura 16: Vista superior da zona oeste da cidade, com destaque para a localização do Parque Rio Negro.....	95
Figura 17: Delimitação da bacia hidrográfica do São Raimundo.....	96
Figura 18: Mapa da área da Quadra I do Parque Residencial Manaus.....	104
Figura 19: Mapa da área da Quadra II do Parque Residencial Manaus.....	105
Figura 20: Mapa da área da Quadra III do Parque Residencial Manaus.....	106
Figura 21: Quadra esportiva construída no Parque Residencial Manaus.....	107
Figura 22: Espaço para convivência na quadra II do Parque Residencial Manaus.....	107
Figura 23: Modelo duplex do Parque Residencial Manaus.....	109
Figura 24: Modelo de andar único do Parque Residencial Gilberto Mestrinho, localizado no bairro da Cachoeirinha.....	109
Figura 25: Tijolos aparentes no Parque Residencial Manaus.....	109
Figura 26: Igarapé Manaus antes da construção do Parque Residencial Manaus.....	113
Figura 27: Via principal do Parque Residencial Manaus após aterramento em galeria do Igarapé Manaus.....	113
Figura 28: Trecho do Parque Residencial Manaus em fase de construção.....	114
Figura 29: Bloco de apartamento do Parque Residencial.....	116
Figura 30: Diagrama do ecossistema comunicacional do Parque Residencial Manaus..	122
Figura 31: Gazebo.....	126
Figura 32: Pergolado.....	127
Figura 33: Acessos 2, 3 e 4 do Parque, em sentido horário.....	127
Figura 34: Planta com visão geral do Parque Rio Negro.....	128

Figura 35: Legenda da planta do Parque Rio Negro com destaque para a nomenclatura de seus equipamentos urbanísticos.....	129
Figura 36: Placa da academia ao ar livre e academia ao ar livre, respectivamente.....	130
Figura 37: Pista de caminhada.....	131
Figura 38: Mosaico com imagens do espaço de recreação infantil.....	132
Figura 39: Mirante.....	134
Figura 40: Praça da Flora Amazônica.....	135
Figura 41: Praça dos Ventos.....	135
Figura 42: Praça das Águas.....	136
Figura 43: Praça do Sol.....	136
Figura 44: Ponto de venda de alimentos dentro do Parque Rio Negro.....	138
Figura 45: Ao fundo, pontos de vendas de alimentos dentro do Parque Rio Negro.....	138
Figura 46: À esquerda, lanchonetes improvisadas que cercam o Parque Rio Negro.....	139
Figuras 47: Mosaico com imagens das placas de sinalização.....	139
Figura 48: Bancos de madeira.....	140
Figura 49: Imagem produzida sobre a ponte a ponte Senador Fábio Lucena. À direita, percebe-se o lixo acumulado ao fundo.....	142
Figura 50: Imagem produzida de dentro do Parque Rio Negro mostrando o aumento no volume de águas do igarapé de São Raimundo.....	142
Figura 51: Incidência dos raios solares sobre o Parque Rio Negro.....	143
Figura 52: Muro de fechamento do Parque Rio Negro.....	145
Figura 53: Gradil de fechamento do Parque Rio Negro.....	145
Figura 54: Diagrama das fronteiras semióticas do Parque Rio Negro.....	146
Figura 55: Diagrama do ecossistema comunicacional do Parque Rio Negro.....	149

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
PERCURSO METODOLÓGICO .....	29
CAPÍTULO 1. MEMÓRIA URBANÍSTICA DA RELAÇÃO DA CIDADE DE MANAUS COM AS ÁGUAS.....	37
1.1 Panorama das intervenções urbanas nos igarapés de Manaus.....	38
1.2 Caracterizações do Prosamim.....	52
CAPÍTULO 2. FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DO ECOSISTEMA COMUNICACIONAL DO PROSAMIM.....	58
2.1 Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais .....	60
2.2 Contribuições da Semiótica da Cultura para compreensão dos ecossistemas comunicacionais.....	72
CAPÍTULO 3. COMUNICAÇÃO E SEMIOSE NO ESPAÇO DO PROSAMIM.....	82
3.1 O parque.....	84
3.2 O local da pesquisa: Parque Residencial Manaus.....	88
3.3 O local da pesquisa: Parque Rio Negro.....	93
3.4 Organização dos dados.....	98
3.5 Explorações semióticas do Parque Residencial Manaus.....	101
3.5.1 Em relação às linguagens envolvidas.....	102
3.5.2 Em relação à memória da cultura urbanística.....	117
3.5.3 Em relação ao ecossistema comunicacional.....	119
3.6 Explorações semióticas do Parque Rio Negro.....	123
3.6.1 Em relação às linguagens envolvidas.....	124
3.6.2 Em relação à memória da cultura urbanística.....	147
3.6.3 Em relação ao ecossistema comunicacional.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	154

## INTRODUÇÃO

De modo geral, o Prosamim é um programa de urbanização criado, em 2003, em Manaus, com recursos públicos e empréstimos do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Enquanto iniciativa instituída, o programa objetiva ajudar na solução dos problemas ambientais, urbanísticos e sociais que afetam a cidade de Manaus e seus habitantes, especificamente aqueles que vivem abaixo da cota de 30m de inundação, tomando como referência o nível do Rio Negro (O PROGRAMA, 2015). Através do programa, desde 2006, ocorre a retirada das palafitas das margens dos igarapés de Manaus para a construção de parques e conjuntos habitacionais, que vão se erguendo no mesmo lugar onde antes existiam as moradias tipo palafitas. Palafitas são moradias que acompanham o ciclo das águas da região da Amazônica devido a sua sustentação por estacas de madeira na vertical, na profundidade do igarapé (MENEHINI, 2012).

Estima-se que, antes do Prosamim somente nos igarapés da Bacia Educandos-Quarenta, moravam 7 mil famílias (36 mil pessoas) em palafitas (ROSSIN, 2008). Até 2012, foram beneficiadas 69.640 pessoas pelo Prosamim, impulsionadas pela construção de 2.001 moradias, sete parques com áreas verdes para lazer e novas vias de escoamento em 15 bairros onde o programa possui intervenções de obras em Manaus (HISTÓRICO DO PROSAMIM, 2016). Hoje o Prosamim além de remover as famílias que moravam nas margens dos igarapés de Manaus para conjuntos populares mais distantes do centro da cidade – como os Conjuntos Nova Cidade e João Paulo II na zona leste – reassenta as famílias em conjuntos habitacionais construídos sobre os antigos igarapés ou oferece um bônus moradia de 21 mil reais em forma de indenização para aquelas pessoas que preferem adquirir uma casa por conta própria na capital. Engrossando essas intervenções urbanas, encontram-se parques construídos em diferentes bairros de Manaus no âmbito do Prosamim, destinados principalmente ao lazer, tal como o Parque Senador Jefferson Péres e o Parque Desembargador Paulo Jacob, no Centro, o Parque Largo do Mestre Chico, entre os bairros Cachoeirinha e Educandos, e o Parque Rio Negro, no São Raimundo. Devemos mencionar ainda, que essas intervenções realizadas pelo Governo do Estado do Amazonas, em Manaus, através do Prosamim, nos mostram que esse programa movimenta toda a cidade a partir de sua implementação. Entendemos que o advento do Prosamim mobilizou, por toda a cidade, uma série de obras por parte do

Governo do Estado do Amazonas, na medida em que engendrou a construção de conjuntos residenciais e parques urbanos em diferentes zonas da capital, além de deslocamentos de famílias das margens dos igarapés tanto para unidades habitacionais no próprio centro da cidade e em bairros vizinhos como para casas populares na zona leste.

Dito isto, cabe elaborar uma digressão sobre como entrei, pela primeira vez, em contato com o Prosamim. Entrei em contato com o programa, pela primeira vez, em 2007, como estudante de Turismo. Nesse ano, como parte das atividades da disciplina “Planejamento e Organização de Eventos”, presente na grade do curso de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), tinha como tarefa, juntamente com o resto da turma, promover a festa de Dia das Crianças para os moradores dos conjuntos habitacionais do Parque Residencial Manaus, primeira unidade edificada no âmbito do Prosamim. O Dia das Crianças compunha o calendário de eventos da UEA e proporcionava interação entre alunos, professores e comunidade como uma forma de a universidade retornar à sociedade os investimentos que o Governo do Estado do Amazonas colocava na educação em nível superior no Estado. Ao colaborar para a realização da festa do Dia das Crianças do Parque Residencial Manaus pude lançar um olhar sobre o Prosamim – ainda que, nesse momento, esse olhar viesse de uma perspectiva de uma estudante de Turismo. Apesar, contudo, de não realizar hoje um estudo do Prosamim no âmbito do Turismo, ele se encontra no horizonte constantemente, já que o primeiro estranhamento com o objeto veio da minha vivência como estudante naquele momento.

O segundo estranhamento com o Prosamim e, em especial, com a cidade de Manaus, veio de uma experiência recente de problematização do espaço urbano a partir de seus processos comunicacionais. Em 2012, ainda cursando a Graduação em Jornalismo, na Universidade Federal do Amazonas, desenvolvi, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira, a iniciação científica “Notícias em trânsito: a comunicação da notícia no jornalismo impresso a partir da dinâmica do espaço urbano” no âmbito do projeto de pesquisa “Espaços semióticos urbanos: um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano na dinâmica do sistema de signos” também coordenado pela Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira. O desafio, proposto a nível do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), encontrava-se em compreender de que modo a comunicação da notícia do jornalismo impresso se dava em meio aos cruzamentos da cidade de Manaus. Naquele momento, aquela iniciação científica ganhava sua importância devido ao consumo expressivo que se dava de jornais

impressos no espaço do trânsito, ou seja, através do anúncio feito por jornalheiros em meio a grandes fluxos de veículos. A experiência de campo nos cruzamentos de Manaus levou-me a propor um projeto de mestrado que me levasse a pensar sobre a cidade de Manaus como um campo rico para a análise e observação dos fenômenos comunicativos.

Vale ressaltar que o uso de políticas de reordenamento urbano como instrumento para intervenção drástica na cidade não é uma prática exclusiva de Manaus. Iniciativas como o Prosamim, no que se refere ao reassentamento de famílias de regiões singulares da cidade, já foram realizadas em outras grandes capitais brasileiras, como Recife e Belém.

Recife, ao longo de todo século XX, assim como Manaus, foi palco de planos de urbanização, de vereditos sobre seus problemas urbanos e de propostas de realização de intervenções em áreas específicas. Desde 2003, na capital pernambucana, pode-se citar o caso do “Programa Recife sem Palafitas” (PRsP), da Prefeitura do Recife (PR) em parceria com o Ministério das Cidades, que tem por objetivo “reorganizar” o espaço da cidade com ações urbanísticas, ambientais, culturais e socioeconômicas que incluem o deslocamento das famílias que moram no entorno da orla do bairro Brasília Teimosa e do rio Capibaribe. Sua atuação foi articulada com outros programas da Prefeitura, como o “Capibaribe melhor” (nome dado em alusão a rio de mesmo nome situado majoritariamente no centro de Recife). “Nos seus primeiros anos de atuação, o Programa retirou cerca de 2.428 famílias situadas, sobretudo, às margens do rio Capibaribe [...] e orla oceânica do bairro Brasília Teimosa. Para abrigar as famílias daqueles lugares, construíram-se quatro conjuntos” (CASTILHO; LEANDRO, 2012, p.12).

Em Belém, as populações de baixa renda têm buscado alternativas de moradia ao longo de todo o processo de ocupação urbana da cidade. Posta de lado no processo formal de acesso à terra, essa população empobrecida passou, então, a se dirigir para as áreas de várzea próximas ao centro da capital. A Prefeitura Municipal de Belém (PMB), em contrapartida, tem visto nos projetos de macrodrenagem a solução para “integrar” as baixadas à cidade. As baixadas foi o nome dado a essas áreas de intervenção do poder público. A expressão “faz referência aos aspectos físicos do relevo, associados ao local de moradia de população pobre e informal” (LEÃO, 2014, p.3). Nesse sentido, em 2006, a PMB iniciou o projeto de urbanização e macrodrenagem da bacia da Estrada Nova (quinta maior bacia hidrográfica de Belém) que previa, entre outras coisas, a edificação de uma “nova orla” do Rio Guamá. A proposta intitulada “Portal Amazônia” foi integrada

ao projeto de macrodrenagem da bacia Estrada Nova já que pedaços da bacia da Estrada Nova fazem parte do Rio Guamá.

Delineado o quadro de intervenções urbanas que acontecem em outras cidades do País, além de Manaus, é possível também observar como as pesquisas sobre Manaus e o Prosamim se orientam quanto aos seus temas. A cidade de Manaus é ponto central de investigação de um vasto conjunto de pesquisas, realizadas nas mais diferentes áreas do conhecimento. Sua paisagem é frequentemente utilizada como objeto de estudo, fruto de um imbricado de transformações de grande impacto sofridas pela capital, em diversos momentos de sua história, não só no âmbito social e ambiental, mas especialmente, em sua área espacial. Nesse sentido, os trabalhos que compõem esta revisão bibliográfica estão relacionados, não apenas pelo fato de terem como objeto de estudo a cidade de Manaus e o Prosamim, mas também por terem sido realizados a partir da perspectiva de análise das mudanças estruturais sofridas pela capital ao longo de sua história. No entanto, convém ressaltar, que percebemos uma carência de estudos sobre o Prosamim no que diz respeito às questões referentes a seus processos comunicacionais. Geralmente, as pesquisas que trabalham com o tema se atêm nos desafios e consequências de sua implementação no que concerne à infraestrutura e saneamento (ARAÚJO, 2011; QUEIROZ, 2009), na nova realidade vivenciada pelas famílias reassentadas (LE MOS, 2010; MENEGHINI, 2012; PINHEIRO, 2008) ou nos conflitos socioambientais urbanos resultantes do Prosamim (BATISTA, 2013). Diferente das pesquisas citadas acima, nesta dissertação, buscamos realizar um estudo da comunicação no Prosamim a partir do desenvolvimento de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos.

O estudo da pesquisadora Elizangela Francisca Sena de Araújo (2011) contribui para a reflexão sobre os impactos arquitetônicos e urbanísticos trazidos pelo Prosamim, ao analisar o processo de reorganização espacial da cidade na área de intervenção da primeira fase do programa, a Bacia Educandos-Quarenta, zona sul. A recuperação ambiental das áreas dos igarapés parecia ser o objetivo do projeto urbanístico, mas a criação de espaços artificiais, continuou como caminho de combate ao ambiente natural, segundo Araújo. “Se a finalidade do programa é a recuperação ambiental nas áreas de igarapés [...], realmente não se concebe o fato da permanência das famílias no mesmo local” (ARAÚJO, 2011, p. 105-106), concluiu a pesquisadora ao apontar para a necessidade de recomposição da paisagem natural desses pequenos rios amazônicos.

Na pesquisa realizada por Araújo (2011), a arquitetura produzida pelo Prosamim é examinada em sua capacidade de auxílio ao equilíbrio urbano na capital amazonense, uma vez que a partir de sua instauração, altera-se a organização espacial da cidade. Trata-se, portanto, de uma análise das mudanças ocorridas na capital devido a implementação do Prosamim, no que tange “os impactos arquitetônicos como as mudanças de habitação, funcionalidades e normas legais e específicas para construção dessas habitações e seus efeitos tipológicos e estéticos sobre a paisagem de Manaus” (ARAÚJO, 2011, p.15). As características das áreas de intervenção do programa e as consequências de suas ações no espaço da cidade para o restante do contexto urbano são elementos importantes no trabalho de Araújo que chega a uma interpretação crítica das moradias produzidas no âmbito do Prosamim: “a arquitetura produzida não considera de fato as sensações e desejos do sujeito na construção desse espaço e, sim, o que vale é a produção em série desse mesmo espaço” (ARAÚJO, 2011, p.106).

Na mesma direção, a pesquisa de Aldenira Rodrigues Queiroz (2009) aborda os desafios de implementação do Prosamim e seus primeiros impactos ambientais através de um estudo de sua área piloto, formada pelas intervenções implementadas no Igarapé do Bombeamento, na Bacia Hidrográfica do São Raimundo e no Igarapé do Quarenta, localizado na Bacia Hidrográfica do Educandos. O objetivo, conforme a autora, é: “avaliar em função dos aspectos ambientais, os avanços, as dificuldades e as deficiências do Prosamim e sua relação com as questões de infraestrutura de saneamento básico (esgoto, água, drenagem e lixo)” (QUEIROZ, 2009, p.7). Na dissertação, utiliza como base dados secundários fornecidos pela Unidade Gestora do Prosamim e faz uma análise do Estudo de Impacto Ambiental da área teste do programa.

A autora trabalha com a pesquisa documental para o levantamento qualitativo dos dados, revelando suas inferências acerca dos erros e acertos do Prosamim, no que diz respeito à preservação dos recursos naturais do espaço da cidade e a melhoria da qualidade de vida dos reassentados desse projeto urbanístico. “O programa, sobretudo, contribui para reduzir as assimetrias sociais e espaciais, promovendo maior equidade no acesso a serviços e bens públicos, fundamentais para a população local” (QUEIROZ, 2009, p. 118). Do ponto de vista dos impactos ambientais, a autora conclui que “o programa vem contribuindo significativamente para a requalificação ambiental e urbanística da área, com particular incidência sobre o desenvolvimento do centro urbano” (QUEIROZ, 2009, p. 117).

No contexto da mudança de realidade sofrida pelos moradores reassentados do Prosamim, Janeth de Araújo Lemos (2010), faz um estudo com os moradores do conjunto habitacional edificado sobre o Igarapé de Manaus, o Parque Residencial Manaus, localizado no centro da capital. Ao passo que cada vez mais pessoas fazem a transição de moradia – das palafitas ao conjunto padronizados do Prosamim -, aparecem novos aspectos a serem analisados a partir da perspectiva dos indivíduos que vivem essa mudança, segundo a autora. Um dos problemas, como é explicitado por Lemos é: “essa mudança de espaço e lugar trouxe à cidade um cenário diferente, esteticamente bonito e organizado. Mas como essa transição foi concebida e vivida pelos moradores?” (LEMOS, 2010, p.7). A autora preocupa-se essencialmente com os novos dilemas vividos pelos reassentados do Prosamim quanto ao seu novo status social adquirido com a posse da casa própria, às novas relações de vizinhança e o estabelecimento de compromissos socioambientais com o novo lugar de moradia.

Na dissertação de Lemos (2010) é possível encontrar uma exploração do Parque Residencial Manaus voltada para seus moradores que são entrevistados pela pesquisadora com o objetivo de compreender seu cotidiano em suas relações com o seu novo ambiente de moradia e com a vizinhança. A autora destaca que o Prosamim é um exemplo de uma nova forma de morar que auxilia as pessoas na reconstrução de novas sociabilidades e um novo modo de vida nesse espaço habitacional em Manaus e acrescenta: “Os moradores se sentem autovalorizados no novo ambiente, onde agora possuem nova identidade social de cidadão morador, com equidade social e possuidor de direitos e deveres, fato que possibilita sua inclusão social” (LEMOS, 2010, p.7)

O processo de pós-reassentamento do Prosamim é foco também do relato etnográfico de Marcia Elisa Meneghini (2012), que, a partir de uma análise do curso de etiqueta urbana e social promovido pelos técnicos do Governo do Estado do Amazonas ao reassentados do Prosamim, investiga as práticas de promoção de uma nova etiqueta no âmbito desse programa. Aqui nota-se uma ultrapassagem de somente um programa de reassentamento de famílias para um programa que leva em conta, também, ações relativas à responsabilidade ambiental, inclusão social, geração de emprego, cidadania e educação. O tópico da perspectiva dos moradores após a transição de moradia (incluindo o dia a dia no Prosamim e a relação dos técnicos do Governo do Estado do Amazonas com os reassentados) assume relevo, como no estudo anterior.

A autora chama de etapa de acompanhamento pós-reassentamento do Prosamim, “as iniciativas de difusão desse novo comportamento, manifesto no suporte para

readaptação das famílias e expresso na promoção de práticas de normalização das convivências entre vizinhos e com o meio ambiente” (MENECHINI, 2012, p.12). Meneghini (2012) destaca que os técnicos do Governo do Estado do Amazonas permaneciam no Prosamim, na sua unidade do Parque Residencial Manaus, cerca de quatro anos após a inauguração desse conjunto habitacional e com ajuda da unidade gestora do programa, estabeleciam modelos de comportamento para os moradores. Esses novos modelos de comportamento destacavam certos tipos de conduta com mais adequadas aos moradores agora que eles possuíam uma “casa digna”. “Estender roupas nas janelas e varandas. Fazer “puxadinho”. Ouvir música em alto volume” [...] Esses eram considerados “hábitos de igarapé”, condenados nos cursos e discursos dos técnicos” (MENECHINI, 2012, p.143).

No mesmo eixo do pós-reassentamento pode-se incluir o trabalho de Lady Mariana Siqueira Pinheiro (2008), que aborda, pela perspectiva da mulher, a (re)produção do espaço urbano a partir do remanejamento de famílias para os conjuntos do Prosamim. Narra a presença de especificidades no olhar da mulher nessa etapa de pós-mudança de moradia, dando uma contribuição diferenciada para os estudos de gênero e cidade. Para a autora, a mulher apropria o espaço urbano do Prosamim de maneira distinta devido à sua própria contextualização de vida que é espelho de um conjunto de “condutas e comportamentos já cristalizados nas relações sociais, denotando, assim, as especificidades de gênero, sendo imprescindível ver a realidade da mulher como resultante da significação das relações de poder entre homens e mulheres” (PINHEIRO, 2008, p.19).

A indicação que faz Pinheiro (2008) é de que homens e mulheres são afetados de formas distintas pelo remanejamento de moradia decorrente do Prosamim, uma vez que as mulheres exerceriam um papel mais central nas famílias levando-as a sofrer mais com as mudanças em seu entorno. Para ela, pouca importância foi dada pelo Governo do Estado do Amazonas aos impactos no cotidiano sofridos pelas famílias reassentadas pelo Prosamim, principalmente, no que diz respeito às mulheres. A partir de uma análise de dados, Pinheiro argumenta que apesar de as mulheres apresentarem-se satisfeitas com a nova moradia, mostravam-se insatisfeitas com a rede de serviços públicos nas imediações do Prosamim que não ofereciam “acesso a serviços de saúde voltados especificamente para a saúde da mulher e a precariedade do transporte público e do abastecimento de água (PINHEIRO, 2008, p.8).

Selma Paula Maciel Batista (2013) contribui ao debate, com a perspectiva da injustiça socioambiental implicada na noção de inadequação do modelo habitacional erguido pelo Prosamim às especificidades da cidade de Manaus. A autora afirma que “apesar da obra estar de acordo com o parâmetro do uso e ocupação do solo proposto no plano diretor da cidade [...] não se levou em conta o clima quente e úmido da cidade de Manaus” (BATISTA, 2013, p.1412). Os impactos negativos resultantes das obras do Prosamim tornam-se visíveis, segundo a autora, também nos recursos hídricos da cidade. Cursos d’água foram canalizados e áreas de mata ciliar aterradas ao invés de uma revitalização hídrica da área, comprometendo, assim, a continuação de um ciclo hidrológico natural.

Acompanhando os efeitos pós-reassentamento do Prosamim a partir de uma abordagem socioambiental, Batista (2013) engendra uma reflexão sobre os recursos hídricos do ambiente urbano da capital amazonense. As análises da autora incidem sobretudo sobre os remanejados em unidades habitacionais do Parque Residencial Manaus e sobre os deslocados para casas populares dos conjuntos habitacionais João Paulo II, Cidadão V, Nova Cidade e Cidadão IX, conhecido como Presidente Lula. Nesse contexto, a geógrafa destaca que “planejar a cidade, desfocando o olhar da categoria da zona urbana [...] para bacia ambiental, garantirá ver a essência da natureza na cidade, vislumbrando o equilíbrio do ambiente natural para o bem-estar humano” (BATISTA, 2013, p.273). Nesse sentido, torna-se explícito a importância estratégica das Bacias Hidrográficas de Manaus para a qualidade da fauna aquática, dos ecossistemas e das relações das populações humanas. A autora, dessa forma, percebe a malha hídrica de Manaus “como uma oportunidade para a elaboração de projetos urbanísticos inovadores e comprometidos com a temática ambiental em escala global, capaz de recuperar “a qualidade das águas com valorização deste elemento na dinâmica das cidades” (BATISTA, 2013, p.165).

A seguir, constam estudos que buscam problematizar a cidade de Manaus como espaço de comunicação. Estes foram incluídos com o intuito de mostrar a expansão das discussões científicas na área, que já não se voltam apenas para os meios de comunicação. Moradias vernaculares, arte urbana, mídia exterior, são vários os eixos adotados pelos autores na busca de evidências da presença de relações comunicativas no espaço urbano. Mais do que trazer novos ângulos para os estudos sobre o Prosamim e a cidade de Manaus, buscamos com a apresentação destes trabalhos refletir sobre os diálogos entre comunicação e cidade para que possamos, no segundo capítulo desta dissertação,

desenvolvermos com maior profundidade fundamentos teóricos que nos ajudarão a construir um olhar comunicacional sobre a dinâmica do Prosamim, fenômeno que estamos investigando.

A presente pesquisa está inserida em um contexto mais amplo de investigações, estas, por sua vez, realizadas, a partir de 2008, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira, e que tiveram como objetivo o estudo dos espaços semióticos urbanos de Manaus, possibilitando uma compreensão da relevância da cidade como objeto de conhecimento da Comunicação (Goes, Pereira, inédito; Barros, Pereira, Castro, 2008; Barros, Pereira, Castro, 2009; Pereira 2008a; Pereira 2008b; Silva, 2008; Silva, Pereira, Alho 2008; Pereira, Silva, Barros, 2011; Araújo, 2013; Goes, Pereira, 2012; Goes, Pereira, 2011a; Goes, Pereira 2011b; Leonel, Pereira, 2013; Teófilo, Pereira, 2011; Teófilo, Pereira, Lopes, 2011). As ideias presentes, nos referidos trabalhos, convergem para uma problematização da cidade de Manaus como espaço de comunicação. Nesse contexto, projeto precursor (Pereira, 2008a) já havia sido desenvolvido acerca das palafitas da cidade de Manaus com a proposição de adoção do conceito de texto cultura para o estudo da relevância cultural dessas habitações na cultura da região (GOES; PEREIRA, inédito).

Pereira; Silva; Barros (2011) valem-se do arcabouço teórico da Semiótica da Cultura para abordar a arquitetura das palafitas encontradas nos igarapés do Franco, de Educandos e de São Raimundo como textos culturais da Amazônia. O objetivo, como é explicitado pelos autores, é compreender essas habitações como “textos da cultura amazônica, isto é, como formações portadoras de sentido que resultam do encontro conflituoso e produtivo dos sistemas culturais” (PEREIRA; SILVA; BARROS, 2011, p.20). Partindo dessa conceituação, os autores esclarecem que a proposta é de que a identificação dos “sentidos gerados pelas palafitas ao longo do desenvolvimento urbano da cidade de Manaus (tais como os relacionados às desigualdades sociais, aos problemas ambientais, sanitários e urbanísticos)” (PEREIRA; SILVA; BARROS, 2011, p.24). Aqui é necessário apontar que os autores chegam, a partir de um pesquisa de campo com interpretações semióticas dos dados coletados, a um entendimento acerca dessas moradias, que segundo Pereira; Silva; Barros (2011, p.24), “aparecem como texto articulado a partir do encontro entre duas culturas: a cultura ribeirinha cabocla e a cultura urbana”.

Em outro estudo que também explora a cidade de Manaus como espaço de produção de comunicação, Teófilo; Pereira; Lopes (2011) discorrem sobre o grafite como

uma produção de linguagens formadas por sistemas de signos que influem no espaço da cidade. Os autores colocam em questão a linguagem do grafite a partir das intervenções do espaço urbano. Com o uso de um detalhado material colhido em pesquisa de campo realizada nas Avenida Constantino Nery e Djalma Batista (vias arteriais de Manaus) e, a partir do contato com os grafites espalhados por estas avenidas, os autores problematizam esta arte urbana como uma linguagem genuína da cidade. “Entende-se o grafite como produção de linguagem constituída por sistemas de signos no espaço da cidade, que se manifestam em muros, fachadas, paredes [...]. Compreende-se ainda, o grafite como forma de expressão artística contemporânea” (TEÓFILO; PEREIRA; LOPES, 2011, p.3).

Na relação entre espaço semiótico, arte e espaço geográfico, os autores seguem os fundamentos teóricos da semiótica da cultura pensando o grafite “como produção de linguagem codificada por sistemas de signos em pleno espaço da cidade”, da arte da performance ao refletir sobre o grafite “como manifestação artística visual” e da natureza do espaço geográfico ao tratar das interferências do grafite no espaço urbano físico da cidade (TEÓFILO; PEREIRA; LOPES, 2011, p.7). Em outras palavras, os autores seguem a linha de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa para compreender de que modo a cidade de Manaus interfere na atuação das linguagens do grafite. Assim, traçam um paralelo com o conceito de semiose de Charles Sanders Peirce, em um entendimento da comunicação no desenvolvimento de sua semiose, ou seja, da “interatividade dialógica entre as diversas linguagens presentes no espaço semiótico”, através da qual a cidade ganha dinamicidade comunicativa (TEÓFILO; PEREIRA; LOPES, 2011, p.18). Na argumentação apresentada por Teófilo, Pereira, Lopes (2011) fica clara a necessidade de reflexão sobre o espaço da cidade de Manaus como um espaço de comunicação, uma vez que “o grafite está relacionado com todo um sistema de relações” (TEÓFILO; PEREIRA; LOPES, 2011, p.38).

Francelle Santos Araújo (2013) recupera algumas questões do estudo comentado acima, contudo, concentra seu recorte nas relações de comunicação entre mídia exterior e espaço urbano. Em razão disso, a autora traça uma discussão sobre o modo com que a mídia exterior (painel, homem-seta e bandeirada de empreendimentos imobiliários) dialoga com a capital amazonense e oferece pistas para compreender a comunicação além de uma visão linear que possibilita uma reflexão sobre os ecossistemas comunicacionais. “Entender a publicidade em uma visão ecossistêmica é compreender que os processos comunicacionais nela envolvidos constituem um complexo sistema de relações desenvolvido no ambiente da cidade” (ARAÚJO, 2013, p.53). Com efeito, os diálogos

comunicativos entre as categorias mídia exterior e cidade evidenciam a existência de um ecossistema comunicacional que permite que as mensagens dispostas no âmbito urbano, como as da publicidade, coexistam com uma paisagem que as sustenta.

Na pesquisa realizada por Araújo (2013), são estabelecidas três categorias para análise dos processos comunicativos engendrados pela mídia exterior: (i) o ecossistema comunicativo em relação ao espaço urbano; (ii) o ecossistema comunicativo em relação à sua linguagem e (iii) o ecossistema comunicativo em relação à mídia observada. Assim, ela percorre essas categorias adotadas para a organização de sua experiência de campo para “reconhecer as relações envolvidas no diálogo entre mídia exterior dos empreendimentos imobiliários com o espaço da cidade” (ARAÚJO, 2013, p.11), refletindo sobre a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais para a compreensão das relações sistêmicas entre o ambiente urbano e a publicidade na capital amazonense. Através do uso do formulário como instrumento para coleta de dados e análise interpretativa do fenômeno estudado, a autora demonstra a conformação de um ecossistema comunicacional de base semiótica nos dois empreendimentos imobiliários de Manaus escolhidos para amostragem de sua pesquisa (Reserva Inglesa Condomínio Parque e Reflexo Residencial Luzes).

A observação da dinâmica do trânsito da cidade de Manaus a partir da problematização da comunicação da notícia do jornal impresso nos cruzamentos da capital amazonense serviu como ponto de partida para uma pesquisa realizada anteriormente em nível de iniciação científica sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira. A questão proposta era de verificar de que modo ocorria o processo da comunicação da notícia do jornal impresso no espaço do trânsito de Manaus. É nesse sentido que tratamos de uma hipótese operada pela circulação de jornais impressos no espaço dos cruzamentos das avenidas Djalma Batista e Constantino Nery – vias arteriais que ligavam a região central às zonas periféricas da cidade –, na qual a comunicação ganharia concretude a partir das interferências do espaço urbano. “O trânsito, no momento em que os veículos se enfileiram em [...] cruzamentos, constitui um espaço de comunicação no qual funcionam linguagens, entre as quais, as notícias anunciadas pelos jornais diários” (GOES; PEREIRA, 2012, p.2).

Na abordagem empreendida elegemos três categorias para organização da experiência de campo: (i) a faixa de pedestres; (ii) o semáforo e o (iii) sentido do fluxo de veículos. Todas as categorias foram adotadas no intuito de evidenciar, na dinâmica dos cruzamentos das Avenidas Djalma Batista e Constantino Nery, as condições que

interferiam na comunicação da notícia. Em linhas gerais, chegamos à conclusão de que a comunicação da notícia do jornalismo impresso nos cruzamentos em Manaus é fruto das relações comunicativas interdependentes que se estabelecem entre o espaço geográfico e o espaço semiótico na capital amazonense. A faixa de pedestres e o semáforo seriam elementos componentes do espaço semiótico do cruzamento e o sentido do fluxo de veículos seria ponto de interferência do espaço geográfico na comunicação do jornal impresso no trânsito de Manaus.

“Comunicação e semiose no espaço do Prosamim” foram os temas em comum nas quatro pesquisas mencionadas acima. Partindo dessa trilha de trabalhos, assumimos como objetivo geral para esta dissertação compreender a comunicação no Prosamim no desenvolvimento de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos, buscando também apresentar uma reflexão sobre as transformações nos processos de comunicação em Manaus. O que chama a atenção e nos interessa é a busca da pertinência da cidade como espaço de comunicação atravessado por processos comunicacionais e práticas semióticas que dão forma à experiência nos grandes centros urbanos – e, neste caso, no Prosamim na cidade de Manaus.

Nesse contexto, neste século XXI olhamos para Manaus e refletimos sobre as vastas transformações pelas quais a cidade vem passando desde os seus primórdios, enquanto forte, até a contemporaneidade, enquanto metrópole. Acreditamos, nesse sentido, que é necessário compreender as formas de suas transformações ao longo dos anos para analisar de maneira crítica e redimensionada, no presente, as intervenções que estão sendo feitas na capital, entre elas, os projetos de urbanização dos igarapés, como o Prosamim. Além de proporcionar uma compreensão mais profunda sobre o objeto estudado, esta linha de raciocínio permitiu traçarmos os primeiros encaminhamentos necessários para fazermos um tecido semiótico do Prosamim.

É por esta razão que nesta pesquisa situamos a cidade de Manaus a partir de uma memória de suas intervenções urbanísticas. Trata-se, assim, de uma apresentação do fenômeno que aqui está sendo estudado: o Prosamim mediante uma busca de sua constituição enquanto memória urbanística da cidade. Nesse sentido, considerando que o Prosamim carrega uma ancestralidade dentro da cultura urbanística da cidade de Manaus, a proposta é considerar isso e ir atrás da memória desse programa. Mais concretamente, serão abordadas as políticas de urbanização que têm se sucedido em Manaus desde o século XIX, com destaque especial para a caracterização do Prosamim. Para efetivar essas estratégias, elegemos as águas como ponto central das reflexões apresentadas.

Acreditamos que a reflexão sobre a memória urbanística da relação da cidade de Manaus com as águas tem-se mostrado cada vez mais pertinente, devido ao grande impacto sofrido pelos cursos d'água manauaras, ao longo dos séculos, mediante o estabelecimento de intervenções urbanas que focavam diretamente na sua eliminação.

Convém citar ainda, que a memória que tratamos nesta pesquisa não é uma memória histórica, visto que ela não remete apenas para o passado; ela se atualiza para encontrar-se no presente. É nesse sentido que entendemos a memória do Prosamim a partir da perspectiva da Semiótica da Cultura, na qual a memória está relacionada à informação e à sua ancestralidade dentro da cultura, conforme detalharemos no segundo capítulo. Dessa forma, se chamamos a atenção para a ancestralidade da memória urbanística do Prosamim, é para adotarmos a perspectiva da memória da cultura para a compreensão dos sentidos gerados por esse programa. Trata-se de uma busca de informações de como os sentidos da memória urbanística da cidade podem ter se atualizado no Prosamim mediante o diálogo com aquilo que não está diretamente inscrito no presente. Nos parece relevante, portanto, buscar na ancestralidade dessa capital da Amazônia ferramentas que corroborem na compreensão dos signos que hoje estão em relação no Prosamim e nas trocas que este último instaura com a cidade e seu espaço urbanizado.

Nesse contexto, é relevante mencionarmos que não vai nos interessar, nesta dissertação, o estudo da comunicação midiática da cidade no sentido de que não tratamos das ações comunicativas das mídias no âmbito do espaço urbano, como vemos comumente nas pesquisas da área. Não estamos estudando os outdoors, a mídia exterior, o grafite, a pichação ou buscando uma evidenciação de como a cidade é um espaço midiático. Ao contrário, a nossa proposta é de construir uma visão de comunicação que reconheça o processo comunicativo como uma relação de sistemas de signos diversos que, por agir em contato uns com os outros, constroem campos de significação a partir de suas interações produtivas de sentidos. Para isso, demandamos uma visão transdisciplinar para tratar do Prosamim.

Dessa maneira, entendemos que, na disciplinaridade, fazer um trabalho de comunicação no Prosamim nos levaria à uma reflexão sobre a comunicação midiática entrando em conflito com nosso objetivo geral de compreender o fenômeno comunicativo no Prosamim no desenvolvimento de sua semiótica em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicacionais. A nossa proposta, nesta dissertação, ela é transdisciplinar e assume a metáfora dos ecossistemas comunicacionais para o estudo do

Prosamim de Manaus. Nesse cenário, é importante destacar que os Ecosistemas Comunicacionais compõem a área de concentração dos estudos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas e fazem parte de uma proposta de programa única entre os demais Programas de Pós-Graduação do Brasil, onde parte-se de uma compreensão da comunicação “não a partir do isolamento de suas partes, mas da diversidade de redes e fenômenos interconectados e interdependentes manifestos nas diferentes instâncias da cultura” (PPGCCOM, 2015).

Como concepção epistemológica, os ecossistemas comunicacionais estão estreitamente ligados à ideia de que o objeto comunicacional não se porta como um fenômeno isolado de seu contexto, mas como parte dele na conformação de um combinatório de diversos sistemas de signos que se relacionam ininterruptamente. O que os caracteriza é o diálogo – que não deixa de levar em consideração o conflito – não entre pares dicotômicos, mas entre pares ambivalentes. Diz Zygmunt Bauman que a ambivalência não se confunde com a dicotomia já que comporta em si uma multiplicidade de sentidos. Para o autor, “a ambiguidade que importa, a ambivalência produtora de sentido, o alicerce genuíno sobre o qual se assenta a utilidade cognitiva de se conceber o hábitat humano como o ‘mundo da cultura’ [...]” (BAUMAN, 2008, p.18). Assim, é com razão que Mirna Feitoza Pereira destaca como elementos possibilitadores dos processos comunicativos, o ambiente cultural que os abarca, para concluir que “o ambiente que a envolve [a comunicação] é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir” (PEREIRA, 2011, p. 51).

Nesse sentido, acreditamos que o Prosamim guarda parte de uma memória urbanística da cidade de Manaus. Mais do que isso, que é fruto das relações entre sistemas de signos imersos em um espaço semiosférico que conforma um ecossistema comunicacional de base semiótica na região. Interessará a nós, nesta dissertação, especificamente: (i) caracterizar o Prosamim em sua constituição enquanto memória urbanística da cidade de Manaus; (ii) discutir o caráter ecossistêmico do Prosamim a partir de uma perspectiva semiótica e (iii) evidenciar a dinâmica de relações sógnicas envolvidas na composição do ecossistema Prosamim por meio de uma discriminação semiótica de seu espaço. Procuraremos mostrar como a comunicação adquire funcionalidade nas unidades estudadas a partir de uma discriminação de seu espaço semiótico e chamar a atenção para a dinâmica da organização de seu espaço que nos parece conformar um ecossistema comunicacional. Vale afirmar que, nosso problema de pesquisa, orienta-se

pelas seguintes perguntas de investigação: Quais são os sentidos gerados pelo Prosamim? O que está envolvido do ponto de vista cultural nesse programa (e o cultural entendido como produção semiótica, como produção de signos)? Quais são os sistemas culturais que agem no Prosamim conformando um ecossistema comunicacional? Quais são os sistemas que modelizam o Prosamim enquanto texto da cultura?

Por meio desse deslocamento, é possível dar-se conta do ponto de vista que adotamos para a compreensão da comunicação neste estudo. Tomamos como ponto de partida o entendimento da comunicação não como transporte ponto-a-ponto, mas como uma “dinâmica dialógica transformadora da informação em linguagem e, conseqüentemente, da mensagem em instância produtora de sentidos” (MACHADO, 2003b, p.280). Dessa maneira, consideramos que o fenômeno comunicativo no Prosamim não se dá a partir de um processo comunicacional linear, que envolve pontos de transmissão (o emissor, o receptor, um canal, uma mensagem), conforme o modelo tradicional de comunicação. Nos parece tratar-se, de uma trama de articulações entre sistemas semióticos que, embora diferentes, dependem um do outro para adquirir funcionalidade na produção de sentidos do Prosamim. Dessa feita, na procura de respostas às perguntas motivadoras desta pesquisa, buscou-se uma perspectiva teórica de comunicação que levasse em conta o caráter dinâmico dos processos comunicacionais no Prosamim. Nesse sentido, operou-se basicamente com a epistemologia dos Ecossistemas Comunicacionais (mencionada mais acima) e à Semiótica da Cultura, uma vez que ambas corroboram para a compreensão do Prosamim como um espaço que se constrói a partir da interação dialógica entre sistemas de signos.

Cabe assinalar, também, que, esta dissertação, se justifica pela contribuição que traz ao desenvolvimento da linha de pesquisa “Linguagens, representações e estéticas comunicacionais”, na qual se insere no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas que objetiva a inclusão de “estudos e investigações sobre os processos da comunicação que envolvem os fenômenos relacionados às linguagens, representações e estéticas a partir de uma perspectiva ecossistêmica” (PPGCCOM, 2015). Por conseguinte, ressaltamos que a pesquisa que está na base das reflexões aqui apresentadas está sendo realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação (Mediação), inscrito no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil mantido pelo CNPq e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. O capítulo inicial “Memória urbanística da relação da cidade de Manaus com as águas”, a título de apresentação do fenômeno estudado, organiza a trajetória das intervenções urbanas de Manaus, do século XIX até os dias atuais, com o Prosamim, e discute a ancestralidade deste último dentro da cultura urbanística da capital procurando mostrar que tal objeto (o Prosamim) possui um memória cultural na cidade. Interessará a nós, neste capítulo inicial, explorar os aspectos da memória do Prosamim na perspectiva da Semiótica da Cultura, uma vez que entendemos que a memória está relacionada com informação cultural, conforme trataremos mais detalhadamente no segundo capítulo da dissertação. Nesse primeiro capítulo tratamos também da caracterização do Prosamim e das pesquisas já realizadas sobre esse programa.

O segundo capítulo “Fundamentos para o estudo ecossistema comunicacional do Prosamim” congrega os fundamentos teóricos desta dissertação com a apresentação dos paradigmas científicos e das contribuições da Semiótica da Cultura para a compreensão dos ecossistemas comunicacionais neste estudo.

O terceiro capítulo “Comunicação e semiose no espaço do Prosamim”, por sua vez, agrega as análises do objeto estudado (Prosamim) em duas amostragens, o Parque Rio Negro e o Parque Residencial Manaus. O material coletado provém de uma pesquisa de campo realizada, durante o mês de fevereiro de 2016, com a produção de registros fotográficos do corpus de análise escolhido para esta dissertação, o Parque Residencial Manaus e o Parque Rio Negro. A título de coleta de dados, foi feito também um diário de campo, além de serem estabelecidas algumas categorias para melhor organizar a dissertação – principalmente para uma apresentação heurística da análise do objeto. As explorações semióticas do Parque Residencial Manaus e do Parque Rio Negro foram estruturadas nas seguintes categorias: (i) em relação às linguagens envolvidas; (ii) em relação à memória da cultura urbanística e (iii) em relação ao ecossistema comunicacional.

## PERCURSO METODOLÓGICO

As reflexões sobre a forma como ocorre o desenvolvimento de uma pesquisa envolvem a mobilização de uma série de fundamentos do conhecimento por meio dos quais se dá a sustentação de uma investigação. Ao se formular proposições sobre um tema no caminho a se seguir para esclarecer um problema, seja no âmbito das estratégias a serem adotadas, seja na esfera dos procedimentos e técnicas necessários para se alcançar um resultado, uma pesquisa passa pela adoção de uma lógica de trabalho que opera em função do objetivo de uma investigação.

Classificações quanto a natureza, objetivo, tipo de abordagem, de procedimento técnico, de técnica para coleta de dados, técnica para observação, análise, interpretação do dados, entre outras, pressupõem uma metodologia de trabalho a ser seguida em uma pesquisa. O conjunto dessas escolhas de classificações operatórias ao mesmo tempo que possibilita a realização da pesquisa, torna possível a composição de um caminho lógico que permite a compreensão da realidade estudada.

Em estudo sobre a pesquisa em ciências humanas e sociais, o pedagogo Antonio Chizzotti identifica o processo de escolha de uma metodologia de trabalho como umas das principais exigências para a realização de uma pesquisa. Para ele, o processo para início de uma pesquisa passa impreterivelmente pelas seguintes questões: “como as coisas podem ser conhecidas? Qual é a melhor forma de conhecê-las, qual visão de mundo ou teoria explica melhor a realidade?” (CHIZZOTTI, 2006, p.26). O autor interpreta a metodologia de trabalho como uma lógica subjacente a uma pesquisa que age no intuito do alcance de uma comprovação de verdade. Nesse sentido, a metodologia desempenharia um papel fundamental no processo de pesquisa, figurando como um alicerce para análise da realidade de um determinado objeto.

Para a dissertação aqui em desenvolvimento, a metodologia de trabalho foi importante para a compreensão da dinâmica de relações sógnicas constituintes do ecossistema Prosamim. Nesse sentido, neste tópico, buscaremos apresentar o método que tornou possível o desenvolvimento desta dissertação. Inicialmente, será feita um exposição da natureza desta pesquisa no debate sobre a orientação de seus processos de investigação. Em seguida, será feita uma reflexão acerca do tipo de abordagem utilizada para compreensão do objeto de estudo escolhido. Para tanto, serão evocadas algumas questões adotadas no âmbito do novo paradigma científico da complexidade para se caracterizar essa investigação de abordagem transdisciplinar. Posteriormente, serão

apresentadas as classificações desta dissertação quanto ao seu objetivo geral, procedimento, técnica de coleta de dados e técnica de observação, buscando-se explicitar os meios adotados para a investigação do problema de pesquisa. No rol das estratégias investigativas empregadas na metodologia deste trabalho pode-se também citar o ponto de vista semiótico e o diagrama. Ambos serão apresentados adiante. Por fim, este tópico de estudo apontará para a descrição da amostragem do Prosamim selecionada para esta pesquisa que, será desenvolvida na seção posterior.

Para Antonio Chizzotti (2006, p.28), a pesquisa qualitativa recobre “multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles”. Ressaltamos a importância do emprego desta natureza de pesquisa nesta dissertação que, objetiva compreender como se dão os processos comunicativos do Prosamim. A pesquisa qualitativa abre o foco para, dentre outros, os mais variados métodos de pesquisa nos chamando a atenção por admitir que a realidade é multifacetada e contraditória e por isso, não se tem um padrão único para sua apreensão. Nesse sentido, pensamos que o estudo qualitativo pode recobrir a argumentação de ideias, experimentação empírica do fenômeno, a análise com base em um contexto e a interpretação dos dados balizada por um teoria.

Com relação ao termo “qualitativo”, nos parece caber uma aproximação com quantitativo, tipo de natureza com a qual admite algum paralelo. No caso da pesquisa qualitativa, é constituída por dados coletados a partir do contexto de um fenômeno estudado contemplando, dessa maneira, estudos descritivos cujo foco recai sobre a compreensão e interpretação do objeto à luz de uma bibliografia e à luz da interação entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa quantitativa, no entanto, adota uma forma diferente (numérica) de abordagem do problema pois caracteriza-se, principalmente, pelo uso da quantificação tanto na coleta quanto tratamento dos dados. Como assinala Chizzotti (2006) existe um rol de diferenças entre essas duas naturezas de problema, opondo-se a pesquisa qualitativa

à quantitativa enquanto esta recorre à quantificação como única via de assegurar a validade de uma generalização, pressupondo um modelo único de investigação, derivado das ciências naturais, que parta de uma hipótese-guia, só admita observações externas, siga um caminho indutivo para estabelecer leis, mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas (CHIZZOTTI, 2006, p.29).

O que distingue a pesquisa quantitativa da qualitativa é o fato de a primeira apresentar a realidade traduzida em números, números estes que delimitam a própria estratégia de abordagem do fenômeno estudado. Nesse sentido, se esta é formada por análises estatísticas, gráficos, tabelas, a “qualitativa” é constituída pelo conjunto de interpretações da real. Em suma, enquanto a pesquisa quantitativa alude à valores numéricos, a pesquisa qualitativa tem como referência a participação, compreensão e interpretação da vida; uma é identificável pela quantificação, enquanto a outra se reconhece pelo processo de leitura interpretativa de determinado objeto.

A ideia de transdisciplinaridade, por sua vez, compõe o tipo de abordagem. Nesse sentido, esta pesquisa opta por uma abordagem transdisciplinar de seu objeto de estudo que envolve as áreas da Comunicação. Quando se fala na realização desta pesquisa a partir de uma aproximação com o transdisciplinar, parte-se da premissa de que o fenômeno estudado exige uma compreensão para além das divisas da ciência, devido a sua própria complexidade. Nesse sentido, a transdisciplinaridade pode ser aferida pela participação, neste estudo, de saberes produzidos em diferentes áreas do conhecimento, expressando a complexidade da realidade estudada que se manifesta através do dinamismo de seus fenômenos. Fátima Regis (2006) ressalta que a transdisciplinaridade é, a rigor, um novo método para geração do conhecimento. A transdisciplinaridade é inaugurada, segundo esta autora, por um novo paradigma científico: o paradigma da complexidade. O que tencionaria, por sua vez, um momento de transição de paradigmas na ciência, da ciência clássica para o pensamento complexo.

A transdisciplinaridade surge da tentativa de se pensar para além dos limites das ciências. Parte do pressuposto de que o real é hiper-complexo, não redutível aos métodos deterministas e reducionistas da ciência clássica. Para dar conta da multiplicidade complexa do real é preciso pôr em comunicação ciências que se distinguem pelo método, mas têm em comum a investigação da complexidade do mundo (REGIS, 2006, p.162).

A formulação de Regis permite pensar a análise transdisciplinar a partir do paradigma da complexidade e é relevante para entrever a ideia do novo modelo de racionalidade e problematização da ciência que se inaugura a partir do estudo dos sistemas complexos. Em sua reflexão sobre essa nova metodologia científica, a autora identifica um momento de mudanças entre dois modelos de pensamento excludentes: o da ciência clássica e o da complexidade. O primeiro estaria associado ao positivismo, expressando

a perspectiva inaugurada entre os séculos XVI e XVII onde se buscava a neutralidade absoluta da ciência como forma adequada à uma abordagem analítica e indutiva. Esta primeira seria balizada pela matemática e por uma busca pela suposta isenção do pesquisador. O pensamento complexo, por sua vez, abarcaria as multiplicidade de facetas da vida. Ele expressaria as fronteiras complexas do real, não comportando a admissão de uma perspectiva simplificadora da realidade como na ciência clássica e positivista.

Vale ressaltar que o termo paradigma, como se abordou no segundo capítulo desta dissertação, está vinculado a proposta de Thomas Kuhn em *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1998) e inclui orientações epistemológicas e metodológicas para o fazer científico. O destaque deste conceito no trabalho de Kuhn está conectado com a prática da ciência que, de acordo com o autor, proporciona tradições, modelos e padrões.

Um exemplo emblemático de paradigma a que Kuhn faz referência são as chamadas conjugações do verbo. Inspirado nas formas verbais latinas, Kuhn (1998) formula um modelo explicativo para a definição de paradigma. O autor descreve que, na gramática, “amo, amas, amat” é um paradigma, assim como “laudo, laudas, laudat”. Isto é, na gramática latina mantém-se os padrões dos verbos como modelos a ser seguidos. Aquilo que numa visão apressada podia parecer como mais um exemplo de conjugação verbal, para Kuhn, tem uma lógica e padrão de ser que é o que torna possível sua reprodução.

Delineado o tipo de natureza e abordagem que baliza esta pesquisa, é possível também apresentar como ela se orienta em relação aos seus procedimentos técnicos. Nesse sentido, é possível falar em uma dissertação formada por pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Para chegar aos resultados desta pesquisa, tal como foram alcançados, foi preciso passar por esses dois procedimentos mencionados. Contudo, há de se destacar que este estudo não desenvolve-se exclusivamente a partir de fontes bibliográficas e documentais. A pesquisa bibliográfica e documental, neste estudo, conecta-se a outro procedimento técnico, a ser esclarecido mais adiante, a pesquisa de campo. De maneira geral, a pesquisa bibliográfica permeou todas as etapas desta investigação. Pode-se dizer que ela foi desenvolvida a partir do levantamento e leitura de material bibliográfico sobre o tema com o objetivo de construir o estado da arte do assunto e se aprofundar a compreensão da pesquisadora acerca do fenômeno.

Já a pesquisa documental, mostrou-se necessária para o alcance do objetivo geral desta dissertação, ou seja, compreender os processos comunicativos do ProSAMIM no desenvolvimento de sua semiótica por meio de uma discriminação semiótica de seu espaço.

A consulta aos dados sobre o Prosamim disponibilizados na internet mostrou, rapidamente, que as informações presentes nos sites e publicações impressas sobre o universo da pesquisa não seriam suficientes para a elaboração de uma análise mais detalhada. Dessa maneira, imediatamente se colocou a necessidade de se incorporar uma pesquisa documental aos procedimentos técnicos necessários para a realização deste estudo. Nesse sentido, utilizou-se como fonte de informações os relatórios de impacto ambiental (RIMA) do Prosamim, documentos institucionais relativos às áreas de intervenção do programa. O contato com a assessoria de comunicação da unidade de gerenciamento do Prosamim também mostrou-se como uma alternativa válida. A pesquisadora, então, solicitou através de ofício, junto a unidade de gerenciamento do programa, dados adicionais sobre o universo escolhido para a pesquisa. Em especial, foram solicitadas cópias das plantas das unidades edificadas no âmbito do Prosamim escolhidas para amostragem desta pesquisa. As plantas do Prosamim foram privilegiadas neste momento da pesquisa documental por compreendermos que elas adquiririam importância fundamental, posteriormente, na discriminação semiótica do espaço estudado, a ser realizada na análise dos dados. Diehl e Tatim ressaltam que a pesquisa documental “vale-se de materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objetivo do trabalho” (DIEHL; TATIM, 2004, p.59).

Outro elemento importante que deve ser mencionado sobre o percurso metodológico adotado na realização desta pesquisa é o processo de delimitação desta investigação quanto aos seus objetivos gerais. Neste caso, trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva oriunda de uma relação da exploração ecossistêmica de viés semiótico do Prosamim com a descrição da construção sógnica de seus processos comunicativos. A pesquisa exploratória não é mera familiarização com o problema, e assim, explicitação e estimulação da compreensão do objeto são ambos propósitos deste meio de investigação. É na exploração das características do fenômeno estudado que se incorpora o delineamento de uma pesquisa exploratória. Entre as ciências humanas e sociais, o meio exploratório é uma classificação que esboça essencialmente uma busca pelo levantamento de informações sobre o objeto de estudo.

A pesquisa descritiva, por sua vez, coloca explicações sobre os fatos, relações/conexões com o ambiente como seu objetivo. Esta definição mantém paralelo com o que Maria Helena Michel (2009, p.45) descreve como pesquisa descritiva, isto é, investigações que possuem “como propósito de analisar, com a maior precisão possível,

fatos ou fenômenos em sua natureza e características, procurando observar, registrar e analisar suas relações, conexões e interferências”. O apanhado de Michel é importante para se compreender a caracterização de uma pesquisa descritiva que se foca, sobretudo, na observação do objeto estudado em sua relação de interferências com o ambiente. Nesse sentido, salienta-se que um trabalho de objetivo descritivo não serve apenas para precisar ou detalhar os fatos, funciona como uma ferramenta importante para o destaque da relação entre ambiente e fenômeno. Este foco da pesquisa descritiva nas interferências exercidas pelo ambiente acaba se desdobrando para uma demanda de uma pesquisa de campo. Como trata Maria Helena Michel (2009, p. 45), para os objetivos da pesquisa descritiva, os fenômenos são retirados de “onde ocorrem, e analisados à luz das influências que o ambiente exerce sobre eles. Por esse motivo, uma pesquisa de campo deve ser orientada pelos princípios da pesquisa descritiva”.

Nesse sentido, a pesquisa de campo foi também uma chave metodológica na realização desta investigação exploratório-descritiva. Isso porque o campo permitiu uma aproximação direta da pesquisadora com o objeto de estudo, onde pôde-se adicionar ou confrontar as informações colhidas em pesquisa de bibliografia aos “aspectos da realidade flagrados pela observação atenta do pesquisador para isso preparado: o método do *ir pra ver*” (FERRARA, 1999, p.23). Foram feitas idas a campo durante todo o mês de fevereiro de 2016. Nos locais da pesquisa, foram produzidos registros fotográficos no intuito de que os recursos deste meio pudessem contribuir na autodescrição semiótica do objeto estudado em complemento com a linguagem verbal. A percepção semiótica como parte integrante dos registros fotográficos de pesquisa sobre a cidade foi desenvolvida em estudo realizado anteriormente por Pereira; Silva; Barros (2011) que, coloca em evidência a arquitetura das palafitas de Manaus como textos culturais amazônicos através de um estudo semiótico interdisciplinar envolvendo as áreas da Comunicação e Arquitetura.

O auxílio dos registros fotográficos dos locais da pesquisa, mostrou-se fundamental também para a contextualização imagética do objeto. Em um primeiro momento, nos pareceu necessário ilustrar imgeticamente o Prosamim, uma vez que entendemos que havia uma necessidade de apresentar este programa urbanístico de uma forma didática, principalmente, para aquele leitor ainda não familiarizado com a iniciativa. Em um segundo momento, percebemos também a demanda que este objeto trazia no que diz respeito a sua contextualização. Dessa maneira, para caracterização e posterior discriminação semiótica do Prosamim, fazia-se necessário organizar extrinsecamente imagens que pudessem, juntamente com a linguagem verbal, descrever

a conjuntura inerente a esse programa. Nesse sentido, as observações feitas por Lucrécia Ferrara sobre a importância da fotografia enquanto estratégia metodológica em pesquisas de percepção ambiental urbana, são aqui bastante pertinentes.

Em uma pesquisa de percepção ambiental que tem como mediador sógnico a própria informação que produz, a fotografia mostra-se como recurso altamente estratégico, porque, ao mesmo tempo que permite a identificação do próprio ambiente que serve de base ao processo perceptivo, tenciona esse processo ideologicamente, explicitando a informação por ele produzida. Dificilmente, com utilização da linguagem verbal, seria possível atingir essa informação sem que ela sofresse o filtro lógico inerente ao veículo. Ao contrário, a fotografia mostra uma dimensão invisível da informação que é possível extrair do cotidiano, exatamente porque essa informação não está na realidade ambiental, mas é elaborada a partir dos impactos que aquela realidade cria diariamente (FERRARA, 1999, p.268).

A primeira coisa que a história de pesquisa reunida nesta obra mostra, quando lida a partir de sua metodologia, é que a fotografia permite ao pesquisador um olhar mais atento a aspectos que em campo possam ter passados despercebidos. Pode-se perceber que o uso dos registros fotográficos como instrumentos para coleta de dados, pela autora, deu-se, assim, de uma forma inovadora: em vez do uso pontual da fotografia para recurso de ilustração, o que ocorreu foi uma tentativa de apreender a sua contribuição enquanto método para os estudos semióticos do espaço urbano. Não bastava, por exemplo, ilustrar algum pedaço da periferia de São Miguel da Paulista, na Grande São Paulo, local da pesquisa: sua identificação se apresentava na forma de recurso fotográfico de dimensão invisível para a compreensão das linguagens que se manifestam no espaço estudado.

Tal qual a fotografia, o diário de campo foi também utilizado como instrumento para coleta de dados nesta dissertação. A escolha do diário de campo, dentre outros instrumentos, deveu-se à particularidade de oferecer em si um meio para relato das observações do local da pesquisa, pois, ao mesmo tempo em que permitiu o registro da experiência da pesquisadora na coleta de dados, também permitiu a organização do próprio pensamento em campo. Foram feitas idas a campo durante todo o mês de fevereiro de 2016. Desde cedo, ainda nas idas exploratórias ao Prosamim, no momento inicial da pesquisa, enfrentou-se a primeira dificuldade. Não seria possível desenvolver esta dissertação tomando-se como objeto a totalidade do Prosamim. Projeto de intervenção urbana de grande extensão, com início datado há mais de década e sobretudo, com

características muito diversas. Rapidamente, se percebeu a necessidade de escolher uma unidade do Prosamim para amostragem da pesquisa.

A realidade do Prosamim em Manaus nos possibilitou reconhecermos dois tipos de unidades do programa suficientemente diferentes para determinar realidades contrastantes na mesma iniciativa, tida por muitos como homogênea. Estamos querendo dizer, com isso, que nos parece que não há no Prosamim um único tipo de unidade urbanística, mas dois tipos com características distintas: as unidades habitacionais que, apresentam blocos de apartamentos padronizados, estilo duplex, de cor vermelho-alaranjados e com áreas de lazer para a comunidade; e, por fim, os parques públicos que, apresentam áreas destinadas para lazer com praças, jardins e venda de alimentos, etc. Objetivando realizar um contraponto entre esses dois tipos de unidade do Prosamim na busca por uma compreensão do desenvolvimento de sua semiose através de uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos, elegeu-se como amostragem da pesquisa Parque Rio Negro e o Parque Residencial Manaus, recortando o universo do Prosamim, nesta pesquisa, em seus dois tipos de unidades - conjunto habitacional e parque público. A opção pela delimitação do Prosamim nestas unidades é justificável não somente por estas oferecerem um apanhado significativo da realidade do programa, mas ainda pela oportunidade de problematização que proporcionam devido as suas características diversas e as significações e dinâmicas destas acolhidas.

## **1. MEMÓRIA URBANÍSTICA DA RELAÇÃO DA CIDADE DE MANAUS COM AS ÁGUAS**

## CAPÍTULO 1

### MEMÓRIA URBANÍSTICA DA RELAÇÃO DA CIDADE DE MANAUS COM AS ÁGUAS

#### 1.1 Panorama das intervenções urbanas nos igarapés de Manaus

**SIM:** existe uma cidade em nós. Uma cidade tão singular, que se realiza apenas no plural: **Manaos –Manaus.**

A cidade que existe em nós – **goela adentro** – principia na água a sua história e na água se apaga.

A cidade que existe em nós tem saudades do futuro.

**Não tem água que se acabe?**

Mas isto é para quem viverá.

Não existem águas paradas.

Não: é mentira: não é a água que apaga: é a pedra que esquece e acaba.

Aldísio Filgueiras, Manaos-Manaus, grifo do autor

O poema acima, presente na obra Manaus, meu sonho, oferece um instigante retrato da cidade de Manaus. O poeta Aldísio vem, através de seus versos, apresentar uma cidade (s)em relação as águas. Na confluência dos rios Negro e Solimões, no domínio dos igarapés que entrecortam a capital amazonense, está a Manaus que se descortina frente aos olhos do poeta. Apanha-se perplexo, contudo, ante as mudanças trazidas com os anseios modernidade, dos princípios de embelezamento urbano, das avenidas que se constroem, solidificando os igarapés. A “pedra que esquece e acaba” – metáfora usada pelo autor para apontar as mudanças sofridas pela capital amazonense nestes últimos três séculos – contrasta com a cidade que se “principia na água” retratada inicialmente por Aldísio. O trecho de Manaos-Manaus nos convoca, dessa maneira, a rememorar a memória da cidade de Manaus, suas principais facetas, dinâmicas e entraves, que iniciam – como descreve Aldísio – nas águas.

Começando com uma localização privilegiada na margem esquerda do Rio Negro; encontrando nos igarapés os limites naturais para seu crescimento; Manaus apresenta desde o seu surgimento enquanto fortaleza, em 1669, naquela época com o nome de Forte de São José da Barra do Rio Negro, uma história de encontro com as águas. Esta história tem relação com a existência de inúmeros cursos d’água na região como o Rio Amazonas que possibilita o transporte entre a cidade e municípios e o resto do País e dentro da

própria cidade, os igarapés que se formam no traçado urbano. A notoriedade da relação de Manaus com as águas vem à tona, em muitos casos, através de relatos de célebres viajantes. Neste sentido, após inúmeras viagens pela região norte e sul do Brasil, o médico alemão Robert Avé-Lallemant apresenta, em livro intitulado *No Rio Amazonas*, um retrato da localização da cidade, entre rio e igarapés.

Manaus está na verdade lindamente situada. As ruas da cidade, se é que se pode falar de ruas ou duma cidade, consistem em meros lanços, términos, esquinas e interrupções. Sobe-se e desce-se. Quase por toda parte, o largo, tranquilo e escuro rio em baixo, ou segue-se por um caminho, descendo para atravessar, por uma modesta ponte de madeira, um igarapé, tão escuro quanto o próprio Rio Negro. (AVÉ-LALLEMANT, 1859, p. 101)

Mais tarde, o casal Louis e Elisabeth Agassiz publica o livro *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. A obra é fruto da viagem feita por Agassiz ao comandar a Expedição Thayer que saiu de Nova York em direção ao Brasil com paradas no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Nordeste e em 1866, no Amazonas. Em suas descrições, o suíço e a norte-americana não deixaram de mencionar as rotinas de diálogo dos habitantes locais com as águas.

É impossível passear fora da cidade, em qualquer direção, sem observar um traço característico dos habitantes da terra e de seus costumes. Esta manhã, por volta das sete horas, dava eu o meu passeio habitual pela floresta vizinha de nossa casa, à beira de um igarapé, teatro habitual de quase todas as cenas da vida exterior. Aí se reúnem os pescadores, as lavadeiras, os banhistas, os apanhadores de tartaruga (AGASSIZ et al, 1865, p.175).

Percebe-se, assim, através dos relatos dos naturalistas (AVÉ-LALLEMANT, 1859; AGASSIZ, 1965), que Manaus vai se tornando, em meados do século XIX, em cidade a ser observada pelo cenário natural opulente que compunha, dotado de rios e igarapés; consolidando-se como uma cidade nos trópicos dotada de uma esplendorosa condição natural composta por, entre outros aspectos, inúmeros braços d'água.

É, contudo, a partir dos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do século XX que a cidade passaria a sofrer o primeiro grande surto de mudanças desde o princípio de sua existência: a urbanização. Esta, ação derivada da bem-sucedida economia extrativista-exportadora de látex e de outros importantes fatores – a abertura dos portos, o desenvolvimento da indústria automobilística, o aumento da imigração, a administração

do Presidente da Província do Amazonas, Eduardo Ribeiro (1892-1896) -, que acabaram por aumentar a receita do Estado.

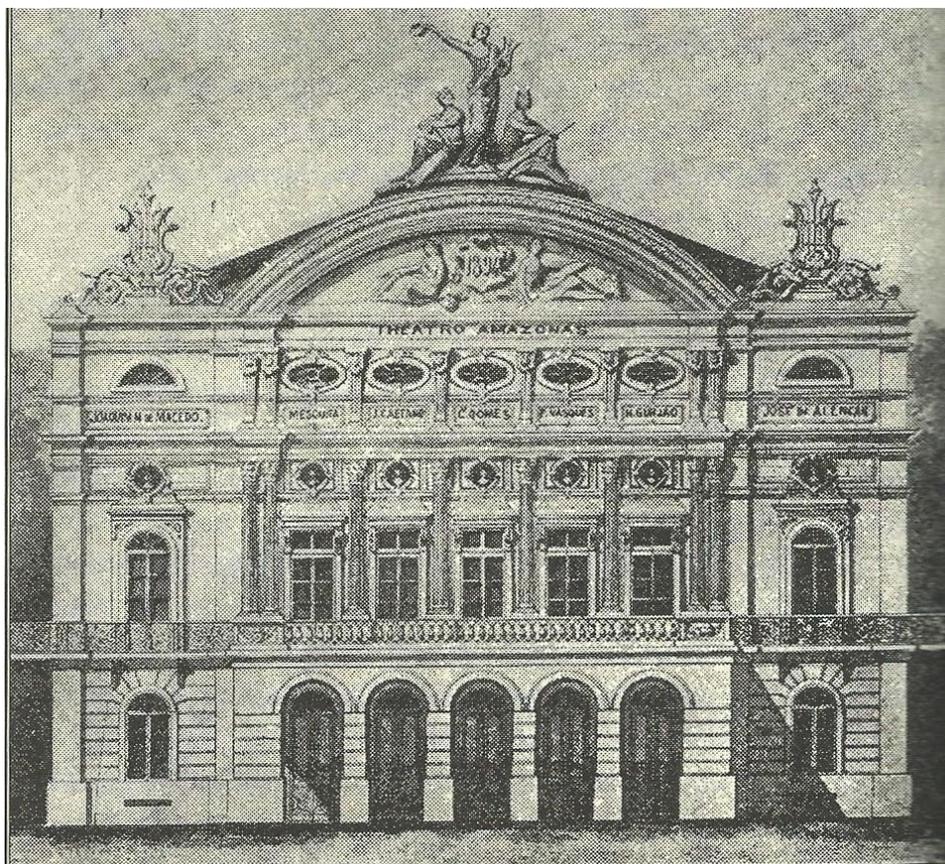
Essa época de prosperidade foi justificadamente denominada de período áureo da borracha, atribuindo-se ao ciclo econômico a causa das transformações efetuadas na região. Sem dúvida, a comercialização da goma elástica foi a principal fonte de riqueza, possibilitando mudanças radicais em muitos segmentos da sociedade amazônica a partir da última década do século XIX (MESQUITA, 1999, p.123).

A borracha, com extração vinda do látex, foi o mais importante fator de geração de riqueza do Amazonas, no período de 1890-1910. A partir de sua descoberta como matéria-prima, começou a figurar como referência pelas suas diferentes formas, adquiridas graças a coagulação do leite/látex de uma árvore seringueira. Podemos somar a isso, o advento da indústria automobilística, que ocasiona, de uma vez por todas, o aumento da demanda europeia pelo produto (matéria-prima básica para a fabricação de pneus). Com seringais que, isoladamente, produziam quase a totalidade de borracha do mundo, a Amazônia passou a assumir a posição de detentora da produção do produto.

Nem os surpreendentes lucros da borracha, a nova condição econômica do Estado e o aumento da receita do governo poderiam prever, contudo, as grandes transformações arquitetônicas e urbanísticas que estariam por vir em Manaus. Variados melhoramentos urbanos passaram a ser implementados no espaço da cidade, com a substituição das carroças pelos bondes elétricos, do gás pela luz elétrica, dos sistemas de esgoto e água tratada, construção de pontes, avenidas, edifícios e aterro dos igarapés. Otoni Mesquita (1999) reconheceu este período, de 1892 a 1900, como fase de instalação devido a implementação, nesta época, de um grande número de projetos de embelezamento da cidade. Para o autor, a fase de instalação estaria interessada na composição de uma imagem de vitrine para Manaus, segundo a qual as mudanças efetuadas na região, com as obras de serviços básicos, serviriam para vestir a capital de traços modernos no intuito de atrair mão-de-obra e capital estrangeiro.

Se o processo de transformação de Manaus em vitrine precisou de obras símbolo que embelezassem a cidade, o Teatro Amazonas era um projeto que fortalecia tal aparência moderna almejada pelos administradores estaduais. Tido por Mesquita (1999) como a obra arquitetônica mais emblemática do período áureo da borracha, o Teatro Amazonas (Figura 1) apareceu a partir de sua inauguração em 1896, após vultuosos investimentos do governo do Estado. Foi expressão de prosperidade econômica e “mais

um ato de ostentação de riqueza e pretensa civilidade do que uma necessidade reivindicada pela vida artística local, era mais uma peça importante para compor a ideia de vitrine” (MESQUITA, 1999, p.206).



**Figura 1:** Projeto para fachada do Teatro Amazonas.

**Fonte:** Otoni Mesquita, 1999.

Na Manaus “vitrine” também crescia, no final do século XIX, o contingente populacional que passou de 8.500 habitantes em 1852 a 50.300 habitantes, em 1890 (DIAS, 1999). Os imigrantes estrangeiros e brasileiros tinham tomado conta da cidade e se deslocavam para os seringais e para as atividades na capital – comércio, transportes e bancos – seduzidos pela perspectiva de riqueza fácil da borracha. Em meio aos trabalhadores de diversas origens, a presença dos migrantes nordestinos foi muito intensa devido à seca de 1877 que levou a intensificação de deslocamentos do Nordeste para o interior da Amazônia.

Edineia Mascarenhas Dias (1999) analisa o processo da chegada de estrangeiros e brasileiros a cidade buscando recuperar a história dos trabalhadores na política de melhoramentos urbanos do período áureo da borracha. Para a autora, o dia a dia dos

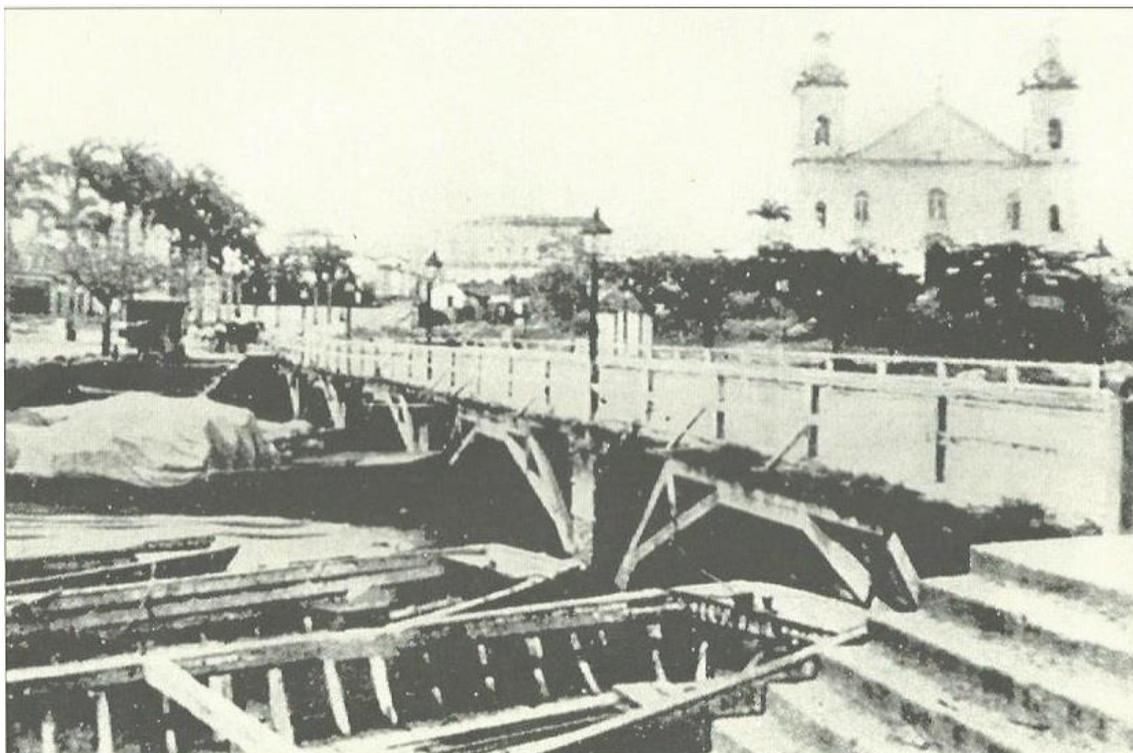
excluídos dos processos de transformação da cidade, na virada do século XIX, permite a demonstração de uma “falácia da cidade do fausto”.

O que se percebe ao tentar recuperar a constituição histórica de Manaus como a capital da borracha, é que o poder público, aliado aos interesses privados, desenvolve uma política de pressão, exclusão e dominação contra pessoas ou grupos de pessoas que emergem na cidade e que não se enquadram nos conceitos de valores da elite local [...] Numa cidade de “fausto”, a pobreza, a doença, a vagabundagem, agrediam e ao mesmo tempo ameaçavam a ordem e a harmonia da cidade que se projetava na representação burguesa, como limpa, ordeira e sem problemas (DIAS, 1999, p. 132, grifo da autora).

Na medida em que a autora aponta o “outro lado do fausto”, situando a experiência da fase da borracha no meio das contradições vivenciadas pelos trabalhadores no virar do antepenúltimo século, ela passa também a situar seu entendimento sobre a Manaus que intitula como “cidade do fausto”. Para Dias, a “cidade do fausto” tem a ver com o desmonte do mito da aparência de “fausto” de Manaus na época e com a recomposição histórica dos conflitos inerentes a construção de uma cidade na selva.

Alguns desses conflitos no cotidiano da cidade acompanharam as contradições da estruturação e urbanização de Manaus. Os administradores locais – que estavam preocupados cada vez mais com o aspecto visual da capital, no intuito de mascarar a presença da pobreza – executam, então, inúmeras obras de mudança de sua topografia. Eduardo Ribeiro, presidente da província de 1892 a 1896, foi o primeiro administrador a tratar da situação – ainda com os cofres cheios devido aos lucros da borracha. O empenho de Ribeiro em encobrir a relação da capital com as águas pode ser considerado um marco na história. Nesse sentido, o espaço urbano de Manaus – que foi sendo produzido para atender os planos de embelezamento do governo – era expandido por obras que aterravam os igarapés e construía pontes para abrir ruas e avenidas. É fato que somente na área central, foram aterrados sete igarapés que levaram à expansão urbana para leste e norte da capital. Entre eles, encontrava-se o Igarapé de Espírito Santo (Figura 2) que, deu

origem a uma das principais avenidas do Centro Histórico da Cidade, a Avenida Eduardo Ribeiro (VALLE, 1999).



**Figura 2:** Igarapé do Espírito Santo, por baixo de uma ponte de madeira que ligava os bairros da Matriz e dos Remédios, antes das intervenções urbana do Presidente da Província Eduardo Ribeiro.

**Fonte:** Edineia Mascarenhas Dias, 1999.

Caminhando pelas ruas da capital era possível ver a ligação do modelo de cidade defendido por Eduardo Ribeiro com as reformas de Paris em meados do século XIX. A repercussão da experiência de transformação urbana aplicada em Paris foi grande na capital amazonense e somou aos desejos da elite local de projetar para o mundo a ideia de uma Manaus moderna e próspera. A imagem de Paris do Trópicos adotada pelas classes dominantes manauenses seguia o modelo de intervenção urbana do prefeito do antigo departamento do Sena, Georges-Eugène Haussman (1853- 1870) com sua reforma na França e seus bulevares, avenidas arborizadas e chafarizes que deram a cidade, o título de capital do urbanismo moderno. Na literatura sobre cidade, Haussmann ficou conhecido pelas remodelações citadinas grandiosas ganhando o apelido de “artista demolidor”. David Harvey (1999), recompondo a história da capital francesa, refere-se a Haussmann com um registro impressionante: “quando o arquiteto Hittorf mostrou a Haussmann seus planos para um novo boulevard, Haussmann jogou-os de volta dizendo, não é amplo o

suficiente... você o tem em 40 metros de largura e eu o quero em 120” (HARVEY, 2009, p.10).

Hausmann desenha novamente bairros e junta subúrbios, faz a mais drástica transformação urbana na história de Paris. Na igual medida do aumento da fama de Hausmann e de suas mudanças físicas no espaço urbano, se constitui a Paris da modernidade. Segundo Walter Benjamin (1994, p.119), a atuação da modernidade foi decisiva para o engendramento de um novo padrão de miséria na capital francesa: “ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do atual”. O autor acredita que a vida moderna leva a uma estratégia de “vivência” em vez “da experiência tradicional”. A solidão do indivíduo – independente e consciente de si - torna-se o lócus de uma modernidade praticada e representada pelo sujeito ermo. Paralelamente a esta constatação, estava a principal crítica de Benjamin a vida moderna.

Para Benjamin (1989), a modernidade permitira que se pudesse entender a constituição das bases da solidão do sujeito que encontra abrigo, por sua vez, na multidão. Nesse sentido, não se tratava para o autor apenas de uma busca pela antítese da solidão, mas, ao invés disto, do encontro de formas possíveis para o refúgio desta. A partir do soneto de Baudelaire, “A uma Passante”, Benjamin (1989, p.117) descreve a multidão como um “véu agitado através do qual Baudelaire via Paris. Sua presença caracteriza um dos poemas mais célebres de *As Flores do Mal*”. Mais adiante, dentro da perspectiva de Edgar Allan Poe no conto *O Homem da Multidão*, Benjamin (1989, p.118) observa que “a visão que fascina o habitante da cidade grande – longe de ele ter na multidão apenas uma rival, apenas um elemento hostil -, lhe é trazida pela própria multidão”. Dessa maneira, o conceito de multidão passa a atuar como elemento fundamental do pensamento do filósofo alemão e articular algumas características da gênese de um personagem importante nos textos de Benjamin, o flâneur.

De acordo com Benjamin (1989), o flâneur – passante da era moderna, defensor do vagar perene pelo espaço urbano, ou que tenta ter ao menos alguma percepção da cidade – é uma figura da multidão. Um sujeito imanente a experiência cidadina, como um espelho da vida cotidiana que se faz a partir do andar pelas ruas e da apreensão sem pressa do cenário do mundo.

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente, sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua [...] o flâneur como tipo o criou Paris (BENJAMIN, 1989, p. 186).

Não se trata do caso do flâneur em tocar em temáticas relacionadas somente a rua e ao burburinho urbano – já que estes aparecem como o lugar de força deste passante – mas da forma com que estes cenários são revelados pelo personagem. Utilizar a rua como matéria-prima, associada a uma postura de revelação da cidade, permite que o flâneur seja associado a um tipo de experiência urbana, denominada por Benjamin (1989) como flânerie. Preconizada por Baudelaire (1996) e retomada por Benjamin (1989), a flânerie refere-se à experiência de se caminhar pela cidade em busca de algo novo através do desprendimento da agitação do dia a dia para lançar-se a uma observação mais detalhada e contemplativa da cidade, tornada possível pela própria desaceleração do olhar do observador. Para o flâneur, portanto, existe uma experiência própria em torno do florescimento da cidade, que condiciona a composição da flânerie e sua associação como produto do trabalho do observador benjaminiano.

Com uma tipologia errante e misteriosa em suas formas de destaque na multidão, o flâneur testemunha o nascimento do modelo de cidade moderna em Paris. Amparando-nos numa análise de Benjamin (1989), destacamos a modernidade como condição necessária para a gênese deste personagem. Nos diz o autor que, juntamente com outros fatores – a multidão, os costumes burgueses – a vida moderna de Paris no século XIX é um dos elementos que tornaram possível a existência do flâneur. A partir das reformas urbanas de Haussmann, a presença cada vez maior das multidões com seu ritmo de vida rápido e de efervescências, as feições das ruas ampliadas e dos bulevares na França; começou a figurar as circunstâncias ideais para a existência do flâneur e à experiência da flânerie.

Em “The Fall of Public Man”, Richard Sennet (1977) apresenta o projeto urbano traçado por Haussmann, a partir de sua função de homogeneização. De acordo com o autor, essa homogeneização do espaço de Paris realizada por Haussmann se torna possível graças a exclusão das classes menos abastadas do espaço da cidade e ao isolamento da elite em espaços homogêneos demarcados pelos bulevares e grandes avenidas construídas pelo prefeito para este fim. “The real state ideas of Baron Haussmann in the last century were based on homogenization. New districts in the city were to be of a single class, and

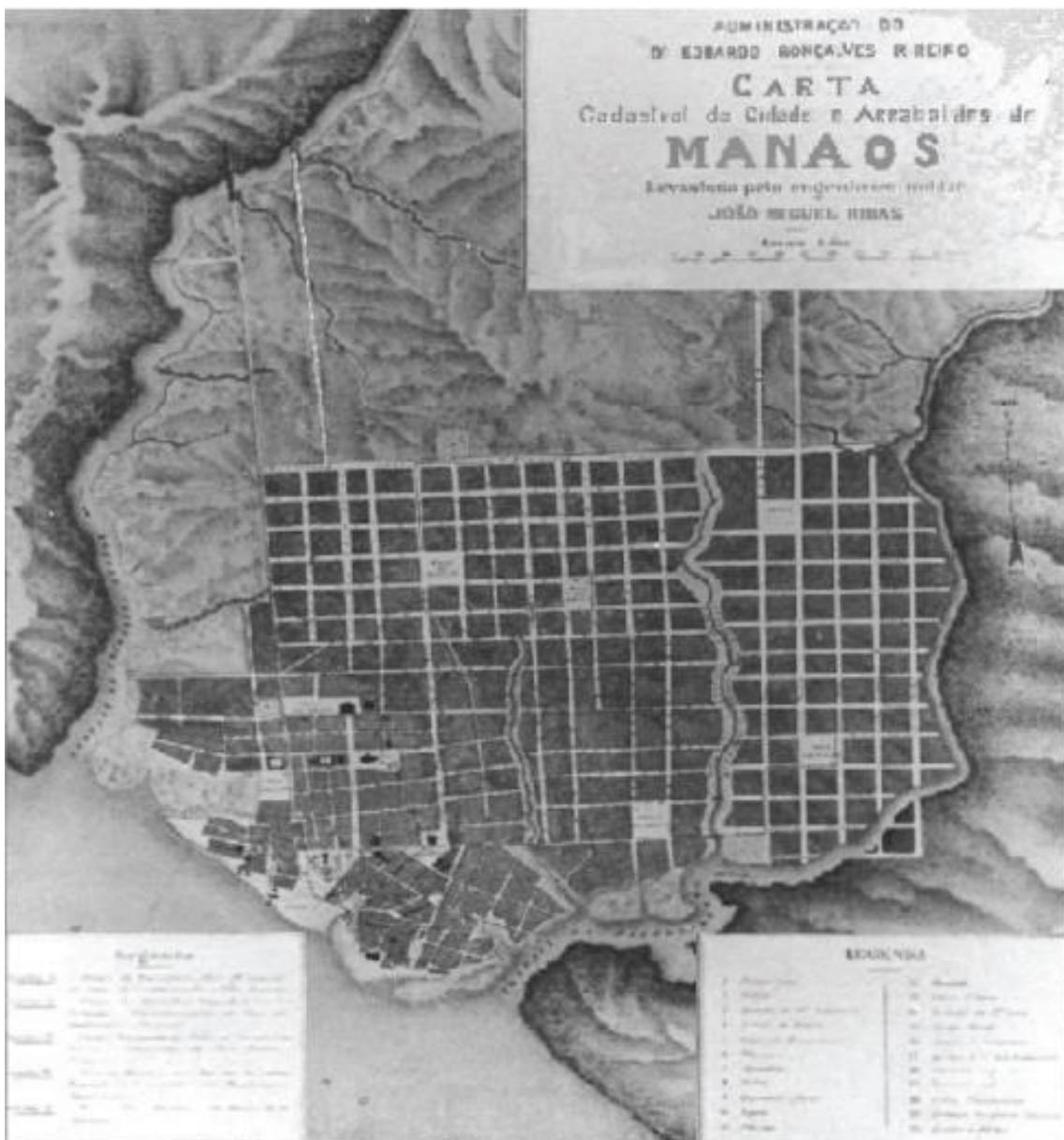
in the old central city rich and poor were to be isolated from each other”<sup>1</sup> (SENNETT, 1977, p.297). Como uma nova função única, os espaços da cidade projetados por Haussmann começaram a apresentar-se como “solução” para a heterogeneidade das ruas trazendo consigo “a practical end to an essential component of public space: the overlay of function in a single territory, which creates complexities of experience on that turf”<sup>2</sup> (SENNETT, 1977, p.297).

Entre as cidades brasileiras que adotaram a concepção de traçado urbano aplicado por Hausmann e seu modelo urbanístico de homogeneização, está Manaus (Figura 3). Ainda que a capital amazonense fosse entrecortada por igarapés, realidade local que se mostrava avessa em termos ambientais ao que vinha se implementando na França do século XIX, as intervenções de reestruturação da cidade do governo ainda foram projetadas segundo o modelo do Barão Haussmann. Durante o período áureo da borracha, em nome da “beleza, ordem e progresso” foram aterrados igarapés que se mostravam como empecilhos a expansão do perímetro urbano manauense. Ruas, avenidas e praças foram construídas nos padrões europeus, ignorando os costumes e o clima equatorial da região (JÚNIOR, NOGUEIRA, 2011).

---

<sup>1</sup> As ideias imobiliárias do Barão Haussmann no último século eram baseadas na homogeneização. Os novos distritos da cidade deveriam ser de uma única classe, e no antigo centro da cidade ricos e pobres deveriam ser isolados uns dos outros. Tradução nossa.

<sup>2</sup> A atomização da cidade pôs um fim prático para um componente essencial do espaço público: as superposições de funções dentro de um mesmo território, o que cria complexidades de experiência naquele determinado espaço. Tradução nossa.



**Figura 3:** Planta de Manaus produzida durante a administração de Eduardo Ribeiro, com destaque para seu traçado de aparência homogênea.

**Fonte:** Artemísia Souza do Valle, 1999.

Ao emergir uma cidade que muito mais se assemelhava às capitais europeias do que a capital brasileira, não só pelas obras arquitetônicas e urbanísticas, mas pelos hábitos de circulação e consumo, a Manaus posterior à expansão da produção da borracha se coloca em época de efervescência, a belle époque. No início do século XX, nos deparamos com o momento em que a população passa de fato a usufruir das obras do período áureo da borracha, como tão bem refletiu Mesquita: “Manaus sofreu uma mudança radical na sua visualidade, sua população foi ampliada com a introdução de elementos e costumes de procedências diversificadas [...] A sociedade local assumiu características bastante cosmopolitas, típicas da belle époque (MESQUITA, 1999, p. 144, grifos do autor).

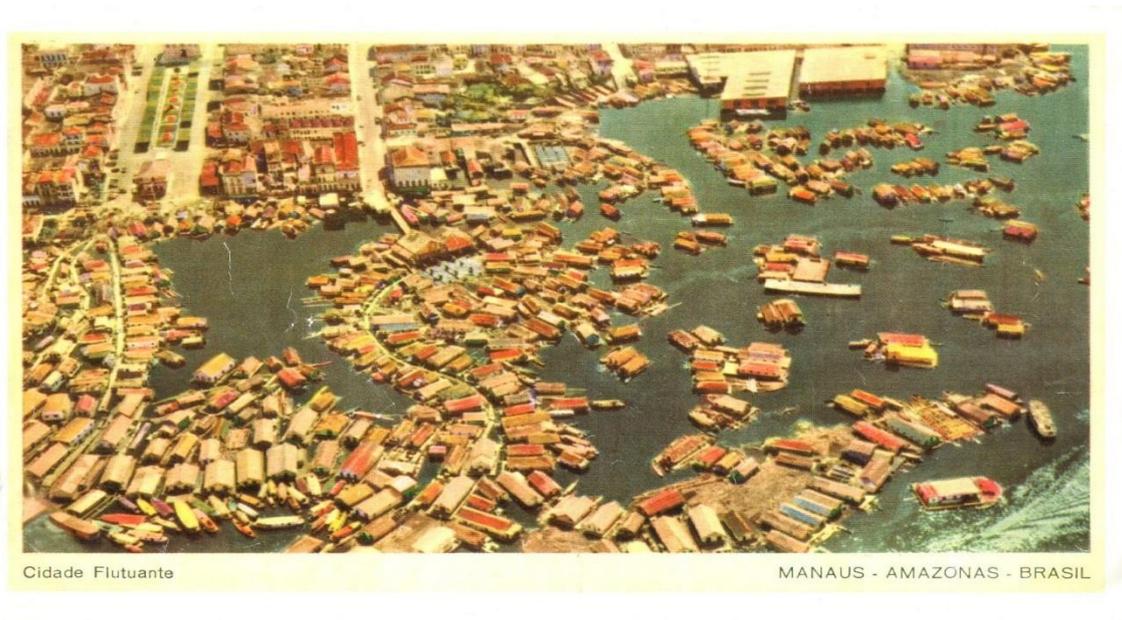
Gilberto Freyre (1959) tratou da belle époque apontando que, naqueles meados do século XX, Manaus era a única a possuir bonde elétrico, porto eletrificado e praças com asfalto, com exceção de São Paulo. Após fazer uma reflexão demorada sobre a capital amazonense, o autor concluiu que a cidade passava por um “período de grandezas apenas cenográficas”, que primordialmente refletiam em seu teatro e “na forma de bonitas francesas” que chegavam a cidade para atender os anseios dos jovens de “prazer pelas delícias de seus cabarés”. Como uma forma de experimentação da cidade, Freyre mencionou os hábitos de seus habitantes que incluíam, além das idas ao Teatro Amazonas e cabarés, a importação da camaradagem dispendiosa europeia e especialmente, de seus modismos.

Uma carta de Euclides da Cunha que descreve Manaus de 1904 a 1905, fala de uma capital escudada pelas irresponsabilidades de sua burguesia. O autor que, morou na região a comando da Comissão Brasileira de Limites com o Peru, enfatizava os costumes da cidade como algo negativo, afirmando que “o crescimento abrupto se levantou de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali, salteadamente entre as roupagens civilizadoras, os restos das tangas esfiapadas das tapuias” (CUNHA, 1976, p.312). Destacando o cosmopolitismo duvidoso de sua população, a existência de uma vida de diversões suspeitas e da atmosfera comercial em iniciação, Cunha (1976, p.312) afirma que a cidade era “meio caipira, meio europeia, onde o tepujar se achata ao lado de palácios e cosmopolitismo exagerado põe ao lado de Yankee espigado”.

Muitas das experiências de famosos escritores brasileiros na cidade de Manaus estavam intimamente ligadas ao período histórico do auge da borracha. A belle époque era um fator de atração. Foi, contudo, na decadência do ciclo da goma elástica - com início na virada do século e falência definitiva em 1920 - que se configura uma nova experiência associada a Manaus. Se a cidade do período áureo da borracha remetia à uma capital cosmopolita, no declínio do látex, ela se fazia registro pela aparência empobrecida em um cenário de depressiva bancarrota econômica que estava relacionado a uma crise profunda do extrativismo no Estado. Por trás do desastre da economia, encontrava-se os problemas na exportação da borracha natural que, não alcançava meios de competir com a produção gomífera da Ásia. A Amazônia, que vivenciara ao longo da trajetória da borracha um momento de estrondosa riqueza, deparava-se agora com um ciclo de estagnação da economia que duraria ainda várias décadas. Um colapso dos cofres estaduais, seu atolamento e desolação. Nesse momento, o número de obras públicas

decrece drasticamente e o Estado paralisa praticamente todas os seus projetos de urbanização.

Tudo isso contribuiu para a migração dos seringueiros da borracha - da área de extração, no interior, para a capital – que passam a montar em sua grande maioria, moradias improvisadas nas áreas aquosas do centro da cidade, gerando ocupações massivas nas margens dos cursos d'água de Manaus. A falta de dinheiro, o desemprego, a crise moral, as instabilidades econômicas, dentre tantos outros fatores, acarretaram a mudança de lugar de moradia dos trabalhadores da borracha. Alguns seringueiros decepcionados com o cenário instável da economia amazônica tentaram retornar para suas cidades, outros, que não tinham dinheiro para voltar, permaneceram na região. Nas décadas de 50 e 60, a ocupação dos entornos dos cursos d'água se intensificou, originando a cidade flutuante (Figura 4).



**Figura 4:** Cartão-postal de Manaus da década de 60 com vista geral da Cidade Flutuante

**Fonte:** Foto do acervo do Museu Amazônico.

O conjunto de habitações de madeira sobre troncos de árvores conhecido como cidade flutuante foi formado sobre as águas do Rio Negro em frente à cidade de Manaus na região onde atualmente está localizada a entrada do porto. Nele foram incorporados, especialmente, as camadas populares da capital preocupadas em ficar mais próximas de seus ambientes de trabalho.

[...] a primeira favela flutuante [...] ao longo de dezenas de igarapés e braços de igarapés que cortam a cidade irregularmente, encontravam-se cerca de 1.200 unidades residenciais [...] a cidade flutuante não foi fruto de uma mera adaptação ‘aquática’. Ela representou, na verdade, uma forma alternativa de moradia mais barata para os que não tinham condições de habitarem em terra, pelo menos a grande maioria (SALAZAR, 1985, p.45-46).

Segundo conta Salazar (1985) a cidade flutuante cresceu a partir do advento da Zona Franca de Manaus, com a inclusão de moradias para a grande leva de trabalhadores que chegavam com a criação do polo industrial amazonense. Na ocasião, porém, a imagem dos flutuantes ainda não estava assimilada pelo poder público ou classes abastadas, fato que levou ao seu desmonte por ordem judicial no governo de Arthur Cezar Ferreira Reis. A percepção de que a cidade flutuante precisava se fazer ausente da orla de Manaus foi propagada no contexto da necessidade de desaparecimento de sua aparência “feia e malcheirosa”. “A única preocupação era dar melhor aparência à entrada da cidade, que [...] fazia parte do [...] centro turístico de compras de artigos estrangeiros, a Zona Franca de Manaus” (SALAZAR, 1985, p.88).

A Zona Franca de Manaus constitui um modelo de desenvolvimento econômico para a Amazônia Ocidental, cuja implementação data de 6 de julho de 1957 pela Lei 3.173 e regulamentação registra 28 de fevereiro de 1967 a contar do Decreto Lei 288. Pode-se dizer que sua implantação foi decorrência do estabelecimento do Plano de Integração Nacional (PIN) do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) do regime militar, com o slogan integrar para não entregar, exigindo a ocupação do espaço amazônico e o desenvolvimento econômico da área. Em consequência da criação da Zona Franca, a cidade expandiu seu tecido urbano e a demografia cresceu exponencialmente. Nessa perspectiva, surgia em 1970 uma cidade que possuía uma população de 311.622 habitantes – praticamente o dobro do número de habitantes de Manaus em 1960 que totalizava apenas 173.703. O espaço urbano foi preenchido com trabalhadores de todas as regiões atraídos pelas novas perspectivas de emprego do polo industrial que acabou por modificar toda a estrutura do tecido urbano manauense, suas zonas e seu funcionamento. Gradualmente, a cidade passou a crescer para leste e norte e também, em um acentuado processo de ocupação e urbanização, para a zona oeste da cidade. Nos igarapés próximos a área central foram realizadas também ocupações que levantavam palafitas. Tratava-se da continuação do povoamento das margens dos cursos d’água, com ênfase na área central que, ainda era muito cobiçada pela população por sua infraestrutura de transportes, comércio e saúde. Como Alves (2011, p.120) aponta, a produção do

espaço urbano no Amazonas no período da Zona Franca resulta numa ocupação “que segue certa lógica da “ordem do possível”, onde grupos abastados vão ocupar os espaços bem localizados, em áreas planas etc., enquanto à camada desfavorecida em termos econômicos, restou os espaços [...] nas margens e dentro dos igarapés”.

Nesse sentido, a trajetória de produção do espaço urbano em Manaus acompanha, a partir da década de 70, as transformações suscitadas na cidade pela criação da Zona Franca. Houve nesse momento um grande esforço do governo do Estado em estabelecer medidas que se provassem relevantes para a solução da expansão desordenada do solo urbano a partir do advento do polo industrial. Um fator fundamental para a estruturação e ordenação do espaço da capital, segundo o Estado, era a contenção da ocupação dos igarapés. Assim como no século XIX, na administração de Eduardo Ribeiro, os igarapés eram apontados como empecilhos urbanos, no final XX, estes cursos d’água ainda figuravam como problemática para o Estado repetindo as relações de conflito da cidade e seus governos com as águas.

Em 1997, começaram as primeiras ações do projeto de intervenção urbana do prefeito Alfredo Nascimento (1997-2004) fundamentado pelo desejo de “resolver” a ocupação dos igarapés. Partindo de obras de canalização, construção de galerias e unidades habitacionais, que se situaram inicialmente no centro da capital, o projeto Nova Veneza reinstaurou a era das grandes intervenções nas áreas de igarapés; influenciando os formatos de projetos de reestruturação urbana dali para a frente. A iniciativa – que não chegou a sair dos papéis – objetivava a “construção de 1120 unidades habitacionais, distribuídas em pelo menos setenta blocos de apartamentos no centro de Manaus, para as quais deveriam ser remanejadas as famílias que moravam próximas aos igarapés” (JÚNIOR, NOGUEIRA, 2011, p.12). Ficou praticamente fixado o novo modelo de requalificação urbana desde o surgimento do Nova Veneza. Júnior e Nogueira (2011, p.13), pesquisando as políticas de urbanização do XXI de Manaus, enfatizam que o projeto Nova Veneza se constitui como precursor do Prosamim, afirmando que o “Nova Veneza teria ganhado recentemente nova roupagem com o nome Prosamim” com a diferença apenas de “escalas de área de abrangência, serviços implementados, recursos financeiros envolvidos e o quantitativo de famílias removidas das proximidades de igarapés”.

O projeto Nova Veneza é também parte de um contexto histórico mais amplo de busca de reordenação dos espaços dos igarapés e seus entornos, em Manaus. Nesse sentido, é interessante observar as obras de aterro dos igarapés ao longo da história da

capital amazonense, onde a relação da cidade com as águas - é efetivamente negada pelo poder público, do período dos naturalistas até os dias atuais quando tem sido implementado o Prosamim. Não é sem motivo que a história dos cursos d'água urbanos apareceram como ferramenta para leitura panorâmica da cidade neste tópico de capítulo. Nos parece que Manaus, mesmo para aqueles que negam sua relação com as águas, aparece como uma cidade com forte conexão com a natureza no que condiz a sua localização e a apresentação de seu traçado urbano. É levando essa relação em consideração que esta dissertação busca se aprofundar no Prosamim e seus processos comunicacionais com a cidade. Dessa forma, no tópico seguinte abordaremos a instauração do Prosamim em Manaus e sua caracterização.

## **1.2 Caracterização do Prosamim**

Implementado pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Prosamim está voltado a solucionar o que representaria os entraves ambientais, sociais e urbanísticos da cidade de Manaus: as ocupações no entorno dos seus igarapés (Figura 6). Criado em 2003 é o maior programa de intervenção urbana da história da cidade e inclui ações de urbanização, habitação, engenharia viária, sanitária e ambiental das áreas ocupadas dos igarapés que integram as duas maiores bacias hidrográficas de Manaus: as bacias de Educandos e São Raimundo, inteiramente inseridas no perímetro urbano<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Vale dizer que Manaus é uma cidade entrecortada por igarapés e possui quatro bacias hidrográficas. As outras duas bacias estão parcialmente inseridas na área urbana: a bacia do igarapé do Tarumã-Açu e a bacia do rio Puraquequara (Brasil, 2005).



**Figura 5:** Palafitas do igarapé de São Raimundo.

**Fonte:** Mirna Feitoza Pereira, Márcio Alexandre dos Santos Silva e Taíssa Dias Barros, 2011.

A dinâmica do programa está na reestruturação de áreas específicas de Manaus, no caso, as áreas de igarapés e seus entornos com suas moradias de estacas de madeira, as palafitas, consideradas insalubres pelo governo e parte da população urbana da capital. Para isso, o Prosamim tem retirado as palafitas dos igarapés com obras de terraplanagem, micro e macrodrenagem e aterramento para assim construir novas vias, parques e conjuntos habitacionais. Com isso, a população que vivia nas margens dos cursos d'água afetados pela iniciativa é reassentada - ou para conjuntos habitacionais (Figura 7) construídos pelo Governo do Estado do Amazonas ou para áreas periféricas de Manaus, pela falta de espaços na área central para todas as famílias removidas dos igarapés. Estima-se que mais de 7 mil famílias (36 mil pessoas) moravam em palafitas nos igarapés atingidos pela primeira fase de implantação do programa (ROSSIN, 2008). Dessa forma, pode-se dizer que o programa movimenta toda a cidade com deslocamentos de famílias tanto na área central quanto nas zonas periféricas. Na zona norte, por exemplo, conjuntos são criados para atender a demanda das famílias reassentadas pelo Prosamim como o Conjunto João Paulo II e Nova Cidade. Envolve também a instalação de parques

urbanísticos (Figura 8) como estratégia de prevenção de novas ocupações no entorno dos cursos d'água que entremeiam a capital amazonense (RIMA, 2012).



**Figura 6:** Vista geral do Parque Residencial Manaus, conjunto habitacional construído no âmbito do Prosamim.

**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 7:** Imagem geral do Parque Rio Negro, parque construído no âmbito do Prosamim.

**Fonte:** <http://www.amazonasemais.com.br/manaus/parque-rio-negro-novo-cartao-postal-de-manau-resgata-a-vocacao-da-orla-de-sao-raimundo/>

O empenho do Estado na edificação do Prosamim pode ser considerado um marco na história da cidade de Manaus e tem como fator decisivo a parceria do governo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento. No caso do Prosamim, é interessante observar a forma de seu estabelecimento que acontece a partir de modelos pré-estabelecidos pelas agências multilaterais de desenvolvimento. Segundo o RIMA (2012, p.19) o programa conta com empréstimos do Banco Interamericano de Desenvolvimento de US\$310.000.000 para as ações da primeira etapa da iniciativa e de US\$220.000.000 para as intervenções planejadas para o igarapé do Quarenta. No entanto, o Banco Interamericano de Desenvolvimento assume um papel que não se restringe apenas ao financiamento do programa, mas também ao estabelecimento de diretrizes para seu desenvolvimento. Esse processo é construído através de um conjunto de instruções específicas demandadas pelo banco para a concessão dos empréstimos, que devem estar de acordo com as políticas operacionais e objetivos da agência. Segundo Alves (2011, p.124), o Banco Interamericano de Desenvolvimento almeja “transformar a cidade em uma vitrine portadora de mercadoria plausível de (re)produção urbanística: o fantasmagórico mercado de modelos que servem de base ao mercado mundial de

idades”. Para atingir essas metas, as estratégias do banco incluem a concessão de empréstimos às cidades da América Latina e seus programas, como Manaus e o Prosamim.

Essa realidade internacional reflete na série de objetivos do Prosamim que vão desde os que referem ao ambiente e a sociedade até o próprio programa. Esses objetivos em conjunto nos parecem contribuir para a diversidade de linhas de ação projetadas pela iniciativa. Dessa maneira, averigua-se que, na página oficial do projeto, sua proposta é registrada da seguinte maneira:

[...] ajudar na solução dos problemas ambientais, urbanísticos e sociais que afetam a cidade de Manaus e seus habitantes, especificamente aqueles que vivem abaixo da cota 30m de inundação, tomando como referência o nível do Rio Negro, no Porto de Manaus.

Os objetivos específicos do Programa são: melhoria das condições ambientais; de moradia e de saúde da população na área de intervenção do Programa, por meio da recuperação e ou implantação de sistemas de drenagem, abastecimento de água, redes de esgotamento sanitário, coleta e disposição final de lixo e recuperação ambiental das bacias dos igarapés, planejamento urbano, regularização de propriedades, construção de moradias adequadas, implantação de áreas de lazer, continuação do fortalecimento das instituições participantes, e capacitação das comunidades atendidas. Tudo isto para assegurar que as intervenções realizadas sejam sustentáveis. (O PROGRAMA, 2015).

Dessa forma, a relação do Prosamim com a cidade, além de estratégia para “solução” dos problemas de habitação e urbanismo de Manaus, atuaria também como projeto referente à saneamento básico e drenagem das bacias hidrográficas da capital. Essa diversidade interna de objetivos do programa também é ressaltada no Rima (2004, p.9-12), uma vez que as estratégias do Prosamim são amplas e complexas, sendo necessário trabalhar com três grupos de intervenção com ações distintas entre si. Para atingir seus objetivos, o programa conta com: (i) obras de drenagem da bacia – envolvem a adequação do sistema de macro e micro drenagem de modo a regular o escoamento natural dos igarapés; (ii) saneamento básico – passa pelo melhoramento dos sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário; (iii) urbanismo e habitação – com o objetivo de edificar vias urbanas e equipamentos urbanísticos, além de reassentar a população, o programa conta, no momento de negociação, com as famílias, com as seguintes alternativas: a) indenização, b) reassentamento em terreno no raio de 1.500m do lugar onde moravam, c) reassentamento em terrenos de maior dimensão nas periferias de Manaus; d) reassentamento em terrenos aterrados devidos as obras de drenagem, e)

retorno a cidade de onde migraram ou f) reassentamento em conjuntos habitacionais construídos pelo Governo do Estado do Amazonas.

Dessa maneira, na Manaus contemporânea, a questão do urbanismo e habitação parece acompanhar de perto o desenvolvimento do Prosamim, que segue suas linhas de ação na capital encontrando-se, atualmente, em sua terceira etapa conhecida como Prosamim III, a qual atinge a bacia hidrográfica do São Raimundo. Na bacia do São Raimundo, o Prosamim tem como meta beneficiar 50 mil pessoas que moram nos igarapés que compõe o curso d'água através de um investimento de US\$ 400 milhões, sendo US\$280 milhões financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e US\$ 120 milhões pelo Governo do Amazonas. (GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, 2015).

## **2. FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DO ECOSSISTEMA COMUNICACIONAL DO PROSAMIM**

## **CAPÍTULO 2**

### **FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DO ECOSISTEMA COMUNICACIONAL NO PROSAMIM**

No primeiro capítulo desta dissertação centramos nossa reflexão na memória urbanística da relação do planejamento urbano da cidade de Manaus com as águas. Conforme mergulhamos na pesquisa bibliográfica e documental sobre o Prosamim, percebemos que esse programa tinha um enraizamento na cultura, uma ancestralidade nos projetos urbanísticos anteriores à sua constituição. A apresentação panorâmica do Prosamim, sua caracterização mais detalhada e o estado da arte sobre o tema - com as produções científicas que já se debruçaram sobre esse objeto -, nesse primeiro capítulo, nos convidaram ao pensamento sobre como esse programa se constituiu enquanto memória urbanística nessa cidade, concentrando em si informações precedentes ao seu próprio estabelecimento. Como a negação da relação de Manaus com as águas, que aparece como um elemento recorrente nos projetos urbanísticos da cidade, anteriores ao Prosamim, conforme mostramos no capítulo anterior.

Partindo dessa pluralidade, este segundo capítulo assume como foco o estudo da Comunicação buscando reunir as questões teóricas de fundo que ajudarão na análise dos dados desta dissertação, a ser apresentada mais à frente. Nesse sentido, este segundo capítulo é representativo dos esforços empreendidos de acionamento dos conhecimentos teóricos necessários para a realização deste estudo, que objetiva compreender a comunicação no Prosamim na dinâmica de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos. Para isso, nos foi necessário demandar uma fundamentação teórica que possibilitasse uma discussão sobre o caráter ecossistêmico do Prosamim a partir de uma perspectiva semiótica, especialmente, pela complexidade apresentada por esse objeto de estudos.

Dessa forma, para considerarmos o caráter complexo do fenômeno comunicativo nesse programa, foi preciso adotarmos, neste trabalho, o ponto de partida epistemológico dos Ecossistemas Comunicacionais, uma vez que este estudo demandou deslocamentos transdisciplinares, por isso essa epistemologia mais aberta. Essa consideração nos parece pertinente na medida em que nos permitiu voltar as atenções para a complexidade envolvida nesse objeto de estudos que demandou uma visão sistêmica para a sua observação que, nesse momento, nos foi oferecida pela epistemologia dos Ecossistemas Comunicacionais e pela Semiótica da Cultura. Dessa forma, então, para o cumprimento

do objetivo geral desta dissertação, o Prosamim não pôde ser pensando sem levarmos em os paradigmas científicos e as contribuições da Semiótica da Cultura para o estudo dos Ecosistemas Comunicacionais neste programa. É a partir dessas perspectivas que a Comunicação será apresentada nos tópicos seguintes.

## 2.1 Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais

Este tópico convida ao pensamento sobre o fenômeno comunicacional em uma visão ecossistêmica, buscando apresentar diferentes pontos de vistas de pesquisadores sobre a temática. Por saber que o ecossistema comunicacional é uma visão que ainda está em processo de construção, bem como os estudos dos teóricos que se debruçam sobre o tema, convém afirmar que não pretendemos, nesta pesquisa, esgotar a investigação dessa visão. Trata-se, no entanto, de apresentar múltiplos olhares sobre os ecossistemas comunicacionais, mas que em comum têm o intuito de explorar o fenômeno comunicativo em sua complexidade.

A palavra paradigma, proveniente do latim tardio, é composta de dois radicais gregos; o prefixo *para*, que significa junto, encontrado em palavras como parasita, parafernália, entre outros; a palavra *deigma*, que significa modelo, exemplo; o verbo *deik* (indicar, mostrar) e o sufixo *ma*, indicativo do resultado de uma ação, encontrado nas palavras poema, axioma. Etimologicamente, portanto, podemos concluir que ao empregar seu uso, estamos apontando um conjunto de regras, ou modelos, que são vigentes na nossa visão científica tradicional.

A mudança deste conjunto de regras, ou paradigmas, é uma evolução normal da natureza do método, que é questionar as verdades aparentes da natureza. Este escrutínio das hipóteses naturais, no entanto, raramente é aplicado ao próprio método científico. Nesse interim é que Thomas Kuhn questiona a própria natureza dos paradigmas científicos, em sua obra “Estrutura das Revoluções Científicas”, ele explora como as mudanças de “conjunto de regras ou modelos” se dão no meio científico, abrindo a observação metodológica para um mundo novo de hipóteses. A esta mudança no olhar científico através do tempo ele chamou de “mudança de paradigma”. Nos diz Kuhn:

A ciência normal, atividade na qual a maioria dos cientistas emprega inevitavelmente quase todo seu tempo, é baseada no pressuposto de que a comunidade científica sabe como é o mundo. Grande parte do sucesso do empreendimento deriva da disposição da comunidade para defender

esse pressuposto — com custos consideráveis, se necessário. Por exemplo, a ciência normal frequentemente suprime novidades fundamentais, porque estas subvertem necessariamente seus compromissos básicos. Não obstante, na medida em que esses compromissos retêm um elemento de arbitrariedade, a própria natureza da pesquisa normal assegura que a novidade não será suprimida por muito tempo. (KUHN, 1998, p. 24)

Thomas Kuhn, portanto, enuncia que a natureza da ciência normal é reacionária, e evita mudanças de paradigma. Estamos diante, ao analisar um objeto que não pode ser removido de seu contexto social, econômico ou histórico, assim como o Prosamim, de uma mudança de paradigma nas análises de objetos de comunicação, na sua natureza mais íntima, como essas análises lidam com a própria cultura comunicacional de um programa ambiental. Este estudo não pode ser despido do seu aspecto primordial de complexidade.

Odair Neitzel, em seu artigo “A ciência no paradigma da complexidade”, detalha que “o modelo de ciência dominante, enquanto modelo hegemônico, nega qualquer conhecimento que não se pautar nos seus pressupostos epistemológicos e suas regras metódicas” (NEITZEL, 2015, p. 90). Percebemos que, enquanto a ciência tradicional prega a separação do aspecto social e econômico de um objeto como o Prosamim, de seu aspecto geográfico, histórico e comunicacional, o pensamento complexo vem religar esses aspectos, pautando a nossa pesquisa em um novo viés científico que se contrapõe ao reducionismo cartesiano, com seus “paradigmas da simplificação” (Ver MORIN, 1999).

Esse pensamento complexo, no entanto, não exclui de sua racionalidade a ciência clássica, mas ao contrário, reúne-a em um repertório de conhecimentos da qual ela teimou em se distanciar. Se aproxima muito de um pensamento renascentista ou da antiguidade galiléica, no sentido de compreender os objetos de acordo com o contexto do mundo do qual compartilham. Afinal, no campo das ciências humanas e sociais, o paradigma científico clássico se mostra em crise, com possibilidades de resultados positivos para as investigações científicas contemporâneas. Neitzel conclui de maneira análoga a nossa própria exploração:

Dentre os fatores que levam a ciência clássica a crise, estão o seu modelo de abordagem analítico, simplificador e simplista, que ao mesmo tempo lhe dão legitimidade em suas investigações, limitam a mesma ao lidar com a perspectiva complexa de vida. Assim, Morin e Bachelard entre outros pensadores defende a possibilidade de se pensar e investigar um modelo alternativo de ciência, que tome como base uma epistemologia da complexidade. Mostramos porém que estes autores

em sua crítica e em sua proposta de uma nova ciência, seguem se pautando em um modelo de uma racionalidade constituído e herdado do paradigma da ciência clássica. (NEITZEL, 2015, p. 99)

Diante do exposto, propomos aqui uma concepção de ciência apoiado no paradigma da complexidade, fundamentado em autores como Morin (1999) e Kuhn (1998), que leve em conta as particularidades de um objeto tão multifacetado como o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus, sendo este, uma iniciativa que influenciou o tecido social, ambiental, econômico e comunicacional de uma cidade com histórico de mudanças tão grande quanto sua expansão física e populacional, e desta forma, esperamos compreender o objeto de forma a não reduzir sua observação à uma mera visão disciplinar da ciência contemporânea.

No contexto amazônico, desenvolveu-se, em 2007, uma proposta para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para instalação do primeiro programa de pós-graduação *strictu sensu* na área da Comunicação no norte do País, que teve sua implementação, em 2008, na Universidade Federal do Amazonas. A inauguração do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas foi indicativa dos esforços que, um grupo de professores do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, com destaque para o professor Gilson Vieira Monteiro, realizou na busca de perspectivas teóricas e estudos de comunicação que encarassem o objeto comunicacional de maneira complexa. Nesse cenário, é importante destacar que o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas possui duas linhas de pesquisa, ambas circunscritas à área de concentração do programa, os ecossistemas comunicacionais: (i) redes e processos comunicacionais e (ii) linguagens, representações e estéticas comunicacionais. Os ecossistemas comunicacionais fazem parte de uma proposta de programa única entre os demais Programas de Pós-Graduação do Brasil onde parte-se de uma compreensão da comunicação “não a partir do isolamento de suas partes, mas da diversidade de redes e fenômenos interconectados e interdependentes manifestos nas diferentes instâncias da cultura” (PPGCCOM, 2015).

Vale ressaltar, que em um apanhado histórico, vemos também que o termo ecossistema comunicacional foi utilizado por alguns teóricos latino-americanos, especificamente, nos estudos da Educomunicação, para tratar das práticas comunicacionais educativas mediadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, entre eles o argentino Mario Kaplún (1992), o fluminense Ismar de Oliveira

Soares (2000), o espanhol radicado na Colômbia Jesús Martín-Barbero (1998), o brasileiro Paulo Freire (1976) e o argentino Néstor Garcia Canclini (1995). Em uma linha de pensar as intersecções entre Comunicação e Educação, esses autores apresentaram trabalhos que tratavam pontualmente da problematização dos ecossistemas comunicacionais ou comunicativos<sup>4</sup>, principalmente no que diz respeito as aproximações dos ambientes de educação das ações de comunicação.

Dado nosso objetivo de compreender o fenômeno comunicacional no Prosamim a partir de sua complexidade em uma perspectiva semiótica da cultura, não trataremos aqui das experiências desses pesquisadores citados acima relacionadas aos ecossistemas comunicacionais. A pesquisa bibliográfica nos indicou que o destaque do conceito dos ecossistemas comunicacionais nos trabalhos desses estudiosos da Educomunicação está relacionado com as novas tecnologias de informação e comunicação em uma aproximação com os estudos de comunicação midiática que, como mencionamos na introdução desta dissertação, não é nosso foco de estudos (KAPLÚN, 1992; SOARES, 2000; MARTÍN-BARBERO, 1998; FREIRE, 1976; CANCLINI, 1995). Trataremos sim aqui do conceito dos ecossistemas comunicacionais conforme adotado nos estudos de alguns pesquisadores da Região Norte do País, em especial, da Amazônia, devido a adoção em suas pesquisas de perspectivas complexas para o estudo da comunicação que permitem a análise do fenômeno comunicacional a partir de seu contexto.

Queremos mencionar, *en passant*, dois aspectos que consideramos importantes na perspectiva ecossistêmica adotada para os estudos da comunicação por pesquisadores na Amazônia: (1) O primeiro refere-se ao fato de que a discussão em torno dos ecossistemas comunicacionais por esses estudiosos da Região Norte e seus teóricos de referência tem sido feita em torno da ideia do contexto enquanto elemento chave para a compreensão do fenômeno comunicativo. (2) O outro aspecto que consideramos importante refere-se as relações como mediadoras através da qual esses pesquisadores têm entendido a combinatória atuação das diferentes esferas nos ambientes que se dá a comunicação. Esses aspectos, claro, precisam ser qualificados. Por isso, a seguir, vamos apresentar, de forma mais detalhada, os estudos desses pesquisadores que tentaram explicar os fenômenos comunicativos a partir de seu contexto e de suas relações.

---

<sup>4</sup> Esses estudos oscilaram em sua terminologia, utilizando por vezes a expressão ecossistema comunicacional e noutrora, o termo ecossistema comunicativo sem diferenciação entre uma nomenclatura e outra.

Gilson Vieira Monteiro e Sandro Colferai (2011) ao tratar da necessidade de utilização de novas abordagens para o estudo da comunicação nas pesquisas na Amazônia, em capítulo chamado “Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares”, evidenciam como há uma necessidade de construção de uma percepção amazônica para se pensar o fenômeno comunicacional nessa região. Para Monteiro e Colferai (2011), é o campo que deve ser o ponto de partida para os pesquisadores dessa região, no caso a Amazônia, para assim poderem alcançar uma compreensão da totalidade do objeto. Como hipótese, os autores adotam o conceito dos ecossistemas comunicacionais como teoria para compreensão da comunicação no intuito de dar conta da complexidade do fenômeno comunicativo amazônico em suas dinâmicas contextuais. Nos dizem os autores, que “há a clara necessidade de pensar a Amazônia como totalidade, com partes que se intercomunicam, mesmo que isso signifique extrapolar as fronteiras tradicionalmente constituídas dos campos de conhecimento” (MONTEIRO; COLFERAI, 2011, p.40).

Considerando essa ideia refletir sobre a comunicação na Amazônia a partir das particularidades encontradas na região, os autores demonstram que nessa localidade são encontradas diferenças culturais em relação ao resto do País, no que se refere ao meio ambiente que se põe como desafios para a realização de estudos na área. “Ao pensar a comunicação na Amazônia uma extensa lista de elementos surge como fator de particularização. É o caso das monumentais distâncias a serem vencidas [...] da natureza exuberante, mas exigente” (MONTEIRO; COLFERAI, 2011, p.34). Essa constatação de Monteiro e Colferai (2011) reforça a sua concepção de que para a análise dos fenômenos comunicativos na região amazônica os pesquisadores devem abandonar os modelos pré-concebidos para os estudos da comunicação para poder, assim, dar atenção as complexidades deste campo. “O outro posicionamento necessário é a busca pela ultrapassagem dos paradigmas tradicionais, que mais pretendem obrigar à adaptação do mundo vivido aos seus protocolos do que de fato fazer a prospecção das relações comunicativas” (MONTEIRO; COLFERAI, 2011, p.34).

Em capítulo do livro “Comunicação midiaticizada na e da Amazônia”, Mirna Feitoza Pereira (2011) realiza uma proposição conceitual para uma compreensão científica dos ecossistemas comunicacionais. Para a autora, é o contexto que proporciona as condições para o estudo da comunicação sob a perspectiva ecossistêmica, justamente por conta de sua atuação na aquisição do conhecimento que está relacionada com um redirecionamento de perspectiva do pesquisador dos ecossistemas comunicacionais que

permite a análise do objeto da comunicação não mais a partir de um recorte de pesquisa, mas em sua totalidade contextual conforme sua apresentação na realidade estudada. De acordo com Pereira, para construção de uma abordagem ecossistêmica é necessário “entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens” (PEREIRA, 2011, p.51). Assim, a preocupação da autora concentra-se sobre a exploração dos ecossistemas comunicacionais a partir das relações contextuais estabelecidas pelos objetos da comunicação.

Nesse sentido, Pereira (2011) trata de uma visão ecossistêmica da comunicação que busca uma “compreensão científica que considere o mundo não a partir de uma coleção de partes, mas como uma unidade integrada na qual a diversidade da vida [...] possa ser investigada a partir das relações de interdependência que regem a vida” (PEREIRA, 2011, p.50). Isso quer dizer que, na perspectiva ecossistêmica, a comunicação deixa de ser estudada como elemento atomizado para ser percebida em contexto com os processos que envolvem seus objetos. Daí vem o pressuposto de Pereira (2011) de que a maior dificuldade para a exploração dos objetos empíricos da comunicação é o estudo do intrincado espaço de relações em rede que constitui o ecossistema comunicacional. “O ambiente que a envolve [comunicação] é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir” (PEREIRA, 2011, p.51), visto que esses sistemas tem como característica principal seu caráter interdependente que torna possível dizer que “modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e no limite, na própria cultura” (PEREIRA, 2011, p.51).

No capítulo de livro “Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais”, de Susy Elaine da Costa Freitas e Mirna Feitoza Pereira (2013), reflexões similares sobre a questão do contexto e sua importância para a compreensão da perspectiva ecossistêmica da comunicação podem ser encontradas. Nele, Freitas e Pereira (2013) chamam a atenção para o caráter inovador do conceito de ecossistemas comunicacionais, afirmando que sua introdução nos estudos da comunicação se tornou possível somente após uma mudança de paradigmas na ciência no século XX que, por sua vez, permitiu a investigação dos objetos da comunicação em seu contexto e à luz de suas complexidades. No estudo de Freitas e Pereira (2013), sobre a noção de ecossistema comunicacional e a questão do contexto, as autoras afirmam que:

Trata-se de um campo de estudos que focaliza a diversidade e ao mesmo tempo a unidade de fenômenos interconectados e interdependentes que envolvem as práticas comunicativas, instituindo processos em rede que tensionam as fronteiras disciplinares da investigação científica frente a complexidade do objeto, exigindo pesquisas interdisciplinares e transdisciplinares (FREITAS; PEREIRA, 2013, p. 149).

O que Freitas e Pereira (2013) estão propondo com esta construção teórica é que a contextualização é necessária para a compreensão dos ecossistemas comunicacionais, isto é, o contexto em que se dá o fenômeno comunicacional deve prevalecer nos estudos de natureza ecossistêmica, cabendo ao pesquisador a observação de seus objetos a partir de suas qualidades que dizem respeito a sua realidade contextual. “Ao promover um olhar fincado no contexto e nos nós que compõem a rede de relações a partir da qual o fenômeno comunicacional se manifesta, os ecossistemas transformam o ponto de vista que rege a pesquisa ao observar não apenas o objeto” (FREITAS; PEREIRA, 2013, p.168-169). Nesse pensamento, a atenção de Freitas e Pereira (2013) incide, sobretudo, em relação aos desafios epistemológicos e metodológicos inerentes ao estudo dos ecossistemas comunicacionais. Assim, as autoras afirmam que ao considerar a questão do contexto, os pesquisadores deparam-se com grandes dificuldades na construção dos trabalhos ecossistêmicos, visto que estes últimos não possuem uma metodologia dada *a priori* sendo necessário ainda um reforço de reflexão epistemológica para o estudo da comunicação.

Na tese “Porcarias”, inteligência, cultura: semioses da ecologia da comunicação da criança com as linguagens do entretenimento, com ênfase nos games e nos desenhos animados”, Mirna Feitoza Pereira (2005) assume como objetivo de sua pesquisa “compreender o extraordinário alcance das linguagens do entretenimento na cultura, bem como a capacidade da criança para lidar com a diversidade de códigos e mídias que essas formas compreendem” (PEREIRA, 2005, p.25). Ao adotar uma visão ecológica da comunicação, reconhecendo o papel dos sistemas biológicos humanos (crianças), sistemas tecnológicos (suportes das mídias) e sistemas do entretenimento (desenhos animados e videogames) na configuração de um tecido semiótico, motivada pela ação inteligente dos signos (semiose), Pereira (2005) estava cultivando as sementes do que viria ser a visão do “ecossistema comunicacional”.

Na pesquisa de Pereira (2005), foram tratados aspectos acerca de uma trama semiótica orientada por uma ecologia da comunicação que era foco de seu interesse em nível de doutorado ao adentrar nos processos sógnicos dos games e desenhos animados.

“[...] sistemas biológicos humanos (crianças) estão em pleno diálogo com sistemas tecnológicos (mídias), numa relação inteiramente mediada por sistemas de signos culturais (games e desenhos animados)” (PEREIRA, 2005, p.58). Sendo assim, de acordo com a autora, as relações produzidas pela criança com as linguagens do entretenimento representam uma ecologia da comunicação em sua produção ecossistêmica de signos. Por saber que “ecologia” e “ecossistema” já possuem uma historicidade em outras áreas do conhecimento que não a comunicação, vale fazermos uma recuperação etimológica desses conceitos para, assim, mais a frente, podermos continuarmos avançando na discussão acerca dos ecossistemas comunicacionais.

De acordo com Capra (1999), a nova ciência da ecologia lançou suas bases conceituais a partir dos trabalhos dos primeiros fisiologistas de plantas e animais. Originalmente, a palavra ecologia se referia ao estudo (*logos*) do lar (*oikos*) da Terra, conforme proposta de 1866 de Ernest Haeckel que a definia como “a ciência das relações entre o organismo e o mundo externo circunvizinho” (MAREN-GRISEBACH apud CAPRA, 1999, p.33). Posteriormente, o termo foi aplicado para as relações entre o meio ambiente e os animais e vegetais, na década de 1920. Nos anos seguintes, Charles Elton, com a publicação de seu livro *Animal Ecology* (1927) introduz à ecologia a noção de cadeia alimentar e teia alimentar, a partir das quais descreve o ciclo alimentar dos animais em seus *habitats* em uma busca das inter-relações entre os seres vivos e seus ambientes de moradia. Historicamente, o termo ecologia também chegou a ser associado a organismos em uma comparação do botânico estadunidense Frederic Clements entre comunidades vegetais e “superorganismos”. A ideia de que as comunidades de plantas eram como “superorganismos” foi ponto de divergências entre ecologistas por mais de uma década até que, ano de 1935, Arthur Tansley dá fim aos debates ao rejeitar a concepção de “superorganismo” de Clements para introduzir o conceito de ecossistema para caracterizar o conjunto de comunidades animais e vegetais (CAPRA, 1999, p.33-34).

Na sua origem grega - *oikos* + *systema* – a palavra ecossistema significa, respectivamente, casa e sistema onde se vive. O físico Fritjof Capra (1996) nos chama a atenção para o fato de que, atualmente, a palavra ecossistema está associada à “uma comunidade de organismos e suas interações ambientais físicas como uma unidade ecológica” (LINCOLN et al apud CAPRA, 1999, p.34) e é devedora de todo um pensamento ecológico levando, pelo seu próprio nome, à uma maneira sistêmica de

pensar a ecologia. Não por acaso, Sandro Colferai (2014) discute a proximidade entre os conceitos de ecossistemas e ecologia, apontando que

Quando este conceito [ecossistema] surge em 1935, proposto pelo ecólogo de plantas inglês Arthur George Tansley, a ecologia já havia alicerçado a conservação/proteção do ambiente natural como discurso político. A ciência dos ecossistemas surge como viés científico a legitimar as posições político-econômicas [...]. Na concepção de Tansley estava presente o princípio holístico já apresentado na proposição de ecologia, que toma a natureza como unidade em que os mais variados tipos e tamanhos de ecossistemas são possíveis de serem encontrados, variando desde o universo inteiro até estruturas atômicas e mesmo um único átomo (COLFERAI, 2014, p.41-42)

O conceito de ecossistema, assim, está vinculado à ecologia principalmente no que diz respeito às suas bases conceituais. A partir do século XX, a moderna ciência da ecologia passa a se concentrar no conceito de ecossistema que é tratado como sua unidade básica. Nas palavras de Capra (1999, p.34): “considerando uma comunidade ecológica como um conjunto (*assemblage*) de organismos aglutinados num todo funcional por meio de relações mútuas, os ecologistas facilitaram a mudança de foco de organismos para comunidades, e vice-versa”. Capra (1999) também chama a atenção para outra característica fundamental da ecologia, que é a concepção de sistemas vivos como redes. A ideia de rede vai aparecer de maneira mais delineada no livro “A teia da vida” (1999), sétima obra de Fritjof Capra. Neste livro, o autor afirma que os organismos, tanto enquanto comunidades quanto como partes, apresentam-se como uma totalidade integrada que tem suas características atreladas às relações em rede entre os sistemas vivos, frutos dos vínculos de interdependência que estes últimos estabelecem entre si. “Portanto, há três tipos de sistemas vivos – organismos, partes de organismos e comunidades de organismos – sendo todos eles totalidades integradas cujas propriedades essenciais surgem das interações e da interdependência de suas partes” (CAPRA, 1999, p.34).

Em “A teia da vida”, a proposta de Capra (1999) é pôr em evidência uma compreensão científica dos sistemas vivos a partir de seus entrelaçamentos em rede. A afirmação de que “a teia da vida é, naturalmente, uma ideia antiga, que tem sido utilizada por poetas, filósofos e místicos ao longo das eras para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos” (CAPRA, 1999, p.35) sintetiza o lema da obra do autor e o caráter em rede atribuído a própria natureza da vida. Capra (1999) considera que “desde de que os sistemas vivos, em todos os níveis são redes,

devemos visualizar a teia da vida como sistemas vivos (redes) interagindo à maneira de rede com outros sistemas (redes)” (CAPRA, 1999, p.35) e com essa proposição deixa evidente que reconhece “os ecossistemas como uma rede com alguns nodos. Cada nodo representa um organismo, o que significa que cada nodo, quando amplificado, aparece, ele mesmo, como uma rede” (CAPRA, 1999, p.35). Podemos apreender, portanto, das conclusões do autor de “A teia da vida” de que, para ele, esta noção dizia respeito às relações em rede entre os sistemas vivos e que essa concepção era fundamental para a construção de seu próprio pensamento sobre a ecologia.

Nos Estados Unidos, duas décadas antes do trabalho de Fritjof Capra em “A teia da Vida” (1999), Gregory Bateson (1979) já realizava reflexões sobre a importância das relações para os fenômenos comunicativos. Em seu livro denominado “*Mind and nature a necessary unit*”, o autor propôs uma investigação sobre a comunicação que leva em consideração questões antropológicas, psicológicas e epistemológicas na busca de uma compreensão do fenômeno comunicativo em termos de seus processos relacionais e de interação. Para isso, o autor seguiu um percurso em que procurava apontar as relações entre os organismos e o meio ambiente, tendo como um dos pontos principais de suas análises “o padrão que liga” (“the pattern which connects”) todos os seres vivos. Para exemplificar esse entendimento, Bateson (1979) usou alguns questionamentos práticos em que dizia: “What the pattern connects the crab to the lobster and the orchid to the primrose and all the four of them to me? And me to you? And all the six of us to the amoeba in one direction and to the back-ward schizophrenic in another?”<sup>5</sup> (BATESON, 1979, p.8). A formação do autor no campo da biologia e da antropologia e seu consequente conhecimento sobre o comportamento dos animais e dos seres humanos o possibilitaram usar, nesse exemplo citado acima, noções sobre uma estrutura que pudesse ligar os seres vivos a fim de demonstrar que as bases para se pensar uma epistemologia da comunicação estão centradas no entendimento de uma inseparabilidade entre indivíduo e o meio.

Gregory Bateson foi um dos pesquisadores mais importantes da Escola de Palo Alto, destacando-se principalmente por sua preocupação com a comunicação entre os seres vivos que o levou a construir seu pensamento em torno de que ele chamava de ecologia da mente, ou seja, um modo ecológico de pensar as relações entre os homens,

---

<sup>5</sup> Qual a estrutura que liga o caranguejo do mar à lagosta e a orquídea à primula e todos eles quatro a mim? E o que me liga a vocês? E todos nós seis à ameoba, por um lado, e ao esquizofrênico que internamos, por outro lado? Tradução nossa.

animais, objetos, etc, a partir de suas conexões. As análises do autor foram fundamentais para a constituição de algumas bases epistemológicas para se pensar sistematicamente as relações de sentido que se estabeleciam entre elementos da vida. Como exemplo, pode ser esclarecedora uma de suas reflexões apresentada em palestra na “*Cathedral of Saint John the Divine*”, em Nova York, no ano de 1977, e depois publicada na introdução do livro “*Mind and nature a necessary unit*”.

“In my life, I have put the descriptions of sticks and stones and billiard balls and galaxies in one box, the pleroma, and have left them alone. In other box, I put living things: crabs, people, problems of beauty, and problems of difference. The contents of the second box are the subject of this book”<sup>6</sup> (BATESON, 1979, p.7)

Segundo esse raciocínio, o que interessa para Bateson (1979) são os seres vivos, mesmo que esses últimos não possam ser considerados independentes de seu contexto de relações, visto que “all communication necessitates context, that without context, there is no meaning, and that contexts confer meaning because there is classification of contexts”<sup>7</sup> (BATESON, 1979, p.17). Esse pensamento é de grande utilidade para o entendimento de uma questão fundamental dentro da epistemologia comunicacional proposta por Bateson (1979): a noção de contexto – quer dizer, de sua importância para a sustentação de uma comunicação entre os seres vivos. A esse respeito, o autor comenta que, “it is the context that fixes the meaning, and it must surely be the receiving context that provides meaning for the genetic instructions” (BATESON, 1979, p.15-160)<sup>8</sup>. Assim, podemos dizer, que para o fenômeno comunicativo o contexto em que se dá a relação entre os elementos conta mais que sua tomada de existência separada do ambiente.

Em diálogo está a perspectiva de um grupo de pesquisadores que, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, têm feito estudos da comunicação com base nas questões do contexto e das relações inerentes aos fenômenos comunicativos. Trata-se de estudiosos que têm trabalhado com a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais para a elaboração de suas dissertações com temas de pesquisa variados. No campo do cinema, a jornalista Susy Elaine da Costa

---

<sup>6</sup> Na minha vida, coloquei as descrições de tijolos e de jarras, de bolas de sinuca e de galáxias em uma caixa e, ali, deixei-as repousar em paz. Em uma outra caixa, coloquei coisas vivas: caranguejos do mar, homens, problemas de beleza e questões de diferenças. O conteúdo da segunda caixa é o assunto desse livro. Tradução nossa

<sup>7</sup> Toda comunicação necessita de um contexto, que sem um contexto, não tem sentido, e que o contexto confere sentido porque existe uma classificação de contextos. Tradução nossa.

<sup>8</sup> É o contexto que fixa o significado, e ele deve certamente fornecer sentido para as instruções genéticas. Tradução nossa.

Freitas (2013) propôs uma reflexão a respeito da crítica cinematográfica na web em sua dissertação denominada “Crítica expandida: um estudo do espaço acústico da crítica cinematográfica na web”. Para isso, a autora busca compreender o modo como a crítica cinematográfica se constitui na web a partir de uma análise de suas redes hipertextuais, tendo como um dos pressupostos principais a ideia de que a crítica de cinema se apresenta de maneira diferenciada no meio digital.

Na explicitação que faz do ponto de partida epistemológico que adota para a compreensão do fenômeno comunicativo da crítica cinematográfica em sua dissertação, Freitas (2013) parte do conceito dos ecossistemas comunicacionais afirmando que “a abordagem a partir dos ecossistemas comunicacionais é uma forma de tentar dar conta de compreender um objeto que se mostra cada vez mais complexo [...] que se modifica mesmo depois de ser veiculado pela primeira vez na web” (FREITAS, 2013, p.17). Pois, para essa autora, a crítica cinematográfica na web passa por processos de transformações característicos das ferramentas comunicacionais digitais o que a leva a se apresentar como um objeto complexo na cultura. Sendo assim, de acordo com Freitas (2013, p.8), “a crítica cinematográfica na web pode ser pensada como uma crítica expandida que se dá em um espaço acústico, uma vez que está para além de uma espacialidade bidimensional”. Pode-se apreender, portanto, de suas conclusões sobre a crítica cinematográfica na web, que, para ela, esse tipo de análise fílmica passa por interferências de recursos inerentes a web como o hipertexto, as ferramentas multimídia, de interatividade, etc. Quer dizer, a “fruição da crítica expandida vai além do hipertextual, sendo também sensória, cognitiva e multimídia, implicando em uma experiência, do ponto de vista ecossistêmico, focada em relações” (FREITAS, 2013, p.8).

Os ecossistemas comunicacionais também receberam uma longa atenção do artista plástico Valter Frank Mesquita Lopes (2011), que se dedicou ao conceito em sua dissertação intitulada “O museu virtual como ecossistema comunicativo: um estudo da semiose dos processos comunicativos do *Google Art Project*”. Nela, Lopes (2011) chama a atenção para a relação existente entre o museu virtual do *Google Art Project* e o desenvolvimento de sua comunicação, sugerindo que processos comunicativos nesse tipo de espaço acontecem de forma ecossistêmica a partir da interação entre sistemas semióticos imersos em uma semiosfera. Nesse sentido, na perspectiva de Lopes (2011), o conceito de ecossistemas comunicacionais propiciaria uma melhor compreensão de como ocorre a comunicação no espaço do museu virtual do *Google Art Project*. O autor explica que partiu do “do pressuposto de que há vários sistemas semióticos em relação

uns com os outros, os quais conformam o espaço semiótico do museu virtual, entendendo esse espaço como um ecossistema comunicativo imerso da semiosfera” (LOPES, 2011, p.7). A proposta de Lopes (2011) de lançar mão do conceito dos ecossistemas comunicacionais para o seu estudo da comunicação no museu virtual, pauta-se, portanto, em uma preocupação intrínseca com a configuração do *Google Art Project*.

Considerando essa ideia da busca pela configuração do *Google Art Project* e utilizando o conceito de ecossistemas comunicacionais e do ponto de vista semiótico para a compreensão da comunicação em sua pesquisa, Lopes (2011) demonstra que, o museu virtual é formado por três sistemas de signos que funcionam como sistemas semióticos: os sistemas de base (Google Street View, os museus físicos e o sistema computacional), os sistemas intermediários (linguagens computacionais HTML, Javascript e Actionscript) e os sistemas de superfície (códigos audiovisuais, verbais e visuais). Como aponta o autor, “o estudo desses sistemas de signos permitiu compreender que os mesmos atuam em conjunto constituindo um espaço semiótico e que esses sistemas conformam um ecossistema comunicativo no qual estabelecem relações entre si” (LOPES, 2011, p.78). Sendo assim, de acordo com Lopes (2011), o museu virtual é um ecossistema comunicacional constituído puramente de informação devido a relação existente entre os sistemas de signos de base, intermediários e de superfície no seu espaço que, por sua vez, propiciam a produção de sentido no *Google Art Project*.

## **2.2 Contribuições da Semiótica da Cultura para compreensão dos ecossistemas comunicacionais**

Definido o ponto de partida epistemológico que balizará a análise do fenômeno comunicativo no Prosamim – a ser apresentada no terceiro capítulo desta dissertação – é possível também traçar como esta pesquisa está orientada no que diz respeito às suas questões teóricas de fundo. A partir da apresentação da teoria da comunicação que nos orientou para o entendimento dos processos comunicativos no Prosamim, neste trabalho, será possível discutir o caráter ecossistêmico desse mesmo programa a partir do estudos das relações de suas linguagens. A fim de compreender a comunicação no Prosamim no desenvolvimento de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos, não há como tratar esta pesquisa dissociada do ponto de vista semiótico da cultura. É a Semiótica da Cultura que vai nos ajudar nessa investigação, visto que estamos buscando uma visão sistêmica e ecossistêmica do Prosamim e a Semiótica da

Cultura nos oferece isso. Ao pontuar a utilização dos ecossistemas comunicacionais como maneira que nós estamos buscando apreender esse conhecimento da comunicação no Prosamim e os estudos semióticos da cultura como teoria para o entendimento do fenômeno comunicacional nesse programa, poderemos evidenciar a dinâmica de relações sógnicas envolvidas na composição do ecossistema desse projeto urbanístico.

Ao se referir sobre as diversas possibilidades de pontos de vistas e métodos para os estudo em comunicação e seus objetos, Irene Machado (2003b) encaminha seu pensamento para a reflexão sobre o ponto de vista semiótico. Ao contrário das Ciências Humanas que se interessariam basicamente pela questão da troca enquanto fenômeno unilateral, a semiótica se dubraçaria sobre a “a dinâmica dialógica transformadora da informação em linguagem e, conseqüentemente, da mensagem em instância produtora de sentido dentro do circuito de responsabilidade” (MACHADO, 2003b, p. 279-280). Ou seja, a visão de Comunicação do ponto de vista semiótico não se detém na concepção de uma simples transmissão de mensagens entre emissor e receptor onde o emissor as codifica para um receptor que as decodifica claramente graças a uma codificação comum entre os pólos. Numa perspectiva oposta, o olhar de Comunicação tido por ponto de vista semiótico prevê um processo de dialogismo que abrange sistemas de signos em interação semiótica. Sistemas estes que em operação, funcionam em processos onde o emissor codifica a mensagem, o receptor as decodifica e as recodifica novamente em um sistema em constante circulação.

A preocupação com a busca dos referenciais teóricos desenvolvidos pelo grupo de pesquisadores da semiótica, em especial, da semiótica da cultura, será central nesse tópico que estamos desenvolvendo. Nesse sentido, a seguir, determinaremos mais concretamente essa teoria para a compreensão da comunicação ao qual estamos nos referindo. A Semiótica da Cultura é o nome dado a uma das fontes de origem e desenvolvimento da Semiótica, encarregada do estudo do papel da linguagem na cultura. Segundo Machado (2003a), uma das grandes pesquisadoras brasileiras sobre os estudos semióticos da cultura, a Semiótica da Cultura se constituiu na década de 1960, na Rússia, quando um grupo de pesquisadores da antiga União Soviética deu início a seus estudos na Escola de Tártu-Moscou. A autora continua explicando que os pesquisadores dessa escola de semiótica entendiam, na realidade, a cultura como linguagem, pois, para eles,

“cultura significa o processamento de informações e, conseqüentemente, organização em algum sistema de signos, ou de códigos culturais. Nesse sentido, a semiótica da cultura trabalha com

um intervalo: a transformação da não-cultura em cultura. O que está na pauta de estudo é uma dinâmica transformadora” (MACHADO, 2003a, p.33).

Dito isto, cabe afirmar que para os semioticistas da Escola de Tartú-Moscou, dá-se com o conceito de cultura o mesmo que com o de informação, com destaque também para as suas bases que tem como ponto central a ideia da cultura como um conjunto de informações acumuladas e transmitidas pelas grupos sociais por meio de variadas formas de expressão como as artes cênicas, o cinema, a literatura, etc. Segundo Machado (2003a)

as bases da cultura como informação, onde o elemento-chave é a memória – a memória não-hereditária que garante o mecanismo de transmissão e conservação. A cultura, todavia, compreende não só uma determinada combinação de sistemas de signos como também o conjunto das mensagens que são realizadas historicamente numa língua (ou texto) (MACHADO, 2003a, p.38)

É com base nessa chave de pensamento que essa agremiação de pesquisadores da Universidade de Tártu-Moscou procurou entender a linguagem como um problema semiótico em todos os seus sistemas culturais, perguntando-se: “Se a linguagem é um sistema codificado – diferentes linguagens codificam suas mensagens de modo diferente – seria possível considerar a variedade de códigos culturais como constituintes de um só linguagem?” (MACHADO, 2003a, p.27). Ou seja, se as linguagens são sistemas de signos codificados, que pressupostos regem o seu funcionamento e sua ação na cultura? Como a linguagem se conforma? Como produz significados na esfera do cotidiano? Para entender essas questões postas pela abordagem semiótica da cultura é preciso levar em consideração que “onde quer que haja língua, linguagem, comunicação, haverá signos reivindicando entendimento [...] Por ser o maior manancial de linguagens, a própria vida se oferece como um grande problema semiótico” (MACHADO, 2003a, p.24).

Vale ressaltar, nesse sentido, que, para os pesquisadores da Escola de Tártu-Moscou, que deram corpo para o referencial teórico da Semiótica da Cultura, o mundo precisava ser compreendido para além das representações da língua. Como explicou Machado (2003a, p.35), não se tratava “de considerar linguagem do ponto de vista linguístico e, conseqüentemente, da codificação gráfico-sonora do alfabeto verbal. Trata-se de sistematizar a presença de outros códigos culturais (visuais, sonoros, gestuais, cinésicos)”. Dito isto, cabe elaborar uma digressão sobre quem foram os grandes teóricos, críticos e criadores por trás da Escola de Tártu-Moscou, a saber: Ivanov, Piatigórski, Topórov, Uspiênski e Iúri Lótman. Dentre esses semioticistas, destacaremos o trabalho

de Iúri Lótman, pois esse russo se tornou um expoente nos estudos semióticos da cultura pela sua liderança na composição dessa disciplina teórica e pela relevância que seus postulados passaram a possuir para a compreensão dos sistemas de signos que manifestam-se na cultura. Foi fundamental para definir as grandes balizas dos estudos semióticos russos, que abriram um novo domínio de ideias científicas. Nesse sentido, é interessante observar que a teoria lotmaniana está situada em uma base de um pensamento sobre os mecanismos semióticos da cultura através dos quais os sistemas culturais realizam processos de trocas gratuitas de informação. Andrews apud Torop (2002) afirma que a partir da reflexão sobre os mecanismos semióticos da cultura mencionados por Lótman é possível começar um delineamento acerca da dinâmica das ações dos signos também chamada de semiose.

A semiose é o objeto de investigação da semiótica. É através dela que os signos entram em ação e, assim, geram novos signos. Machado e Romanini (2010) apresentam o conceito de semiose, este sendo um processo imprescindível no arcabouço de conceitos da semiótica. Para os autores a “ semiótica estuda a semiose, ou ação do signo, na sua maior abstração possível. [...] Na verdade, onde houver assimilação e interpretação de informação, haverá ação do signo, o que faz da semiose um fenômeno constitutivo e constituinte da realidade (MACHADO, ROMANINI, 2010, p. 92-93). Proposto em 1906 pelo semioticista norte-americano Charles Sanders Peirce, o termo semiose surge de uma necessidade do campo de investigação semiótica. Peirce nota que para o crescimento deste novo ponto de vista como um corpus de conhecimento, não era necessário apenas sua definição no âmbito do existir/ser, mas também sua definição enquanto processo. Assim, em um trecho de sua coletânea de artigos, define “semiotic, that is, the doctrine of the essencial nature and fundamental varieties of possible semiosis” (CP 5.488)<sup>9</sup>. Portanto, o propósito da semiótica é a compreensão da comunicação como um processo de geração de signos denominado semiose.

As bases posteriores para o desenvolvimento de estudos semióticos da cultura, foi empreendida por Lótman em parceria com Vladimir Ivánov e Bóris Uspiênski. Influenciados por outras áreas do conhecimento como a linguística e cibernética, eles desenvolveram dois conceitos que se tornariam balizares para o referencial teórico da Semiótica da Cultura: a noção de sistema modelizante e de texto cultural. Iasbeck (2004)

---

<sup>9</sup>Semiótica, que é, a doutrina da natureza essencial e as variedades fundamentais da semiose possível. Tradução nossa. A abreviação CP faz referência ao The Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Ref. completa na bibliografia.

explica que “a partir de um sistema modelizante primário, realizado prioritariamente pela língua natural, Lótman desenvolve uma série de fundamentos que funcionam em sistemas não-verbais da cultura, denominados sistemas modelizantes secundários”. Segundo Machado (2003a, p.50), o problema maior de Lótman era: “como, porém, estudar a linguagem de sistemas carentes de um tipo de organização? [sistemas modelizantes secundários], visto que sua preocupação maior em relação aos sistemas modelizantes surgia “em função da necessidade de examinar suas linguagens no sentido de valorizar o potencial comunicativo de suas práticas, manifestações ou fenômenos” (MACHADO, 2003a, p.50). A autora complementa afirmando que a ideia de modelização segundo Lótman, baseava-se em duas noções, a saber: a) “de que a transformação dos sinais em informação é um processo genuinamente semiótico uma vez que resulta na tradução desses sinais em signos” (MACHADO, 2003a, p.50) e b) “o outro, a noção de que nenhum sistema semiótico é dado ao pesquisador mas, sim, construído” (MACHADO, 2003a, p.50). Convém também lembrar que o termo “modelização” tem um início muito bem delineado no campo da informática e, especialmente, da cibernética que o utilizava para tratar da “operação que, no contexto das máquinas, se encarregava da auto-organização e do controle sem os quais a comunicação não pode ser pensada com organização do campo que está disperso” (RAMOS *et al*, 2007, p.29). No campo da semiótica da cultura, modelizar já passa a ser usado em referência a construção dos sistemas de signos de segundo grau a partir da estruturalidade da língua.

Depois do conceito de sistema modelizante, Lótman passa a tratar da noção de texto cultural. Em sua obra “*La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*”, Lótman (1996) trata da concepção de texto da cultura, introduzida pelo estudos da semiótica da cultura da Escola de Tártu-Moscou. Conforme Lótman (1996), ao tomar um objeto cultural como texto, supõe-se que ele “está codificado de alguma maneira [...] sin embargo, ese código mismo nos es desconocido: todavía tendremos que reconstruirlo basándonos en el texto que nos es dado”<sup>10</sup> (LÓTMAN, 1996, p.65). Essa codificação prevista pelo texto cultural, é fruto de sua própria natureza, que já determina seu caráter.

Na codificação desses textos culturais, estão, pelo menos, duas linguagens da cultura. Também chamados de sistemas modelizantes secundários ou linguagens secundárias, as linguagens da cultura, os sistemas de signos culturais distinguem-se do sistema modelizante primário, isto é, da língua natural, cujos textos articulam-se a partir

---

<sup>10</sup> Está codificado de alguma maneira, porém, esse código mesmo nos é desconhecido: todavía temos que construí-lo com base no texto que nos é dado. Tradução nossa.

do código verbal, que é previamente conhecido pelo investigador. Na semiótica da cultura, contudo, não se sabe quais são os códigos que atuam na modelização do texto cultural, sendo a tarefa do pesquisador recompô-los. No contexto dessa abordagem, a noção de texto ultrapassa a codificação propiciada pela linguagem verbal. De acordo com Ramos et al (2007), “se para as ideias semióticas tradicionais (aquelas que se preocupam com a materialização das leis estruturais da língua) texto era equivalente a um enunciado [...] para a semiótica da cultura [...] ele é um espaço de relação por excelência” (RAMOS et al, 2007, p.31).

Termo muito empregado nas ciências humanas em geral, o texto, ganha especial relevância nos estudos semióticos da cultura pela vocação múltipla que pode apresentar. Enquanto na linguística, por exemplo, o texto possui uma unidade de sentido que advém do próprio sistema da língua, na semiótica da cultura, o texto tem em seu caráter fundador, a multiplicidade de sentidos. Enquanto texto cultural, os objetos da cultura podem exercer três funções: (i) função de comunicação, (ii) função geradora de sentidos e (iii) função memória. Na primeira função, o trabalho do texto está em transmitir, do emissor ao receptor, a mesma mensagem. O perigo dessa função para Lótman, está na desfiguração. “Todo cambio en el texto del mensaje es una desfiguración, un ruido: el resultado de un mal trabajo del sistema” (LÓTMAN, 1996, p. 59). Nessa função de comunicação, a transmissão de mensagens se daria de forma mais efetiva quando os códigos entre emissor e receptor fossem idênticos. Para a chegada adequada dos significados da transmissão e o consequente cumprimento da função de comunicação, seria necessário a abolição de diferenças, um mecanismo de identificação e a padronização que também reiteraria uma memória comum no coletivo.

Na função formadora de sentidos, “el texto es heterogéneo y heteroestructural, es una manifestación de varios lenguajes a la vez. Las complejas correlaciones dialógicas y lúdicas entre las variadas subestructuras del texto que constituyen el poliglotismo interno de éste”<sup>11</sup> (LÓTMAN, 1996, p. 61). Ou seja, a heterogeneidade é a essência dessa função. Enquanto na função de comunicação, a homogeneidade era característica necessária para a transmissão de mensagens da cultura, na função geradora de sentidos as diferenças são o que tornam possível a constituição de novas linguagens. Como formador de sentidos, o texto da cultura não é um recipiente passivo, mas sim um gerador de um conteúdo. A

---

<sup>11</sup> O texto é heterogêneo e heteroestrutural, é uma manifestação de várias linguagens de uma vez. As complexas correlações dialógicas entre as variadas subestruturas do texto que constituem o poliglotismo interno deste. Tradução nossa.

essência, para sua geração de sentidos, está na sua introdução em suas estruturas de algo exterior, seja, outro texto, o leitor – considerado também outro texto – ou o contexto cultural. Essa interação entre textos culturais ou do texto cultural e contexto específico é o que que tornaria possível a formação de sentidos.

Lótman faz uma analogia a uma semente de planta ao falar da terceira função que o texto cultural pode adquirir: a função memória. Para ele, na função memória o texto da cultura seria capaz de guardar e reproduzir informações de “estruturas precedentes”. Também se tornariam símbolos integrais que funcionariam em sincronia e diacronia com a cultura. Nesse sentido, os textos teriam “la profundidad del oscuro pasado cultural, de reconstruir capas enteras de cultura, de restaurar el recuerdo, es demostrada patentemente por toda la historia de la cultura de la humanidad”<sup>12</sup> (LÓTMAN, 1996, p.61).

Assim como o texto cultura é um dos conceitos mais complexos adotado pela semiótica da cultura, o signo é o mais elementar. Machado (2003b, p.281) explica que “entende por signo qualquer coisa que sugere a presença ou existência de um fato, condição ou qualidade [...] daí o signo representar uma coisa que está no lugar de outra para alguém ou para um organismo”. Santaella (2007, p.58), por sua vez, ressalta que o “signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto”. Dessa maneira, convém mencionar que a palavra signo que essas estudiosas tratam sobre em seus trabalhos está na própria etimologia da semiótica que em outras palavras, que dizer, ciência dos signos, uma vez que seu nome de raiz grega *semeion*, se traduzido, faz referência ao termo signo. Voltando a Lótman, podemos afirmar que, para ele “os seres humanos não somente se comunicam por signos como são, em larga medida, controlados por eles. Desde a mais tenra idade, os homens são instruídos segundo códigos culturais” (IVÁNOV apud MACHADO, 2003a, p.156).

A semioticista Irene Machado (2003a) ressalta que Lótman pegou emprestado do linguista Roman Jakobson o conceito de código. A característica do código de ocupar lugar central na estrutura da língua dada por Jakobson, teria relação com a noção de estruturalidade das linguagens da cultura dada também a esse conceito por Lótman. Para o semioticista russo, os códigos da cultura seriam

---

<sup>12</sup> A profundidade de um passado cultural escuro, de reconstruir camadas internas da cultura, de restaurar a memória, é claramente demonstrada por toda a história da cultura humana. Tradução nossa.

estruturas de grande complexidade que reconhecem, armazenam e processam informações com um duplo objetivo: regular e controlar as manifestações da vida do bio, do socius, do semeion. Os códigos culturais constituem um vocabulário mínimo da cultura, sempre em movimento. Enquanto tal, constituem-se como sistemas modelizantes: trata-se de uma forma de regulação necessária para a organização e o desenvolvimento da informação (MACHADO, 2003a, p.156)

Igualmente fundamental para um estudo da comunicação do ponto de vista semiótico, é o conceito de semiosfera. Utilizado pela primeira em 1984, na coletânea “*Semeiotiké. Trudy po znakovym sistemam*”<sup>13</sup> do semioticista russo Iúri Lótman, o termo faz alusão ao conceito de biosfera, conforme definição do cientista Vladimir Ivanovich Vernádski. Dessa maneira, assim como a biosfera tornava possível a interação entre os seres animados e inanimados, a semiosfera representava o espaço da cultura sem o qual não aconteceria os processos comunicativos.

La separación de éstos [sistemas] está condicionada únicamente por una necesidad heurística. Tomado por separado, ninguno de ellos tiene, en realidad, capacidad de trabajar. Sólo funcionan estando sumergidos en un continuum semiótico, completamente ocupado por formaciones semióticas, completamente ocupado por formaciones semióticas de diversos tipos y se hallan en diversos niveles de organización. A ese continuum, por analogía con el concepto de biosfera introducido por V.I. Vernadski, lo llamamos semiosfera<sup>14</sup> (LÓTMAN, 1996, p.22).

Quando trata do conceito de semiosfera, Lótman (1996) alerta para outras características inerentes à essa concepção, como a sua incapacidade de possuir formações semióticas que trabalhem de forma isolada e que atuem fora dessa semiosfera. Para o autor, só dentro da semiosfera há comunicação já que é nela que os signos habitam e é nela onde agem, ou seja, onde acontece a semiose. O autor afirma que “sólo dentro de tal espacio resultan posibles la realización de los procesos comunicativos y la producción de nueva información”<sup>15</sup> (LÓTMAN, 1996, p. 23).

---

<sup>13</sup>Essa coletânea foi traduzida para o espanhol por Desidério Navarro com o título: La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto. Ref. completa na bibliografia.

<sup>14</sup> A separação destes [sistemas] está condicionada unicamente por uma necessidade heurística. Tomados isoladamente, nenhum deles têm, na realidade, capacidade de trabalhar. Só funcionam submersos em um continuum semiótico, completamente ocupado por formações semióticas de vários tipos e em vários níveis de organização. A esse continuum, por analogia ao conceito de biosfera introduzido por V.I. Vernadski, chamamos de semiosfera. Tradução nossa.

<sup>15</sup> Apenas dentro de tal espaço são possíveis a realização dos processos comunicativos e a produção de nova informação. Tradução nossa.

A definição da semiosfera como o único espaço onde é possível a geração de novas informações, expressa uma das características fundamentais do conceito de espaço semiótico proposto por Lótman (1996): seu caráter delimitado. A descrição da semiosfera em relação aos seus limites nos leva a necessidade de compreensão do conceito de fronteira semiótica. Isso implica pensar a semiosfera como um espaço limitado, onde exterior (denominado extrassemiótico, alossemiótico ou não semiotizado) e interior estão apartados por um linha imaginária de divisão semiótica. Pereira; Teófilo e Lopes (2013), em artigo sobre o “Grafite, semiose e comunicação no espaço da cidade”, apresentam a fronteira

como um mecanismo bilíngue que traduz, na linguagem do espaço semiótico (interno), as informações do espaço externo não semiótico, semiotizando-o, numa relação que também pode se dar em reciprocidade, a depender do ponto de vista da semiose observada (PEREIRA; TEÓFILO; LOPES, 2013, p.381).

Elemento-chave para a compreensão da dinâmica das relações que movimentam a semiosfera, a fronteira apresenta-se como um mecanismo que torna possível tanto a individualidade quanto a homogeneidade que compõem, respectivamente, seu espaço interno e externo. Quando introduz seu conceito de fronteira, Lótman (1996) alerta para sua correlação com a matemática onde o termo diz respeito a um grupo de pontos que fazem parte, simultaneamente, do que é de fora e do que é de dentro.

A fronteira semiótica também exprime uma organização interna definida como irregularidade semiótica ou hierarquia complexa. A ideia de organização interna da semiosfera relaciona-se com uma composição que prevê a existência de estruturas nucleares e periféricas que atuam no espaço semiótico. “Umas das fontes dos processos dinâmicos da semiosfera é a interação ativa entre suas estruturas nucleares e periféricas, sendo sua regra geral a violação da hierarquia de linguagens” (PEREIRA; TEÓFILO; LOPES, 2013, p.381). Para os autores, a movimentação dessas estruturas na semiosfera cria áreas de tensão entre as linguagens do centro e as linguagens do entorno e é essa não homogeneidade que possibilita a produção de informações novas.

Como veremos no capítulo seguinte, é com o auxílio desse conceito de fronteira semiótica juntamente com os conceitos de signo, semiose, sistemas modelizantes, texto cultural, semiosfera e ecossistemas comunicacionais que buscaremos alcançar o objetivo geral desta pesquisa, isto é, compreender a comunicação no Prosamim no desenvolvimento de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos

comunicativos. Nesse sentido, esses deslocamentos teóricos realizados, neste segundo capítulo - referentes às contribuições da Semiótica da Cultura e do pensamento complexo - nos pareceram necessários para a compreensão do ponto de partida epistemológico adotado nesta dissertação, o dos ecossistemas comunicacionais. Convém também mencionar que tais fundamentos teóricos foram apresentados com vistas à seu acionamento no capítulo seguinte, que se dedicará a análise empírica do objeto estudado, o Prosamim.

### **3. COMUNICAÇÃO E SEMIOSE NO ESPAÇO DO PROSAMIM**

### CAPÍTULO 3

#### COMUNICAÇÃO E SEMIOSE NO ESPAÇO DO PROSAMIM

O segundo capítulo teve como destaque a apresentação dos conhecimentos teóricos usados no desenvolvimento desta pesquisa buscando apresentar a epistemologia que guiou este estudo juntamente com os conceitos-chaves que nortearam sua concepção. Fazem parte desse segundo capítulo o esclarecimento do ponto de vista usado nesta dissertação para a compreensão da Comunicação, ou seja, o ponto de vista dos ecossistemas comunicacionais. O uso da teoria dos ecossistemas comunicacionais buscou atender a uma demanda do próprio objeto, uma vez que o estudo do fenômeno comunicativo no Prosamim exige deslocamentos transdisciplinares devido a complexidade desse objeto de estudos.

Nesse sentido, esse recorte de estudo do Prosamim a partir dos ecossistemas comunicacionais permitiu visualizar, para além da condição aparentemente uniforme desse objeto de estudos, essa complexidade desse ecossistema que demandou outros conhecimentos de outras ciências que não eram só a Comunicação. Desse modo, apresenta-se, nesta pesquisa, uma busca por uma visão comunicativa que dependeu de conhecimentos vindos de outras áreas do saber em meio a um estudo de um programa social e ambiental de Manaus - múltiplo em suas facetas - , que exigiu uma compreensão da Comunicação, mas também da Geografia, do Urbanismo e da História dessa cidade. Dessa maneira, nos pareceu que, inscritos na cidade de Manaus, através do recorte Prosamim, inscreveram-se sistemas heterogêneos que só puderam ser compreendidos em sua complexidade se observados conjuntamente em uma empreitada “para além do limite das ciências” transcendendo, assim, a abordagem disciplinar.

Nesse segundo capítulo, especial ênfase também foi dada aos conceitos advindos da Semiótica da Cultura, devido a sua importância para a composição da perspectiva ecossistêmica da comunicação adotada neste estudo. No horizonte dos estudos da Semiótica da Cultura, nos chamou a atenção a visão sistêmica que essa teoria nos oferece. Na perspectiva semiótica da cultura busca-se uma compreensão sógnica dos fenômenos culturais, com olhar sobre as relações das linguagens envolvidas da cultura que são geradoras e articuladoras de sentido. Dessa maneira, os conceitos advindos dessa teoria, quando aplicados ao estudo dos ecossistemas comunicacionais, impulsionam a compreensão sistêmica da comunicação deste objeto corroborando para o alcance do

objetivo geral, ou seja, compreender a comunicação no Prosamim no desenvolvimento de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos.

Este terceiro capítulo, a título de análise de dados, é dedicado ao recorte empírico desta pesquisa. O que se pretendeu oferecer foi uma evidenciação da dinâmica de relações sógnicas envolvidas na composição do ecossistema Prosamim por meio de uma discriminação semiótica de suas duas amostragens, Parque Rio Negro e Parque Residencial Manaus. Para isso, foram adotados como base os fundamentos teóricos discutidos no segundo capítulo desta dissertação, a saber: ecossistemas comunicacionais, semiosfera, signo, semiose, sistemas modelizantes, texto cultural e fronteira semiótica. Acionada neste terceiro capítulo, a fundamentação teórica passa a operar em função do objeto de estudo Prosamim em um esforço empregado no intuito de se revelar esse ecossistema comunicacional e essa dinâmica envolvida no funcionamento de seus processos comunicativos.

Destacadas as explicações acerca do percurso de reflexões a serem desenvolvidas neste terceiro capítulo, é possível partir para o próximo tópico desta dissertação que trará uma abordagem geral sobre o parque. Vale ressaltar que ambas as unidades do Prosamim escolhidas para a amostragem desta pesquisa (Parque Rio Negro e Parque Residencial Manaus), carregam a palavra parque em sua denominação, apesar de apresentarem diferentes aspectos estruturais em sua constituição. Tendo em vista a importância da definição de parque para a configuração do Prosamim em suas unidades Parque Rio Negro e Parque Residencial Manaus é que o próximo tópico destina-se a caracterização desse tipo de espaço.

### 3.1 O parque

Em português, o substantivo parque, adaptado do francês *parc*, significa “um terreno, mais ou menos extenso, com muitas árvores de grande porte, destinado a passeios, exposições ou ambos”<sup>16</sup>. De acordo com o dicionário Larousse, em francês, a palavra parque adquire diferentes acepções, de *parc d’attractions* (parque de diversões) a *parc de stationnement* (estacionamento) e *parc zoologique* (jardim zoológico). Para Macedo (2003), o parque pressupõe como objetivo o lazer e apresenta-se como um espaço público repleto de vegetação e livre para acesso da massa urbana. Conforme Walnyce

---

<sup>16</sup>De acordo com o dicionário Michaelis, disponível online em: [michaelis.uol.com.br](http://michaelis.uol.com.br)

Scalise (2002), o parque possui uma conceituação difícil devido a diferença existente entre suas definições que variam de acordo com o raciocínio adotado, as preferências de determinado grupo ou da época.

Em uma perspectiva ampla, pode-se dizer que há uma variedade de conceituações para a palavra parque que são reflexo das diferenças de tamanhos, funções, tratamentos, equipamentos e usos de seus grupos. Scocuglia (2009) elenca os diversos equipamentos que os parques podem possuir e, dentre eles, destaca: os equipamentos culturais, esportivos e recreativos e os equipamentos de vegetação com caminhos e áreas arborizadas como atrativo principal. Construindo um paralelo, Balza (1998) afirma que, quanto às funções, os parques podem ser identificados como de recreação, apresentando uso ligado à atividades esportivas; papel estruturante da forma urbana; planejador de opiniões, enquanto outros podem adquirir função estética; função de contemplação; de uso educativo; função social e cultural e função ecológica.

Nesse terreno de diferenças entre concepções, a distinção dos conceitos apresenta-se através do tempo. A partir desse momento, queremos falar da época de origem e evolução dos parques urbanos. Trata-se de uma breve contextualização histórica desses espaços de sociabilidade com o objetivo de analisar suas características e funções através do anos, desde o seu surgimento, no século XVIII até os dias atuais. Para entender o desenvolvimento dos parques urbanos, é importante ter em mente que suas definições foram se modificando de acordo com os séculos, no que se refere à sua localização nos diferentes países e suas distintas características sociais, culturais e econômicas.

Segundo Scocuglia (2009), uma das grandes estudiosas brasileiras de urbanismo, os parques urbanos nasceram no final do século XVIII, em decorrência de vários fatores e em paralelo à formação das cidades. Um desses fatores foi a demanda das classes trabalhadoras, que cada vez mais reivindicavam por espaços de lazer na cidade devido ao seu novo ritmo de trabalho no capitalismo industrial. Em termos de desenvolvimento, no caso específico da Europa e dos Estados Unidos, destaca-se o apogeu do parque, no século XIX, com a reforma de Paris promovida pelo barão Haussmann e o movimento dos parques americanos em Nova York, Chicago e Boston projetado por Frederick Law Olmsted. No Brasil, durante muito tempo, o parque se manteve como espaço das elites, que recriavam no país os modelos adotados na Inglaterra e na França enquanto referenciais de beleza e bom gosto. Nas cidades brasileiras, nos primórdios do século XIX, era pouco o número de parques construídos, restringindo-se a algumas edificações em certas capitais. Como exemplos, temos, no Rio de Janeiro, o Campo de Santana (criado

em 1873 com nome em referência a igreja de Santana) e o Jardim Botânico (fundado em 1808 após decisão do príncipe regente português D.João).

À medida que a disciplina Urbanismo se difundia no Brasil, já no final do século XIX, era possível identificar a inserção de novas ideias no planejamento dos parques urbanos brasileiros. Tais condições conjunturais, além de provocar o aumento no número de parques no Brasil – agora, não só as capitais possuíam esse tipo de espaço -, acarretaram também transformações no traçado urbano dos novos espaços urbanos. Conforme aponta Fabiano Lemes de Oliveira (2010):

Se até o seu aparecimento dentro do urbanismo as áreas verdes se vinculavam quase que unicamente às vontades de embelezamento urbano, de criação de espaços salubres e aptos para os passeios da elites; é nos primeiros planos para a cidade que os parques e sistemas de parques passam a ser considerados como elementos chave do planejamento e de conexão do tecido urbano. O embelezamento, saneamento e oferecimento de áreas verdes para o deleite persistem como interesses, mas se percebe uma mudança clara de postura em direção ao entendimento do parque como instrumento de construção da nova cidade almejada e onde se passa a pensar em novos públicos e usos, como sejam o esporte e recreio ativo (OLIVEIRA, 2010).

Sob essa perspectiva é que foram construídos, os parques nas estações de água nos municípios de Araxá e Poços de Caldas, em Minas Gerais e os passeios públicos em Fortaleza, Recife e Curitiba. No final do século XIX, pois, o Brasil já registrava comumente a presença de belos parques em suas principais capitais e cidades do interior dos Estados. Nas décadas de 50 e 60, o projeto de desenvolvimento dos ideais modernos nacionalmente encampados pelo presidente Juscelino Kubitschek, influenciou a idealização de Brasília, que é concebida como cidade parque pelo arquiteto Lúcio Costa em 1950 e inaugurada em 1961. O traçado das ruas de Brasília é formado “[...] por extensos gramados e arvoredos, permitindo aos seus moradores o desfrute cotidiano, ao menos visual, de espaços cenicamente tratados como um parque” (MACEDO, 1999, p.84).

O século XX marca a consolidação da arquitetura paisagística no Brasil com a incorporação de uma tendência nacionalista na projeção dos espaços públicos no País que, desde esse período, passam a concentrar em suas concepções influências tropicais na reivindicação de uma identidade tipicamente brasileira na sua constituição. A valorização das características próprias do Brasil na formação dos parques urbanos, nesse momento, é acompanhada por um desprendimento das influências dos modelos europeus

adotadas anteriormente. Jovanka Scocuglia (2009) atribui à valorização do lazer o novo status dado aos parques que, ganhando aceitação como função urbana, passam a ser utilizados como resposta do poder público às necessidades sociais da população das cidades. Esse reconhecimento do papel do parque em torno de uma nova mentalidade de cidadania é seguido pelos governos estaduais e municipais que, começam a mostrar interesse na construção dos parques públicos.

Um dos fatores que fomentou o interesse da classe política em torno dos parques ocorreu nos últimos vinte anos do século XX. Grande parte da população brasileira passou a residir nas cidades, com uma crescente urbanização no País, estimulando a formação de novos espaços destinados a sociabilidade pelo poder público, grande parte motivado pelos centros urbanos agora em exponencial crescimento. Antonio Castelnuo (2006) explica que é flagrante a importância das áreas verdes para as metrópoles na promoção da sociabilidade e contato com a natureza contudo, a sua implantação pelos governos acaba encoberta pelo forte processo de urbanização que passam as cidades. Segundo autor, “incorporando uma imagem construída da “natureza”, os lugares, os territórios e as paisagens passaram a ser “vendidos” como amenidades, quando são apenas uma contemplação fugaz do mundo natural, ou seja, uma mercadoria a ser consumida” (CASTELNOU, 2006, p.70).

No século XXI, com a contínua expansão urbana e a conseqüente preocupação com a sustentabilidade e o equilíbrio ecológico das cidades, os parques passam a se adaptar às novas exigências de modelo para esse tipo de espaço. Em um contexto de conservação das áreas verdes nos grandes centros, a resolução do problema da “preservação da natureza” tornou-se foco de uma série de iniciativas públicas e privadas. De maneira geral, partindo da pressuposto de que era necessário reestituir algumas condições naturais na paisagem urbana, a perspectiva dessas iniciativas foi a de que os parques deveriam ser integrados aos espaços das metrópoles. A arquiteta Jovanka Scocuglia (2009), no artigo em que analisa o Parc de la Tête d’Or, na França, seu objeto de estudo, diz que

[...] superado o modelo de parque do século XIX, em especial aquele idealizado em bairros burgueses e para exibição social, o parque dos séculos XX e início do século XXI procurar recriar as condições naturais que a vida urbana insiste em negar: locais de sociabilidade e contato físico e ativo com a natureza. São lugares de socialização para jogos e atividades esportivas. Sua provisão é fruto das municipalidades e, em geral, surgem a partir da existência de áreas verdes vazias nas cidades em crescimento, de sua presença nos planos urbanísticos e,

ainda, da tendência contemporânea que reivindica a presença dos parques e áreas verdes como espaços propícios ao lazer saudável, à sociabilidade pública e ao equilíbrio entre meio ambiente natural e construído (SCOCUGLIA, 2009).

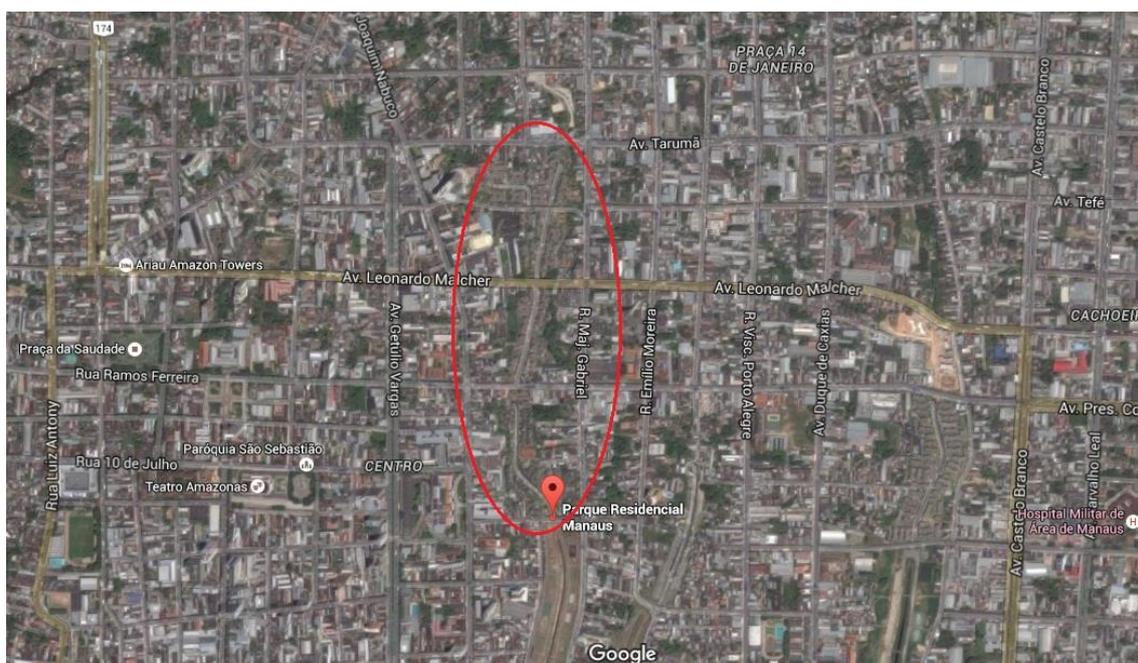
Contrária a opinião de Scocuglia, Dias (2005) afirma que as grandes reformas nas funções do parques urbanos neste século XXI estão acontecendo apenas nos países de primeiro mundo. Em existência chamada por ela de “pequena e seu uso é bem tímido e às vezes elitizado”, a autora menciona que algumas dessas transformações nos espaços públicos, mencionados por Scocuglia, não se estendem ao Brasil ou aos países da América do Sul. Para Dias (2005), aparecem, como motivos, a falta de valorização dos parques pelo poder público, que não apoia uma quantidade suficiente de políticas que dêem conta da construção desses espaços de sociabilidade, além de dedicarem majoritariamente seus recursos a iniciativas mais lucrativas, como locais de entretenimento privados.

Com todas essas questões acerca dos parques urbanos do século XXI, Silva; Pasqualetto (2013) ressalta algumas de suas preocupações em relação a concepção desse tipo de espaço no Brasil. Na opinião do autor, “planejar um parque não é copiar um modelo de determinada linha, cidade ou país, é antes de tudo entender as suas relações com o entorno, com a população envolvida, com o histórico em que se insere” (SILVA; PASQUALETTO, 2013, p.10). Outra particularidade destacada pelo pesquisador, são as funções destinadas ao parque, o qual, para ele, “deve ser o palco dos acontecimentos, das manifestações das novas ideias, deve ser o ponto de novas relações sociais, promovendo assim o direito à cidade para que se estabeleça uma profunda interação entre a cidade e a natureza” (SILVA; PASQUALETTO, 2013, p.10). A partir desse panorama, que o próximo tópico apresentará a caracterização da amostragem do Prosamim selecionada para esta pesquisa, as unidades Parque Rio Negro e Parque Residencial Manaus.

### **3.2 O local da pesquisa: Parque Residencial Manaus**

O Parque Residencial Manaus é entrecortado pelas ruas e avenidas Tarumã, Doutor Machado, Leonardo Malcher, Ramos Ferreira e Ipixuna (Figura 9) e possui 819 blocos de unidades de habitação divididos em três andares cada um (Figura 10, 11 e 12). É situado no Centro da cidade e possui apartamentos com área útil 54m<sup>2</sup> dispostos em dois quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço. Tal conjunto foi entregue em duas etapas. A primeira foi repassada às famílias beneficiárias do programa em outubro de

2007 e a segunda em dezembro de 2008. Na primeira etapa foram construídas 567 unidades habitacionais situadas próximas as ruas Ipixuna e Ramos Ferreira ocupando uma área total de 91.220,74 km<sup>2</sup>. No ano seguinte, foram concluídas as obras de segunda etapa do parque residencial com a construção de 252 unidades habitacionais (SITE INSTITUCIONAL DO PROSAMIM, 2016). De maneira geral, o programa, em sua primeira etapa, contou com um custo de US\$200,000,000 (duzentos milhões de dólares americanos), sendo 70% (US\$140 milhões de dólares) financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID e 30% (US\$60 milhões de dólares) como contra-partida do Governo do Estado do Amazonas (RGAS, 2005, p.2). Atualmente o Parque Residencial Manaus é o maior conjunto em número de unidades habitacionais no âmbito do Prosamim.



**Figura 8:** Vista superior da área central da cidade, com destaque para a localização do Parque Residencial Manaus.

**Fonte:** <https://www.google.com/earth/>



**Figura 9:** Vista geral do Parque Residencial Manaus  
**Fonte:** <http://prosamim.am.gov.br/>



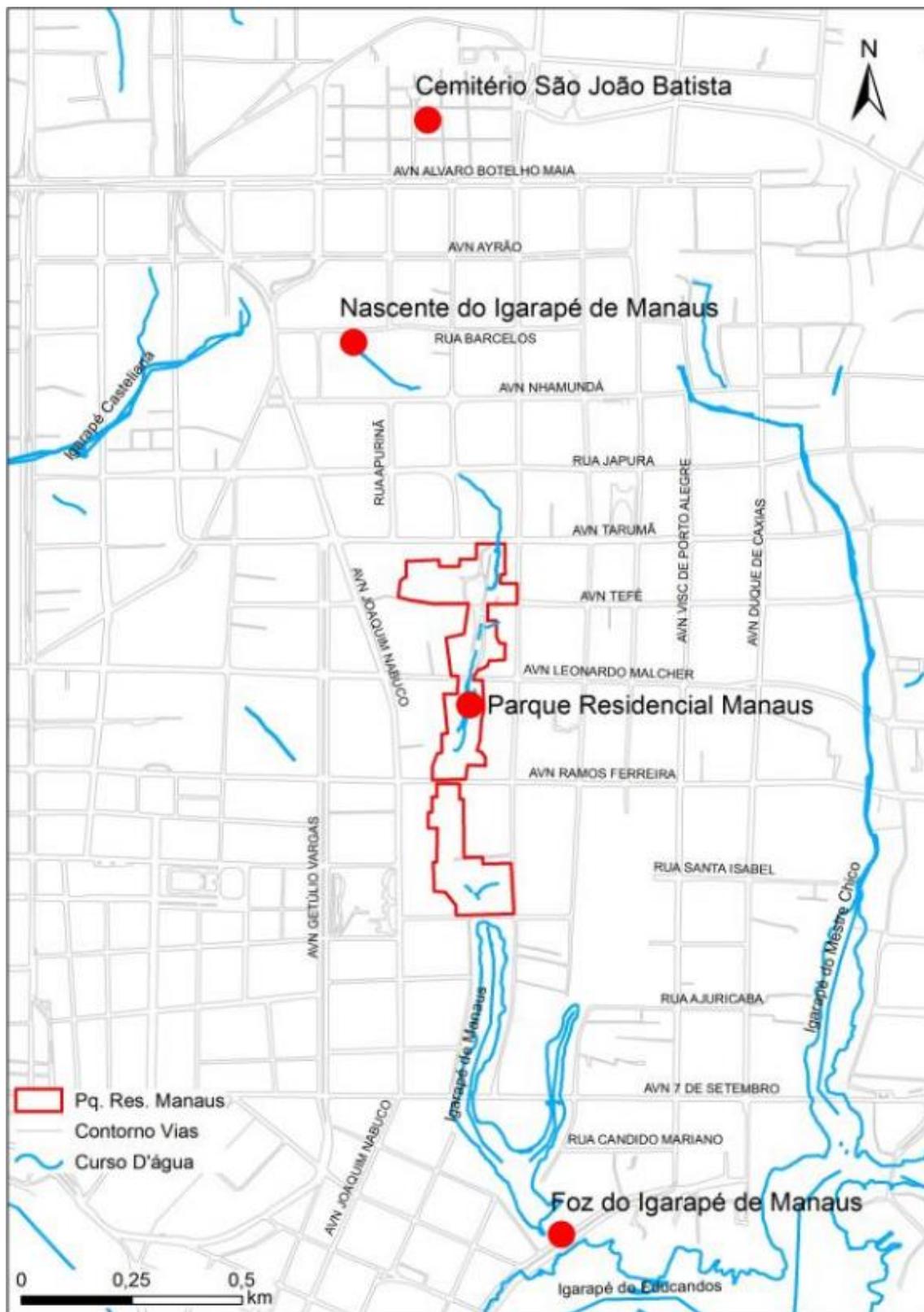
**Figura 10:** Via principal do Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 11:** Blocos de apartamentos.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

O Parque Residencial Manaus localiza-se sobre a microbacia do Igarapé de Manaus (Figura 13) pertencente a bacia hidrográfica do Educandos, principal da capital. Cabe ressaltar a importância histórica da bacia do Educandos como escoradouro natural dos cursos d'água que atravessam o espaço da cidade e como lugar de morada das populações de baixa renda em Manaus. Segundo dados do relatório de gestão ambiental e social do Prosamim (RGAS, 2005, p.12), a bacia do Educandos foi escolhida para implantação da primeira etapa da iniciativa por sua densa ocupação diante de área de risco através da concentração de altos índices de doenças de veiculação hídrica que correspondiam a um total de 7.000 famílias em áreas ambientalmente vulneráveis, existindo no entanto 580.000 na área.

Totalmente inserida no espaço urbano, a bacia do Educandos possui uma área de 44.87 km<sup>2</sup> e envolve um total de 17 bairros na porção sudeste de Manaus: Centro, Praça 14 de Janeiro, Cachoeirinha, São Francisco, Petrópolis, Raiz, Japiim, Coroado, Educandos, Colônia Oliveira Machado, Santa Luzia, Morro da Liberdade, São Lázaro, Betânia, Crespo, Armando Mendes, Zumbi dos Palmares e 80% da área do Distrito Industrial de Manaus (RIMA, 2004, p.11).



**Figura 12:** Delimitação do Igarapé de Manaus.

**Fonte:** Selma Paula Maciel Batista, 2013.

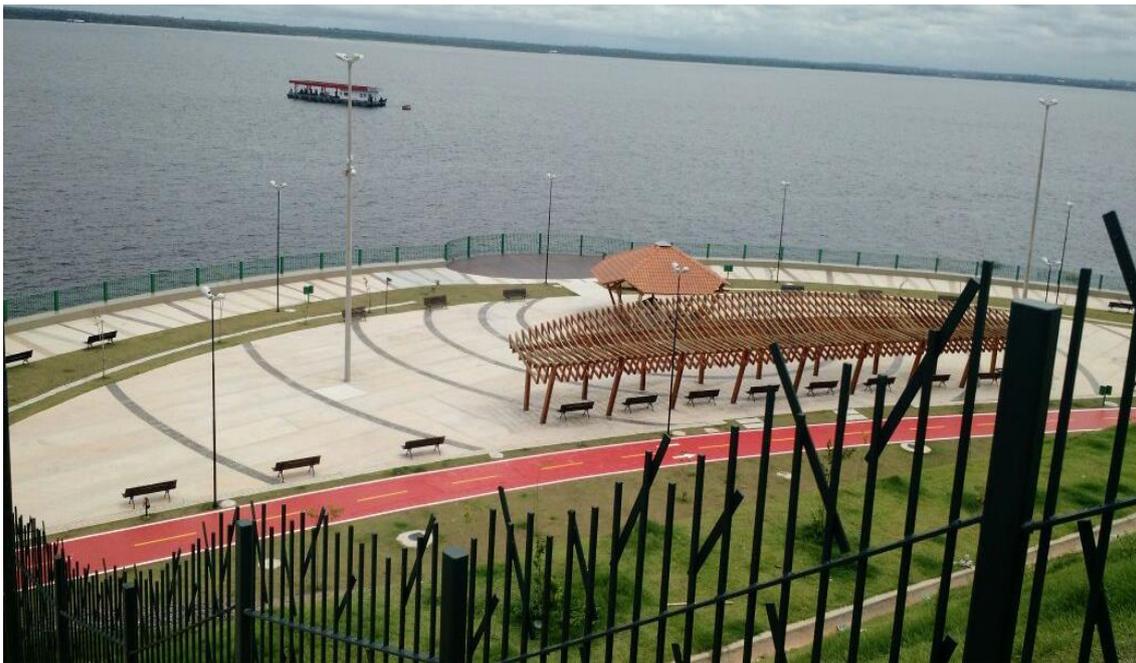
Vale ressaltar que o empenho do poder público em efetivar o Prosamim nesta área conta com a decisiva localização da bacia do Educandos no Centro da cidade e Distrito Industrial que são locais de atividades comerciais e de indústria que movimentam o cenário empreendedor da cidade manauense e o imaginário dos turistas e empresários. Para Vilaça (2012, p.41), “a efetivação do programa nesta área passa a atender também aos anseios de se ter uma cidade (principalmente o centro) organizado, estruturado e moderno para atender aos grandes empreendedores”.

O Centro de Manaus situa-se na zona sul da capital e é o vigésimo bairro mais populoso da cidade, segundo dados do censo 2010 do IBGE, com uma população de 33.183 habitantes. Em seu perímetro estão abrigados prédios históricos como o Teatro Amazonas, a Igreja São Sebastião, a Catedral Metropolitana, a Alfândega, o Palácio Rio Negro e a Biblioteca Municipal.

Hoje somamos quatro bacias hidrográficas na área urbana de Manaus, sendo: duas encontradas totalmente dentro da cidade – Bacia do Educandos e do São Raimundo – e duas parcialmente inseridas no perímetro urbano – do igarapé do Tarumã-Açu e do rio Puraquequara (BRASIL, 2005). O Parque Residencial Manaus – que teve obras entregues nos anos de 2007 e 2008 – foi um dos resultados das obras do Prosamim que movimentaram a Bacia do Educandos enquanto o Parque Rio Negro – que foi entregue em 30 de abril de 2015 – é fruto das obras do Prosamim na Bacia do São Raimundo.

### **3.3 O local da pesquisa: Parque Rio Negro**

O Parque Rio Negro (Figura 14, 15 e 16), situado na região oeste de Manaus, caracteriza-se por sua localização na orla do bairro São Raimundo e na confluência do Igarapé de São Raimundo com o Rio Negro (figura 17), antes área ocupada por palafitas. Com extensão de 36.590m<sup>2</sup>, o parque possui guarita, estacionamento, pista de caminhada, quatro praças, seis pontos de venda de alimentos, banheiros masculino e feminino, quatro mirantes, playground, placas de sinalização e identificação, acessos pelos portões, iluminação e uma academia ao ar livre. (GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, 2015). O parque, também, encontra-se aberto ao público somente das 6h até às 22h.



**Figura 13:** Imagem geral do Parque Rio Negro.  
**Fonte:** UGPI, 2015.



**Figura 14:** À esquerda, quiosques de venda de alimentos e no fundo da imagem, o igarapé de São Raimundo e a ponte Senador Fábio Lucena.

**Fonte:** UGPI, 2015.



**Figura 15:** Mirante do Parque Rio Negro.  
**Fonte:** UGPI, 2015.

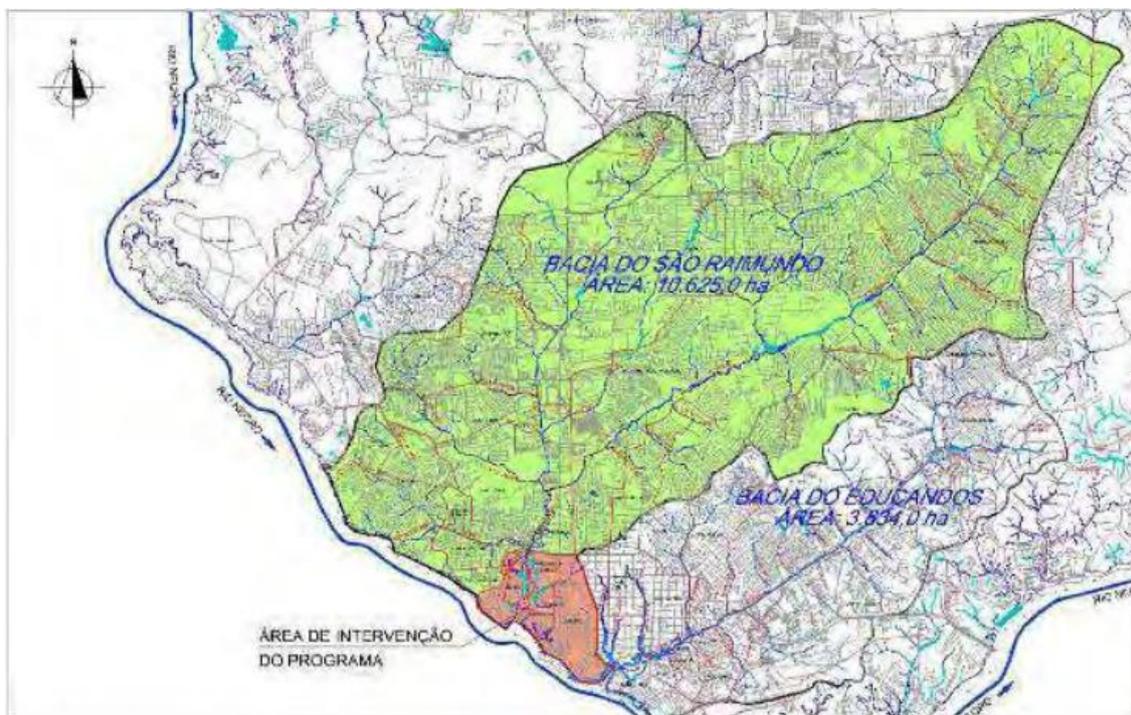


**Figura 16:** Vista superior da zona oeste da cidade, com destaque para a localização do Parque Rio Negro.

**Fonte:** <https://www.google.com/earth/>

A execução do Prosamim na bacia do São Raimundo tem como meta beneficiar 50 mil pessoas que moram nos igarapés que compõe o curso d'água através de um investimento de US\$ 400 milhões, sendo US\$280 milhões financiados pelo BID e US\$ 120 milhões pelo Governo do Amazonas. Nessa etapa o prazo de desembolso dos investimentos é de cinco anos estendendo-se, assim, até 2017 (PROSAMIM III, 2016). Totalmente inserida na área urbana, a bacia do São Raimundo (Figura 18) envolve um total de 16 bairros, estendendo-se pelas zonas norte, leste, oeste e centro-oeste da cidade

e tendo como escoadouro final o Rio Negro. Seu principal integrante é o Igarapé de São Raimundo que adquire este nome após a confluência do Igarapé do Franco com o Igarapé Cachoeira Grande no escoamento até a foz do Rio Negro (RIMA, 2012, p.156).



**Figura 17:** Delimitação da bacia hidrográfica do São Raimundo.  
**Fonte:** Relatório de Impacto Ambiental, 2012.

Componente da terceira etapa do Prosamim, o Parque Rio Negro tem como meta prevenir novas ocupações no entorno do igarapé em uma estratégia do governo de construção de vias e parques (RIMA, 2004). Segundo dados do relatório de impacto ambiental (RIMA, 2012, p.50), os projetos de urbanização de orla da terceira fase do programa contemplam 4,31 km de extensão, sendo que para o primeiro momento foram projetados aproximadamente 2,20km, incluindo muros de contenção, ciclovias e passeios. Vale ressaltar que em sua terceira etapa, o Prosamim atua em cinco bairros de Manaus, a saber: Centro, Aparecida, Glória, Presidente Vargas e São Raimundo. No bairro São Raimundo, está inserido o Parque Rio Negro.

O bairro São Raimundo situa-se na zona oeste de Manaus e ocupa uma superfície de 112,45 hectares, sendo local de residência de 15.395 habitantes (RIMA, 2012, p.216). Seu perímetro urbano tem início no Igarapé de São Raimundo e segue até a comunidade da Glória. Estrategicamente, a região é ligada ao centro da cidade pela ponte Senador Fábio Lucena, de localização paralela ao Parque Rio Negro.

Antigo patrimônio do Seminário São José, o bairro São Raimundo teve sua ocupação iniciada em 1849, com o loteamento de parte das terras da diocese para famílias de baixa renda de Manaus. Com a venda dos terrenos, a população começou a construir suas primeiras casas no bairro e passaram a caçar e pescar para seu sustento, que obtinham, em parte, com a venda desses alimentos nas feiras da cidade. Denominadas “foros da igreja”, as quantias mensais pagas pelos moradores de baixa renda aos bispos do Seminário São José, são quitadas somente depois de trinta anos.

De acordo com o relatório de impacto ambiental do Prosamim, à medida que crescia o número de casas e habitantes do bairro, estabelecia-se novos padres na diocese local. É neste período que o padre Raimundo Amâncio de Miranda estabeleceu-se na região trazendo consigo a imagem de São Raimundo Nonato. A imagem do santo foi aos poucos adquirindo importância no bairro nos dias de festas, quando era colocada no meio do altar da diocese. O clima de veneração era tanto que logo produziria grandes impactos na comunidade que, começaria a ser chamada de São Raimundo.

No final do século XIX e início do século XX, era iniciado o processo de urbanização do bairro. A chegada da urbanização no São Raimundo representava o aumento no número de ruas, a construção de novas casas e a chegada de novos moradores. Em 1912, pois, a região já possuía o matadouro do município. Mais que prestígio, a chegada do matadouro significava um aumento na oferta de empregos no local, promovendo uma expansão demográfica que, mais tarde, levaria a subdivisão do bairro em Glória, Matadouro e São Raimundo.

Ainda segundo o relatório de impacto ambiental do Prosamim, com a chegada na capital de uma grande leva de trabalhadores vinda do interior do Estado devido à grande enchente de 1953, o bairro sofreu sua segunda grande expansão populacional, e, por volta de 1965, com o desmantelamento da Cidade Flutuante de Manaus (povoamento de casas flutuantes sobre as águas do Rio Negro, em frente à cidade), outro aumento em sua população. Em 1982, concluía-se a obra da ponte Senador Fábio Lucena que, diminuía a distância do bairro São Raimundo até o Centro da cidade. A construção da ponte levou a extinção das catraias como meio de transporte na região já que agora era possível cruzar o igarapé andando.

De terra da diocese, o bairro de São Raimundo se tornou local de moradia de um grande número de famílias amazonenses. A região hoje não apresenta intensa atividade comercial, e os poucos comércios reduzem-se à pequenos mercados. Destaca-se, pela importância, o transporte de balsa feito no porto do bairro que, faz a ligação da capital

com o município de Iranduba e a presença na região do segundo maior estádio de futebol da cidade, o estádio da Colina.

### 3.4 Organização dos dados

Este tópico traz as discussões acerca da organização e análise dos dados coletados em campo. São reflexões de caráter estratégico para a estruturação do pensamento na análise empírica do objeto, nas quais são apresentadas as categorias que foram estabelecidas para a organização da experiência da coleta de dados, o ponto de vista adotado para a interpretação do fenômeno *in loco* e a ação realizada para a avaliação das informações recolhidas em campo.

As categorias utilizadas para a organização da análise dos dados desta pesquisa resultam das observações feitas do objeto em campo pela pesquisadora. Todas as categorias para organização do pensamento adotadas, foram concebidas no intuito de colaborar para o alcance do objetivo geral desta dissertação, ou seja, compreender a comunicação no Prosamim no desenvolvimento de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicacionais. Nesse sentido, acreditamos que as categorias empregadas para a organização da experiência comunicativa no Prosamim além de serem fundamentais para o desvelamento do ecossistema comunicacional desse programa social e ambiental da cidade de Manaus e da dinâmica que o envolve, permitem compor uma linha de raciocínio didática na leitura semiótica dessa iniciativa a ser desenvolvida nos tópicos seguintes.

Trata-se, assim, de uma divisão da análise de dados por categorias apenas por fins heurísticos, por uma questão de uma disposição didática da experiência *in loco*, visto que no campo não há essa divisão. Nesse sentido, vale ressaltar que o campo, no Prosamim, nos mostrou uma sobreposição de signos que se cruzam em bricolagem, relacionando-se uns aos outros, em um conjunto dinâmico de processos comunicacionais em contínuo estado de movimento. Entender essa lógica inerente as cidades, nos permite reiterar, nesse momento, o entendimento de comunicação que buscamos nesta dissertação, isto é, a compreensão dos ecossistemas comunicacionais e da semiótica da cultura como teorias para os estudos dos processos da comunicação que, nas metrópoles, não se apresentam de forma apartada do ambiente mas, em diálogo com seu entorno, de forma integrada.

Dessa forma, a análise de dados será estruturada da seguinte forma: a primeira parte faz referência às explorações semióticas da primeira unidade do Prosamim escolhida para amostragem desta pesquisa, o Parque Residencial Manaus; no tópico

seguinte são elencadas as explorações semióticas do Parque Rio Negro, em torno do qual se constitui a segunda amostragem desta pesquisa. Por conseguinte, as explorações semióticas do Prosamim em suas amostragens, Parque Residencial Manaus e Parque Rio Negro, se dividirão em categorias, a saber: (i) em relação às linguagens envolvidas; (ii) em relação à memória da cultura urbanística e (iii) em relação ao ecossistema comunicacional.

A categoria “em relação às linguagens envolvidas” marca uma abordagem do Prosamim a partir das linguagens que compõem os sistemas culturais que funcionam como sistema de signos na articulação de semioses no espaço desse projeto urbanístico. Por sua vez, na seção “em relação à memória da cultura urbanística”, a proposta é identificar os textos culturais configurados pelos sistemas de signos em atuação nos processos comunicacionais do Prosamim e, a partir daí, na categoria a ser apresentada, “em relação ao ecossistema comunicacional”, propõem-se o reconhecimento dos sistemas sógnicos envolvidos na produção de sentidos do fenômeno comunicativo no Prosamim, nas duas unidades utilizadas para amostragem nesta pesquisa.

Na interpretação dos dados coletados, no Parque Residencial Manaus e no Parque Rio Negro, utilizamos o ponto de vista semiótico que compreende a comunicação como dinâmica dialógica de sistemas de signos em interação semiótica, cujo interesse é a semiose, ou seja, “a focalização das instâncias de comunicação como lugar de produção de mensagem, isto é, de transformação da informação em signo; de geração e circulação de sentido; de construção de campos de significação” (MACHADO, 2003, p.282). Explorar o Prosamim a partir do ponto de vista da semiótica implica perceber o objeto em questão como um espaço semiótico formado por signos, que funciona a partir da ação da semiose em um arranjo sógnico da comunicação. Sob o ponto de vista semiótico, as relações entre os sistemas de signos que compõem o espaço do Parque Rio Negro e Parque Residencial Manaus se tornam mais explícitas – e por isso facilitam a compreensão de uma configuração de um ecossistema comunicacional de base semiótica desse espaço – pois entendemos que a comunicação no Prosamim é resultado da ação dos signos (semiose) que gera sentido nessa iniciativa e que constitui, por conseguinte, o próprio ecossistema comunicacional desse programa.

A primeira coisa que a adoção do ponto de vista semiótico mostrou é que a comunicação não se conforma a partir de uma simples transmissão de mensagens entre emissor e receptor – na qual o emissor codifica a mensagem para um receptor que as decodifica claramente graças a uma codificação comum entre os pólos. Em uma

perspectiva oposta, o olhar comunicacional a partir do ponto de vista semiótico revela processos de dialogismo que abrangem sistemas de signos em relação contínua. Sistemas estes que em operação, funcionam em processos onde o emissor codifica a mensagem, o receptor a descodifica e a recodifica novamente em um sistema em constante circulação. Conforme explica Irene Machado (2003):

[...] a abordagem semiótica da comunicação opera basicamente com a noção de mensagem como sistema suscetível a codificações, ou seja, um sistema organizado de signos que uma vez posto em circulação provoca resposta que não é uma mera descodificação [...] aqui está uma diferença fundamental: a resposta a um texto é sempre outro texto, um outro sistema de signos, uma vez que é significação. Não estamos operando no circuito da codificação/descodificação; mas sim da codificação-descodificação-recodificação como atividade processual dialógica sem a qual não se pode falar em mensagem (MACHADO, 2003, p.282-283).

Ao contrário das Ciências Humanas que se interessariam basicamente pela questão da troca enquanto fenômeno unilateral de transmissão, a semiótica se dubraria sobre “a dinâmica dialógica transformadora da informação em linguagem e, conseqüentemente, da mensagem em instância produtora de sentido dentro do circuito de responsabilidade” (MACHADO, 2003, p. 279-280). Pode-se perceber, dessa maneira, que a aplicação da semiótica para a interpretação dos dados nesta dissertação deu-se, assim, a partir de um aspecto: em vez da valorização da mensagem enquanto transporte, o que ocorreu foi a tentativa de apreender o ambiente interativo produtor de significações desse objeto de estudos escolhido. Nesse sentido, vale ressaltar, que a escolha de categorias para organização e análise dos dados desta dissertação, passando nesse momento pelo ponto de vista semiótico na interpretação das informações, conspiram para o alcance do objetivo desta pesquisa de evidenciar a dinâmica de relações sógnicas envolvidas na composição do ecossistema Prosamim.

Feito os encaminhamentos conceituais para a interpretação dos dados desta pesquisa, é preciso caminhar para a operação semiótica que permitirá fazer a análise do espaço do Prosamim. Para a leitura semiótica do Parque Rio Negro e Parque Residencial Manaus, far-se-á a utilização da discriminação semiótica. A palavra “discriminação” provém do latim *discriminatione* – indicando o ato de diferenciar, distinguir e de estabelecer diferenças<sup>17</sup>. A discriminação semiótica, como metodologia para interpretação sógnica do fenômeno urbano, foi desenvolvida por Lucrécia Ferrara.

---

<sup>17</sup> De acordo com o dicionário Michaelis, disponível online em: [michaelis.uol.com.br](http://michaelis.uol.com.br).

Acreditando que os estudos da comunicação sob o ponto de vista semiótico necessitam de uma operação que permita a leitura da realidade, Ferrara propôs o exercício da discriminação semiótica. Nas palavras da autora, “se considerarmos que semiótica é configuração, é necessário ponderar que: a principal e indispensável atuação epistemológica da semiótica é discriminar os constituintes de configurações” (FERRARA, 2012, p.45).

A ideia de que a discriminação semiótica pode ser um subsídio para a leitura das representações e da lógica dos fenômenos nas cidades, os quais são estruturados por sistemas de signos, é parte constituinte das pesquisas que Ferrara realiza sobre a percepção do fenômeno urbano. Segundo a autora, “a semiótica surge como atividade epistemológica e metodológica que nos possibilita discriminar os fenômenos e perceber a justa relação que se estabelece entre eles e os nomes que os designam” (FERRARA, 2012, p.45). Em um contexto de validação da cidade como campo privilegiado para os estudos semióticos, Ferrara atribui à discriminação semiótica a possibilidade de interpretação da ação dos signos na realidade: trata-se, para a autora, da passagem da esfera fenomenológica da representação para, através da leitura semiótica, o âmbito interpretativo dos objetos que forneceria, em contrapartida, subsídios para o reconhecimento das semioses dos processos comunicacionais.

Após essas observações acerca da interpretação dos dados adotada, destinadas a delinear um fio condutor para o melhor entendimento da análise empírica do objeto que se segue nos próximos tópicos, pode-se avançar para as explorações semióticas do Parque Residencial Manaus e Parque Rio Negro que constituem as análises desta pesquisa. Vale ressaltar que as análises semióticas do Prosamim, apresentadas a seguir, têm como aporte teórico o referencial apresentado no decorrer do trabalho até o momento, a saber, os paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais e a contribuição da Semiótica da Cultura para a compreensão dos mesmos, além das questões referentes à memória urbanística da relação da cidade de Manaus com as águas.

### **3.5 Explorações semióticas do Parque Residencial Manaus**

Este tópico trata das categorias que foram adotadas para a organização da experiência da coleta de dados no Parque Residencial Manaus. Dentro dessa perspectiva, vamos organizar, através de uma análise semiótica do objeto estudado a ser apresentada nas próximas seções, um raciocínio que evidencie as diferentes relações de semiose que

contribuem para a conformação do ecossistema comunicacional dessa unidade do programa social e ambiental dos igarapés de Manaus. Convém lembrar, no entanto, que tais categorias serão utilizadas apenas para fins heurísticos de organização dos dados coletados em campo acerca do objeto estudado.

Nesse sentido, selecionamos, no Parque Residencial Manaus, três categorias que servirão de parâmetro para a organização do pensamento na análise semiótica do objeto estudado: (i) em relação às linguagens envolvidas; em relação à memória da cultura urbanística e (iii) em relação ao ecossistema comunicacional. Por que essas três categorias? Porque entendemos que, nesse espaço do Parque Residencial Manaus, a questão das linguagens envolvidas, da memória da cultura urbanística - com destaque para sua função de memória do texto cultural – e do ecossistema comunicacional despontam como variáveis semioticamente importantes. As categorias empregadas na análise dos dados do Parque Residencial Manaus articulam, de maneira expressiva, discussões semióticas potenciais e permitem a apreensão da estrutura que se estabelece no contexto desse sistema comunicativo do Prosamim.

Utilizaremos, para uma contribuição à discriminação semiótica do objeto estudado, os recursos fotográficos e o diagrama, juntamente com a linguagem verbal. Do ponto de vista metodológico, o que importa no uso da foto é sua capacidade de complementar a língua natural na autodescrição semiótica do objeto escolhido. No caso do uso do diagrama, supõe tomá-lo não apenas como possibilidade para investigação das relações da semiose do Prosamim, mas como operação de raciocínio do próprio pensamento desta pesquisadora; desse modo, nos parece que o diagrama torna possível a percepção da lógica da estruturalidade dos sistemas de signos da cultura do Parque Residencial Manaus.

### **3.5.1 Em relação às linguagens envolvidas**

Dizer que o Parque Residencial Manaus é, até agora, o maior conjunto habitacional entregue pelo Governo do Estado do Amazonas através do Prosamim com um total de 819 unidades habitacionais, já não é nenhuma novidade: o tempo de sua existência (mais de oito anos), a sua localização entre avenidas centrais da capital e sua considerável visibilidade na zona sul da cidade já constituem realidade local. Mas quais são as linguagens envolvidas nesse conjunto habitacional? Ele apresenta mudanças expressivas com relação ao que estava ali antes? É possível detectar quais são essas linguagens que compõem os sistemas culturais que funcionam como sistema de signos na

articulação de semioses no espaço desse projeto urbanístico? E, por conseguinte, quais são os sistemas da cultura que são acionados enquanto informação no Parque Residencial Manaus no acionamento de códigos culturais que predominam na modelização dos textos da cultura?

A seguir, serão explorados os principais mecanismos que estruturam o Parque Residencial Manaus enquanto informação cultural. Esses elementos serão abordados sob as orientações das linguagens envolvidas na composição de sistemas da cultura através da identificação de quais são os padrões culturais que são postos em ação enquanto informação para modelizar essa unidade do Prosamim, considerando-se sua relevância para a apreensão da estruturalidade do ecossistema comunicacional do Parque Residencial Manaus bem como seu papel no contexto do espaço urbano da cidade. Buscar o que modeliza o Parque Residencial Manaus do modo como ele está configurado implica reconhecer quais são os sistemas da cultura que estão colocados nessa unidade do Prosamim tendo em vista que estes atuam como linguagem e que seu reconhecimento ocorre através dos códigos culturais que, por sua vez, se fazem presentes dentro desses sistemas culturais.

Nesse contexto, a apresentação da discriminação semiótica do Parque Residencial Manaus é o primeiro passo para adentrar na discussão sobre as linguagens envolvidas nesse conjunto habitacional. Localizado da Avenida Tarumã até a Rua Ipixuna, o Parque Residencial Manaus está cravado no centro histórico da cidade sob uma divisão em três quadras de fins residenciais: (i) quadra I, (ii) quadra II e (iii) quadra III. Abriga, com início na Rua Tarumã e término na ponte da Avenida Leonardo Malcher a quadra I; da ponte da Avenida Malcher até a Rua Ramos Ferreira a quadra II e começando na Rua Ramos Ferreira e terminando na Rua Ipixuna a quadra III. As figuras 19, 20 e 21 mostram, respectivamente, os mapas das três quadras habitacionais. A quadra III está separada das demais pela Rua Ramos Ferreira, enquanto as outras duas quadras (quadra I e II) ocupam uma grande área ligada pela Avenida Igarapé de Manaus sob a ponte da Avenida Leonardo Malcher, que dá acesso as duas quadras – as quais se chega através de uma escadaria – e faz a separação entre o término da quadra I e o começo da quadra II. No concepção do projeto do Parque Residencial Manaus, as quadras I e II possuem 567 apartamentos e a quadra III dispõe de 252 habitações; para o morador desse conjunto habitacional, as áreas de lazer (Figura 22 e 23), com seus espaços para convivência, centro comunitário e quadras esportivas, garantem o acesso à recreação.



**Figura 18:** Mapa da área da Quadra I do Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** UGPI, 2016.



**Figura 19:** Mapa da área da Quadra II do Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** UGPI, 2016.



**Figura 20:** Mapa da área da Quadra III do Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** UGPI, 2016.



**Figura 21:** Quadra esportiva construída no Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 22:** Espaço para convivência na quadra II do Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

Os blocos de apartamentos, por sua vez, são térreos duplex: moradias sobrepostas em três andares com um total de 54m<sup>2</sup> de área útil nas quais se destaca as telhas de amianto, as esquadrias e os tijolos cerâmicos utilizados como materiais de construção. Esse tipo de apartamento ocupa o Prosamim nas suas unidades Parque Residencial Manaus (Figura 24) e Parque Residencial Professor José Jefferson Carpinteiro Peres, que foram as primeiras unidades residenciais inauguradas pelo programa; um segundo modelo de apartamento, o de um único andar, pode ser encontrado no Prosamim na sua unidade Parque Residencial Professor Gilberto Mestrinho (Figura 25). A mudança no modelo de habitação se deu em função das sugestões dos moradores dos primeiros blocos de habitação do Prosamim entregues pelo Governo do Estado do Amazonas. Ao contrário do modelo de moradia de um pavimento adotado no Parque Residencial Professor Gilberto Mestrinho, o de tipo térreo duplex não facilitava a livre circulação dos moradores em seus apartamentos: havia uma escada que diminuía a quantidade de área útil da sala e um banheiro que se encontrava em andar diferente dos quartos.

O tipo de habitação escolhido para a construção no Parque Residencial Manaus caracteriza-se por apresentar modelo térreo duplex de tijolos aparentes em sua estrutura. Convém também ressaltar que, para além de um material que permite a construção dos blocos de apartamentos no Prosamim e, assim, delineia uma usabilidade prática no contexto desse programa, os tijolos aparentes na estrutura dessa unidade desse projeto urbanístico apresentam-se como um código cultural predominante e, nesse sentido, portanto, atuam como um sistema modelizante que aciona sentidos culturais nesse conjunto habitacional. Vê-se, assim, que os blocos de apartamentos térreo duplex que compõe o Parque Residencial Manaus não possuem cimento emboçando suas paredes externas ou camadas de tinta com a apresentação de cor em suas estruturas, ou seja, não possuem, de maneira geral, acabamento apontando, dessa forma, à uma aproximação de características com as habitações populares, em especial, às de grandes regiões urbanas do Brasil, como as construídas pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB) e, principalmente, como as favelas, fartamente encontradas no Rio de Janeiro.



**Figura 23:** Modelo duplex do Parque Residencial Manaus.

**Fonte:**

<http://new.d24am.com/noticias/amazonas/cratera-esgoto-pontos-trafficogeram-reclamacoes-moradores-doprosamim/127497>



**Figura 24:** Modelo de andar único do Parque Residencial Gilberto Mestrinho, localizado no bairro da Cachoeirinha.

**Fonte:**

<http://new.d24am.com/noticias/amazonas/cratera-esgoto-pontos-trafficogeram-reclamacoes-moradores-doprosamim/127497>



**Figura 25:** Tijolos aparentes no Parque Residencial Manaus.

**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

Observando o Parque Residencial Manaus, é possível perceber que a favela age como um sistema modelizante nesse conjunto habitacional, do modo que ele está configurado. Dessa maneira, pode-se afirmar que o sistema modelizante favela identificado através do código cultural dos tijolos aparentes apresenta-se como um sistema da cultura que atua como linguagem no Parque Residencial Manaus. Mesmo tendo em vista que as favelas diferem entre si no que se refere ao seus tamanhos, amplitudes, entre outras variáveis, pode-se notar que, entre suas marcas características como uma moradia popular enquanto código cultural - diferente, por sua vez, de uma habitação de elite - está os materiais envolvidos em sua construção e principalmente, a carência de acabamento tal qual no Parque Residencial Manaus. Resumindo, enquanto informação cultural, os tijolos aparentes aparecem nas favelas, nas habitações espontâneas. No caso específico do Parque Residencial Manaus, percebe-se que, ao mesmo tempo, que este último se configura como um conjunto habitacional regulado pela racionalidade técnica, ele dialoga como os sistemas da cultura habitacional da moradia popular.

Na ocasião das observações de campo realizadas durante o mês de fevereiro de 2016, notou-se que, o Parque Residencial Manaus também apresenta um diálogo com as palafitas. Percebendo que os blocos de apartamentos dessa unidade do Prosamim incorporam o tijolo aparente de forma prevalecte em sua estrutura - diferentemente das palafitas que incorporavam a madeira e por vezes, o tijolo e o cimento, no que se refere aos materiais incidentes em suas construções -, notou-se que, no Parque Residencial Manaus, some-se com a madeira e fica só o tijolo aparente (Figura 26) que, por sua vez, devido a sua presença traz uma memória da cultura urbana da cidade de Manaus, visto que na vida urbana contemporânea não se é característico o uso da madeira. Conforme explicaram Pereira; Silva; Barros (2011) no artigo “Palafitas de Manaus: relações entre natureza e cultura no espaço da cidade” que apresentava resultados de pesquisa acerca da arquitetura das palafitas dos igarapés do Franco, Educandos e de São Raimundo em Manaus. Neste artigo, os autores afirmam que as palafitas assimilavam características da cultura urbana por meio do concreto aparente que apresentavam; segundo eles, a cultura urbana passa a fazer parte da arquitetura das palafitas a partir da incorporação de matérias-primas que predominam nas edificações da cidade, como o tijolo e o cimento. Ao tratarem dessa questão, Pereira; Silva; Barros (2011) salientam que “ao entrar em contato com o contexto urbano, as palafitas assimilaram em sua constituição arquitetônica as contradições e desigualdades urbanas, degradando seu valor cultural” (PEREIRA;

SILVA; BARROS, 2011, p.). Este entendimento é de grande utilidade para a compreensão de um aspecto importante dentro da concepção proposta pelos autores: a de que a retirada das palafitas do entorno dos igarapés de Manaus pelo poder público estadual leva à uma perda na heterogeneidade cultural porque retira elementos que estavam comunicando com a tradição amazônica na cidade.

Partindo dos resultados de pesquisa de Pereira; Silva; Barros (2011), pode-se passar para o desenvolvimento de uma reflexão, em paralelo, com esses autores, contudo, dessa vez, no que refere ao Parque Residencial Manaus. Nesse contexto, convém lembrar que o Parque Residencial Manaus localiza-se sobre o Igarapé de Manaus onde anteriormente encontrava-se palafitas. Conjuntamente ao processo de remoção das palafitas, compreende-se que esse espaço do Igarapé Manaus também passa por uma retirada dos códigos da cultura tradicional ao assumir um código que já estavam presente na palafita urbana, mas agora, de maneira homogeneizadora porque só aparece ele no Parque Residencial Manaus: o tijolo aparente. Entendendo-se o tijolo aparente, no Parque Residencial Manaus, como código cultural homogeneizador desse programa, indicador de uma perda maior ainda na heterogeneidade da cultura na cidade, sua existência aponta para uma admissão dos materiais típicos das construções da cidade como predominantes nesse projeto urbanístico, visto que, neste momento, somente o tijolo mostra-se à vista.

Outro aspecto contemplado no Parque Residencial Manaus diz respeito às cores presentes nas grades de ferro que compõem as varandas dos blocos de apartamentos; são camadas de tinta que apontam também para uma comunicação com as palafitas. Pereira; Silva; Barros (2011) já haviam dirigido seu pensamento para a cor como elemento cultural das palafitas, visto que encontraram esse tipo de moradia na cidade Manaus com varandas pintadas com cores primárias (vermelho, azul e amarelo). Nesse contexto, os autores apontam que as cores na varanda, do ponto de vista dos códigos da cultura, já se encontravam nas palafitas que, por sua vez, possuíam o que chamava de varanda portuguesa, integrada ao espaço da casa. Por conseguinte, percebeu-se que as varandas, além de já terem sido presentes nas palafitas da cidade, agora apresentam-se também nos blocos de apartamentos do Parque Residencial Manaus. Nessa unidade do Prosamim, nota-se, além do mais, através da presença das varandas, a existência ali de um código cultural dos condomínios. Vê, assim, que a varanda é um código da cultura em cruzamento no Parque Residencial Manaus.

A figuração da varanda no Parque Residencial Manaus manifesta a modelização desse conjunto habitacional pelo sistema da cultura condomínio. No que lhe diz respeito,

os blocos de apartamentos e as estruturas de lazer presentes no Parque Residencial Manaus (quadra poliesportiva, espaço para convivência) também são códigos culturais que levam à interpretação semiótica do condomínio como um sistema da cultura que modeliza o espaço do Prosamim, uma vez que, nessa unidade, o programa é composto não por casas, por exemplo, mas por esses prédios característicos das moradias típicas da classe média ou alta. A habitação tipo condomínio como sistema modelizante é outro traço distintivo da estruturalidade do Parque Residencial Manaus e juntamente com a favela, organiza esse espaço do Prosamim. Nesse caso, vale ressaltar, que enquanto o condomínio diz respeito à uma moradia planejada – em acordo com uma artificialidade - a favela dialoga com uma espontaneidade - com um não atravessamento em sua construção de um conhecimento técnico específico devido ao seu aspecto voluntário. Por fim, a ideia da modelização do Parque Residencial Manaus passa pela compreensão de que o sistema da cultura condomínio e favela apresentam-se como sistemas modelizantes que atuam como linguagem no Prosamim, agindo na estruturação do espaço semiótico desse programa através de suas relações sógnicas que engendram processos de significação nesse espaço semiótico. Por conseguinte, nota-se que, no Parque Residencial Manaus, há um diálogo entre moradias populares e moradias de elite, já que o condomínio e a favela são sistemas culturais que modelizam essa iniciativa.

Vale ressaltar que, o conjunto de intervenções urbanas efetivado pelo Prosamim através do Parque Residencial Manaus não se deu sem que houvesse um reordenamento territorial na área do Igarapé Manaus, sobre a qual se construiu os blocos habitacionais dessa primeira unidade do programa. A implantação do Parque Residencial Manaus em solo criado a partir da canalização e aterramento em galeria do Igarapé Manaus alterou o antigo modo de ocupação populacional às margens e leito do igarapé de mesmo nome. Nas áreas de igarapé do espaço urbano de Manaus, com ênfase no Igarapé Manaus, optou-se por um conjunto de ações sociais e ambientais do Prosamim que, removeu as famílias que moravam em palafitas das margens do igarapé; retirou essas habitações de estacas de madeira do entorno desses cursos d'água para, assim, construir blocos de apartamentos situados em eixos viários criados a partir do aterramento e canalização das águas (Figuras 27 e 28). No Parque Residencial Manaus foram reassentados os removidos do Igarapé Manaus, Igarapé Mestre Chico, Igarapé do Quarenta e Igarapé Bittencourt.



**Figura 26:** Igarapé Manaus antes da construção do Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** Vanessa Valdez Guilhon, 2011.



**Figura 27:** Via principal do Parque Residencial Manaus após aterramento em galeria do Igarapé Manaus.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 28:** Trecho do Parque Residencial Manaus em fase de construção.

**Fonte:** Janeth de Araújo Lemos, 2010.

As vias públicas do Parque Residencial Manaus, como a avenida Igarapé Manaus que corta a iniciativa, surgiram através da construção de solos criados na canalização e aterramento em galeria do Igarapé Manaus (Figura 29). Ou seja, tratou-se, em última instância, da contenção do canal original do igarapé em uma armação abaixo do nível do solo feita de concreto armado (galeria) para adequação do eixo desse curso d'água sinuoso às vias retilíneas previstas pelo programa. Dessa maneira, o Parque Residencial Manaus, acoberta a presença do igarapé em seu espaço, revelando um encobrimento da ocorrência desse curso d'água na área urbanizada dessa unidade do Prosamim. Nesse contexto, uma importante dimensão que permite tratar dessa estrutura subjacente presente no Parque Residencial Manaus - essa estrutura em galeria - refere-se a questão do saneamento. A perspectiva foi de perceber a galeria como um código da cultura urbana que comunica com uma questão do saneamento no que se refere a uma série de medidas tomadas no Parque Residencial Manaus que levam à modificações nas condições do meio ambiente

ao se retirar a opulência da águas desse espaço da cidade. Nesse sentido, nota-se que o próprio saneamento está dentro de uma cultura urbanística da cidade, ou seja, enquanto cultura o saneamento traz informações culturais do objeto cidade e por isso, funciona como uma sistema cultural que modeliza esse conjunto de habitações estudado.

Sanear, limpar o Parque Residencial Manaus procurando fazer, no espaço desse igarapé de mesmo nome, uma assepsia da memória urbanística da capital amazonense e sua relação com as águas, retirando de seu entorno as habitações tipo palafitas e construindo blocos de moradias de alvenaria. Esses são aspectos definidores de uma modelização do Parque Residencial Manaus pelo saneamento na cidade possibilitado, por sua vez, pela presença do código cultural galeria nessa unidade do Prosamim. Dentro dessa realidade, convém assinalar, que a estrutura de galeria remonta, em Manaus, dos ingleses do século XIX na cidade, o que leva à uma noção acerca dos atravessamentos perspassados pelo Parque Residencial Manaus no tocante à incidência de influências de uma cultura europeia colonizadora na capital.

Com as observações de campo, foi também possível perceber que, o Parque Residencial Manaus enquanto espaço que assimila em sua constituição arquitetônica características habitacionais depende de um projeto urbanístico mediado por diretrizes específicas para funcionar. Estas, por sua vez, possibilitam a organização desse espaço de moradia que, não teria como ganhar suas características habitacionais – tal como se apresentam atualmente - sem a presença desse planejamento arquitetônico. É, nesse sentido também, que o Parque Residencial Manaus adquire a sua característica de parque. Conforme explicado anteriormente, neste terceiro capítulo, no tópico “o parque”, o parque não possui apenas uma conceitação segundo os teóricos que se debruçam sobre o tema (Scalise, 2002; Macedo, 2003; Balza, 1998) existindo diferentes concepções acerca de sua definição que pode variar de acordo com o raciocínio utilizado, a época, etc. No entanto, uma questão importante quando se trata dos parque é mantida pelos autores, a ideia de um espaço que é usado para um fim particular e é dentro dessa ideia que se revela o Parque Residencial Manaus, a de que esse último diz respeito a uma unidade do Prosamim utilizada para um propósito específico, no caso, como um conjunto habitacional, ou seja, uma área destinada para a habitação. Ademais, vale dizer, que os blocos de moradias construídos no âmbito do Parque Residencial Manaus obedecem à normas quanto a sua distribuição e tamanho: todos possuem três pisos com um

apartamento por andar, este com área útil total de 54m<sup>2</sup> disposta em sala, cozinha, banheiro e dois quartos (Figura 30).



**Figura 29:** Bloco de apartamento do Parque Residencial.  
**Fonte:** Antonio Carlos Rossin, 2008.

Além disso, observando o Parque Residencial Manaus e o planejamento que foi feito ali, foi possível verificar uma concepção de projeto em que a natureza encontrava-se sob autoridade de uma razão instrumental técnica. Não coube, no projeto (conforme mostram os mapas das três quadras habitacionais dessa unidade do programa apresentadas anteriormente neste tópico da pesquisa), qualquer assimilação aparente do igarapé: ele some. O domínio sobre a natureza no planejamento do Parque Residencial Manaus, é uma questão curiosa e, ao mesmo, indicadora dos receios e ambições que orientaram a criação e instauração desse programa na cidade. Repara-se que o desaparecimento do igarapé na paisagem desse espaço, nesse programa, transforma o Parque Residencial Manaus em um lugar de autoridade da razão técnica em um projeto puramente racional.

Ora, o que o espaço do Parque Residencial Manaus revelou foi a dominação de uma racionalidade técnica sob a concepção desse espaço urbanístico da cidade, com traçados arquitetônicos oriundos de um saber especializado regulando e, mais do que isso, regendo esse unidade do programa. Analisando, em conjunto, a dinâmica dos sistemas modelizantes do Parque Residencial Manaus pode-se chegar à evidência dos

processos comunicativos que ocorrem no espaço dessa unidade do Prosamim. Nesse sentido, vale frisar, que entre as linguagens que compõem os sistemas culturais em dinâmica no espaço do Parque Residencial Manaus, identificamos: a favela, o condomínio e o saneamento. No contexto deste tópico da análise dos dados, o esforço encontrava-se em apreender os sistemas modelizantes que conferiam estruturalidade ao Parque Residencial Manaus. Na próxima seção, partiremos da discussão em torno dos sistemas culturais que modelizam o Parque Residencial Manaus para a compreensão desse programa como um texto capaz, em especial, de adquirir uma função de memória da cultura. Por fim, no item “Em relação ao ecossistema comunicacional”, que tratará do desenvolvimento da semiose no Parque Residencial Manaus, retomaremos as relações sógnicas que se estabelecem entre os sistemas culturais no Parque Residencial Manaus em uma exploração ecossistêmica do espaço semiótico do Prosamim.

### **3.5.2. Em relação à memória da cultura urbanística**

Por sua importância no Parque Residencial Manaus, semioticamente falando, o texto cultural, além de ser fundamental para o estudo das relações sógnicas envolvidas na cultura desse programa, também é referência para a construção de uma visão sistêmica e ecossistêmica desse projeto urbanístico. A fim de compreender a dinâmica de relações dos sistemas culturais que funcionam como sistemas de signos na articulação de textos da cultura para a geração de comunicação, memória e sentido no Parque Residencial Manaus, não há como tratar seu espaço semiótico dissociado de uma noção de textualidade. Essa constatação reforça a ideia de que, nesta pesquisa, estamos em busca das relações de signos entre sistemas da cultura no desenvolvimento de sua ação inteligente (a que chamamos de semiose) que gera sentido na conformação de um ecossistema comunicacional de viés semiótico.

Dessa maneira, a partir das observações de campo, foi possível perceber que o texto da cultura no Parque Residencial Manaus é especialmente cumprido na sua função de memória da cultura. A função mnemônica aparece, no Parque Residencial Manaus, na própria ancestralidade comunicada por esse projeto urbanístico a partir do jogo de sistemas sógnicos que estão envolvidos nessa iniciativa e que acabam por transmitir uma herança cultural. Em linhas gerais, essa unidade do Prosamim funciona como comunicação mediante os processos comunicativos da própria cultura que gera, nesse programa, sentido ao imbuir um memória urbanística que se encontra na ancestralidade

desse conjunto habitacional da cidade de Manaus. No contexto da relação do Parque Residencial Manaus com uma ancestralidade da cultura urbanística da cidade, que agiu no saneamento do Igarapé Manaus - que se encontrava às vistas antes da construção do Prosamim nessa área -, cujo efeito é o desaparecimento com as águas desse igarapé, pode-se dizer que essa unidade desse programa é voltada para uma questão do passado. Do passado no sentido de uma relação anacrônica que o Parque Residencial Manaus estabelece com uma cultura urbanística da capital amazonense, que remonta uma ancestralidade urbanística em Manaus que é a de sumir com as águas dos igarapés urbanos.

Nessas circunstâncias, a textualidade no Parque Residencial Manaus passa, tanto pela questão das informações armazenadas nesse espaço desde o seu surgimento quanto pela geração de novas informações em uma cultura que se atualiza novamente. Isto é, a memória textual do Parque Residencial Manaus é uma memória que não é histórica simplesmente, mas semiótica no sentido de que se encontra não só no passado, mas também no presente em um contínuo devir nesse espaço. Nesse sentido, o universo do texto cultural no Parque Residencial Manaus permite, assim, a construção de uma memória que informa uma ancestralidade da cultura e um memória criativa, que se volta para a produção de novos sentidos nesse conjunto habitacional. Resumindo, o Parque Residencial Manaus funciona como um texto da cultura resultado da articulação dos sistemas modelizantes da cultura, dos quais, lembrando, foram identificados, no tópico anterior, o condomínio, a favela e o saneamento. Como texto da cultura, uma consequência importante é que ele carrega memória urbanística.

Observar em campo o espaço do Parque Residencial Manaus permitiu notar sua dinâmica de espaço de memória da cultura dessa cidade. Foi possível perceber que o Parque Residencial Manaus atua como um espaço da cultura que remete à uma tradição de negação da relação dessa capital com as águas, à um conjunto de projetos urbanísticos na história local que trataram de garantir o desaparecimento dos igarapés que cortavam o perímetro urbano da cidade e à uma belle époque amazonense que levou à um aterramento de um série de cursos d'água na região central de Manaus. Trata-se, em última instância, de ações governamentais que levaram ao desaparecimento de uma série de regiões aquosas da cidade de Manaus, conforme tratamos no primeiro capítulo desta dissertação. Ações essas que culminaram, no início deste século XXI, com a criação do Prosamim que leva, novamente, à retirada dos igarapés do espaço urbano, como no caso do Igarapé

Manaus, que é aterrado em galeria para a construção do parque residencial de mesmo nome.

### **3.5.3 Em relação ao ecossistema comunicacional**

Esta pesquisa pretendeu reconhecer, através do ponto de partida epistemológico dos Ecossistemas Comunicacionais unido aos estudos sistêmicos da Semiótica da Cultura, o fenômeno comunicativo no Prosamim, mais especificamente, a dinâmica de relações sógnicas envolvida no desenvolvimento da semiose no espaço semiótico desse programa, com sistemas modelizantes próprios e ações interdependentes que, numa organização estruturante da cultura, poderiam conformar um ecossistema comunicacional de base semiótica. No decorrer do tópico “Em relação às linguagens envolvidas” foram identificados os sistemas da cultura favela, condomínio e saneamento como dispositivos modelizantes do espaço semiótico do Parque Residencial Manaus devido à estruturalidade que conferem à essa unidade do Prosamim. De maneira geral, sua características podem ser sumarizadas, respectivamente, da seguinte maneira: 1) a favela evidencia sua modelização sobre o Parque Residencial Manaus enquanto sistema da cultura por meio do código cultural tijolo aparente colocado enquanto tal nessa unidade do Prosamim e que, por sua vez, por ser um código predominante se constitui como sistema modelizante; 2) o condomínio organiza o Parque Residencial Manaus através das diretrizes urbanísticas e arquitetônicas que regulam aquele espaço, refletidas nos blocos de apartamentos e estruturas de lazer (quadra poliesportiva, espaço para convivência) dessa unidade do programa, característicos desse tipo de prédio de moradias e 3) o saneamento evidencia a sua modelização no Parque Residencial Manaus porque esse texto cultural articulado a partir desse sistema da cultura tem um enraizamento dentro da cultura urbanística da cidade de Manaus, posto em evidência através do código cultural galeria - essa estrutura subjacente ao solo criado - que comunica com essa questão do “sanear” no Parque Residencial Manaus, visto que são realizadas um conjunto de medidas visando o desaparecimento das águas dos igarapés nessa iniciativa.

Com relação à favela como sistema da cultura do Parque Residencial Manaus, um importante aspecto que torna possível à discussão sobre os sentidos culturais gerados por esse sistema modelizante, diz respeito à forma como o código cultural de uma favela, - que é de uma moradia não planejada, à margem de qualquer organização específica – se transforma em um sistema da cultura que remete à uma racionalidade técnica nessa unidade do Prosamim. Nesse sentido, a racionalidade técnica é antagônica no que toca à

favela como sistema da cultura, no Parque Residencial Manaus, uma vez que este programa baseia-se na exclusão de um arquitetura tradicional e espontânea para a construção de uma edificação estritamente planejada. O poder público estadual vai lá e exclui a espontaneidade das moradias anteriormente encontradas nas margens dos igarapés da capital amazonense para, no entanto, depender disso novamente ao construir um conjunto habitacional que revela estar perpassado por códigos culturais que remetem à habitação espontânea favela. Vê, assim, que trata-se de existência de uma relação antagônica no ecossistema comunicacional do Parque Residencial Manaus, visto que do ponto de vista do sistema da cultura favela, há um cruzamento entre o espontâneo e o planejado no espaço dessa unidade do Prosamim – a favela que não é atravessada pelo conhecimento técnico e esse programa estudado que pressupõe uma racionalidade técnica para seu erguimento.

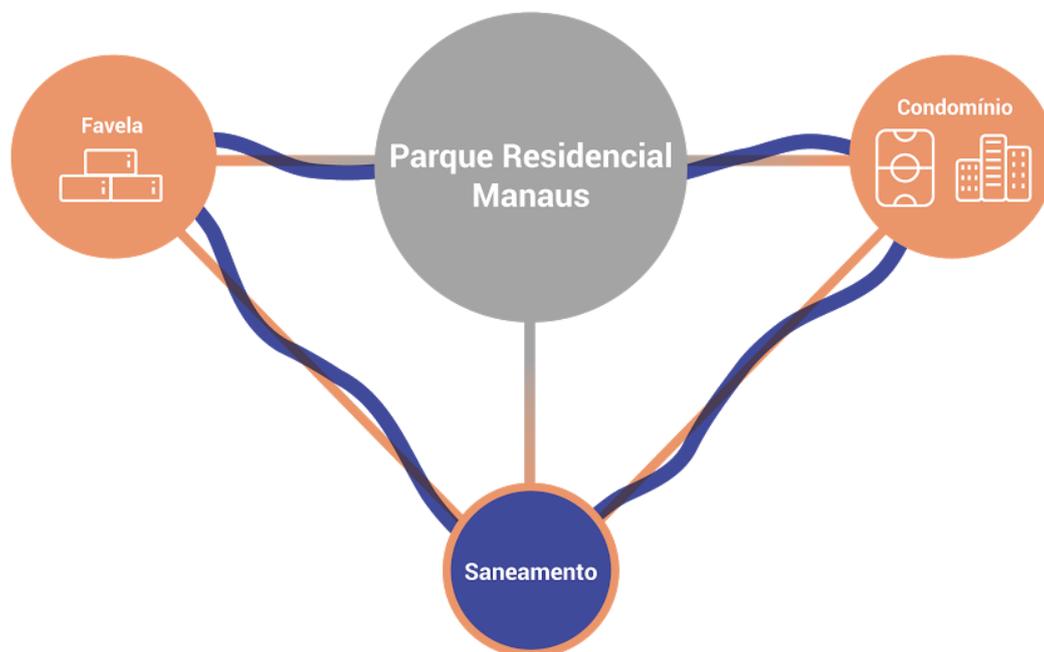
As interpretações dos dados obtidos em campo também apontaram que o fenômeno comunicativo no Parque Residencial Manaus desenvolve-se em bases sistêmicas a partir das quais esse espaço semiótico adquire funcionalidade em um conjunto de relações entre sistemas de signos que embora apresentem-se como distintos, demonstram sua dependência um do outro para existir. É interessante notar que o espaço do Parque Residencial Manaus somente se conforma a partir desse movimento relacional entre sistemas sígnicos em um alcance estrutural que é derivado do estabelecimento de trocas co-dependentes entre esses sistemas da cultura no objetivo de se obter uma concretude sígnica no ambiente da cidade. Algo que evidencia isso é o próprio funcionamento do Parque Residencial Manaus. Se levarmos em consideração que o Parque Residencial Manaus atualmente exerce com êxito sua função habitacional, poderemos chegar à conclusão de que ele deve seu funcionamento à certos dispositivos como, por exemplo, os mecanismos da cultura condomínio favela e condomínio, que indicam a sua modelização no espaço desse programa por intermédio, respectivamente, dos códigos culturais tijolo aparente e blocos de apartamento e estruturas de lazer. Além do mais, são adotadas um conjunto de medidas de saneamento tomadas pelo poder público estadual na construção desse programa que, regem a edificação desse conjunto habitacional que altera as condições do meio ambiente naquela área ao conter em galeria o Igarapé de Manaus para a construção desse conjunto habitacional em uma viabilização da edificação de suas moradias e vias públicas. A ideia presente aqui é que são as relações entre os sistemas da cultura favela, condomínio e saneamento que permitem a geração

de sentidos no Parque Residencial Manaus através da configuração de uma unidade estrutural que não pode ser engendrada isoladamente.

No que diz respeito às ações sógnicas que se estabelecem no Parque Residencial Manaus, vê-se que os sistemas cultura favela, condomínio e saneamento se prestam à construção de um continuum cultural que aqui entendemos ser um ecossistema comunicacional dessa unidade do Prosamim. O ecossistema comunicacional do Parque Residencial Manaus corresponde à um espaço semiótico, em que os sistemas de signos têm funções geradoras e articuladoras de comunicação e semiose dentro de um continuum que tem um papel central no funcionamento das linguagens culturais, uma vez que estas só exercem sua função dentro dessa continuidade semiosférica. Portanto, pensar o Parque Residencial Manaus a partir dos ecossistemas comunicacionais foi pensá-lo voltado para as relações que os sistemas culturais participantes da comunicação e seu ambiente estabelecem entre si, tendo como base a imersão em um espacialidade semiótica necessária para que a comunicação nessa unidade desse programa funcionasse semioticamente. Tal espaço semiosférico, representado no ecossistema comunicacional, supunha, contudo, uma ação lógica entre signos que precisava ser levada em conta nesta análise ecossistêmica da comunicação: a semiose.

A semiose refere-se a ação por onde o signo atua, de modo que a relação deste com o seu objeto se dá a partir dessa continuidade lógica que leva à geração de novos signos, à modelização de sistemas sógnicos na cultura, à transformação da informação em textos culturais, etc. Nesse sentido, é importante notarmos que o próprio reconhecimento da semiose é o problema maior da semiótica da cultura e, por consequência, objetivo desta dissertação que, se propõe, à compreender o fenômeno comunicacional no Prosamim no desenvolvimento de sua semiose. No caso desta pesquisa, esse conceito teve a ver com o processo de construção de uma visão ecossistêmica da comunicação para a abordagem do Prosamim, que potencializou a identificação da ação dos sistemas da cultura favela, condomínio e saneamento no ecossistema comunicacional do Parque Residencial Manaus. Nessa perspectiva, acreditamos que valha a pena evidenciarmos visualmente as relações sógnicas encontradas entre os sistemas modelizantes do Parque Residencial Manaus, visto que entendemos que é a partir dela que há a dinâmica da produção da informação cultural, da produção de signos. Para isso, lançaremos mão do diagrama como uma outra possibilidade para ilustrar as semioses que estão sendo enxergadas no Parque Residencial Manaus. Desse modo, em forma de diagrama (Figura

31), podemos apresentar o resultado da interpretação das observações de campo do Parque Residencial Manaus:



**Figura 30:** Diagrama do ecossistema comunicacional do Parque Residencial Manaus.  
**Fonte:** Hannah Pinheiro.

Acima (Figura 31), o diagrama indica as relações de interdependência entre os sistemas modelizantes da cultura favela, condomínio e saneamento constituindo um ecossistema comunicacional de viés semiótico do Parque Residencial Manaus. Percebe-se que há uma intersecção entre esses sistemas da cultura, podendo-se observar o Parque Residencial Manaus em semiose. Nesse sentido, infere-se que deste foco nas semioses em ação no Parque Residencial Manaus, pôde-se chegar a essa possibilidade de representação do ecossistema comunicacional desse conjunto habitacional no Centro Histórico da cidade. Ocorridas a partir da intersecções entre os sistema da cultura favela, condomínio e saneamento, as semioses no Parque Residencial Manaus dão não só pistas de que esse contato entre sistemas de signos favorece o caráter inventivo da cultura no Prosamim como pressupõe uma espacialidade para acontecer. É certo que é a espacialidade pressuposta pela semiosfera do Prosamim que permite que haja esse encontro de sistemas sígnicos no Parque Residencial Manaus na conformação desse

ecossistema comunicacional. Por sua vez, esse ecossistema gerado está relacionado à própria comunicação do Prosamim que, acreditamos não poderia ter sido estudada a parte desse ecossistema. Essa noção é fundamental para a percepção do fenômeno comunicativo nesse projeto urbanístico que acreditamos ter sido desvelado através dessa apresentação desse ecossistema comunicacional.

Convém ressaltar, que os diagramas que aparecem, nesta análise de dados, foram feitos no programa computacional Adobe Illustrator e são resultado de um trabalho conjunto desta pesquisadora com a designer Hannah Pinheiro, também integrante do Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação (Mediação), a qual esta dissertação está circunscrita. No âmbito do Mediação está sendo desenvolvido o projeto “Pesquisa e desenvolvimento para a construção do pensamento diagramático das linguagens da comunicação na cultura” que objetiva, entre questões, auxiliar através de um saber técnico especializado, no caso, centrado na figura de um designer, a construção de diagramas para a edificação de uma visualidade do encadeamento de pensamento dos pesquisadores em formação com relação às suas próprias formações do raciocínio e com relação aos resultados de pesquisa, nível mestrado, que adquirem uma visualização da semiose em ação em seus objetos de investigação através da formulação dos diagramas.

### **3.6 Explorações semióticas do Parque Rio Negro**

Neste tópico, a discussão sobre a forma como se organizará a análise da dados do Parque Rio Negro será central. Em linhas gerais, apresentaremos as quatro categorias que foram estabelecidas para a organização do pensamento na experiência de campo no Parque Rio Negro, considerando a necessidade de se apresentar didaticamente este objeto de estudos. A importância desta organização da análise de dados está no fato de que, para fazermos uma interpretação semiótica do Parque Rio Negro, tivemos que eleger as variáveis que se apresentavam, semioticamente, mais importantes nesse unidade do programa.

Tendo como objetivo principal a compreensão da dinâmica de relações sógnicas envolvidas na conformação do ecossistema comunicacional do Parque Rio Negro, implementamos três categorias guias para a análise impírica dessa unidade do Prosamim: (i) em relação às linguagens envolvidas; (ii) em relação à memória da cultura urbanística e (iii) em relação ao ecossistema comunicacional. A escolha dessas categorias deveu-se ao entendimento de que elas constituem-se como elementos importantes para a

observação do Parque Rio Negro no desenvolvimento de sua semiose. Cabe ressaltar, entretanto, que esta divisão da análise de dados do Prosamim em categorias se dá apenas para fins heurísticos, pois o fenômeno comunicativo no Parque Rio Negro nos parece não se apresentar isolado de seu contexto, mas em relação de interdependência com ele na conformação de uma continuidade semiótica entre os sistemas participantes da comunicação no Prosamim e seu entorno.

Para a análise empírica do Parque Rio Negro, também foi necessária a utilização dos recursos fotográficos, do diário de campo e do diagrama, em complemento à linguagem verbal. A percepção do pesquisador como parte integrante dos registros fotográficos de pesquisa sobre a cidade foi desenvolvida em estudo realizado anteriormente por Pereira, Silva e Barros (2011). À primeira vista, o uso dos registros fotográficos e do diário de campo, na coleta de dados, interessava-nos pela contribuição que trazem para a contextualização do objeto, desta vez, a partir de imagens e relatos. Em um segundo momento, mostraram sua importância ao permitir uma reflexão mais detalhada sobre o corpus de análise, já que em sua apresentação em campo, o objeto encontra-se inserido em uma dinamicidade característica da cidade. Da escolha da utilização do diagrama, pode-se inferir que seu uso serviu como instrumento de representação de uma possibilidade de raciocínio sobre os sistemas semióticos do Parque Rio Negro em uma explicitação dos pensamentos acerca desta amostragem do objeto escolhido para esta dissertação.

### **3.6.1 Em relação às linguagens envolvidas**

Para os amazonenses em geral, a simples menção ao termo Prosamim imediatamente remete aos conjuntos habitacionais vermelho-alaranjados construídos no âmbito do programa. Contudo, basta uma visita atenta à algumas unidades desse projeto social e ambiental para desfazer o equívoco. Os objetivos sobre os quais se guiam as ações estratégicas do Prosamim, na verdade, também incluem a construção e manutenção de parques públicos voltados ao lazer, nos locais antes ocupados por palafitas, que foram desapropriadas das margens dos igarapés para este fim. Há, portanto, um aumento na incidência de parques de lazer na cidade de Manaus desde o surgimento desse programa, em 2003. Passados mais de dez anos da implementação desse projeto urbanístico, a paisagem de Manaus é hoje composta por parques urbanos como o Parque Senador Jefferson Péres, o Parque Desembargador Paulo Jacob, Parque Bittencourt, Parque Largo

do Mestre Chico e mais recentemente, o Parque Rio Negro. Nesse sentido, é importante ressaltar que, apesar de todas as obras do Prosamim serem chamadas de parque, cada qual obedece à lógicas diferentes que acreditamos que podem ser agrupadas em dois grupos: 1) os parques residenciais que têm por função servir como lugar de moradia para os reassentados do Prosamim e que são constituídos majoritariamente por blocos de apartamentos para habitação, apesar de possuir também em sua estrutura algumas áreas dedicadas ao lazer e 2) os parques voltados à recreação com espaços que priorizam à atividade física e lazer, por vezes, o contato com a natureza. No caso específico do Parque Rio Negro, nota-se que há um diálogo com uma definição de parque segundo os modelos desse tipo de espaço, dos séculos XX e XXI (SCOCUGLIA, 2009), conforme explicado anteriormente, neste terceiro capítulo, no tópico “o parque”. Por conseguinte, em relação ao Parque Rio Negro, percebeu-se uma busca nesse espaço por um diálogo com a natureza - através de códigos culturais que indicavam um propósito de contemplação do rio (por exemplo, com mirantes e bancos de madeira voltados para as águas) – e com o lazer.

A partir de pesquisa de campo realizada no Parque Rio Negro, eleito como uma das amostragens para análise do Prosamim nesta dissertação, buscamos pensar aqui sobre os dispositivos de modelização primordiais desse parque. E com a menção aos sistemas modelizantes da cultura já podemos entrar nas questões centrais deste tópico e em seu foco de análise: O que regula o Parque Rio Negro? Quais são os sistemas culturais que funcionam como sistemas de signos na modelização desse projeto urbanístico? Quais são os códigos estruturados pelos sistemas modelizantes desse parque? Esses códigos colocados ali agem na organização de sua estrutura? O que se pretende com esses questionamentos é estabelecer um fio condutor para uma melhor compreensão dos mecanismos modelizantes que contribuem para que o Parque Rio Negro atinga a estruturalidade que atualmente nos parece o constituir como um ecossistema comunicacional de viés semiótico. A tentativa aqui é mostrar que por detrás da estruturalidade do Parque Rio Negro há um desenvolvimento de uma semiose baseada, sobretudo, nas relações sógnicas entre sistemas os participantes da comunicação nesse parque. Para tal, torna-se primordial a apresentação de uma discriminação semiótica do objeto estudado. É na discriminação semiótica do Parque Rio Negro que poderemos observar melhor os constituintes semióticos do espaço desse parque.

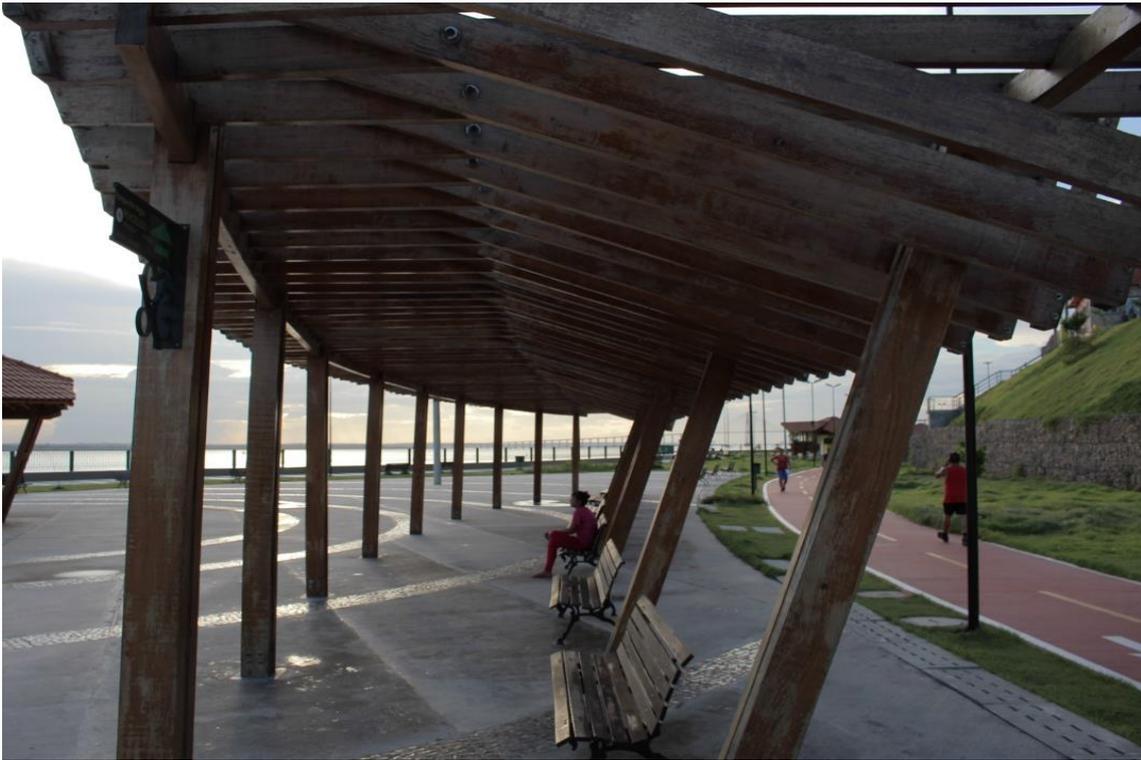
O Parque Rio Negro é um complexo de lazer localizado na Rua 5 de setembro na orla do bairro São Raimundo, bem próximo a ponte Senador Fábio Lucena (que liga o bairro São Raimundo e Aparecida). Inaugurado no dia 30 de abril de 2015, é composto

por pontos de venda de alimentos como a sorveteria Glacial, mirantes que rodeiam a cabeceira de sua estrutura, academia ao ar livre com equipamentos de ginástica padronizados, espaço para recreação infantil, gazebo (Figura 32) - pequeno terraço -, pergolado (Figura 33) - estrutura decorativa construída em madeira com espaços abertos por cima -, pista de caminhada, sanitários, estacionamento e praças que fazem alusão à elementos da natureza - sol, flora amazônica, ventos e as águas -, além de equipamentos voltados à segurança do parque, como guarita, prédio da administração, placas de sinalização e identificação, câmeras para monitoramento e por fim, portões que permitem o acesso a essa unidade do Prosamim, a saber: acesso 1 pela Rua 5 de setembro; acesso 2 pelo Beco Boa Vista (Figura 34); Acesso 3 pela Rua Boa Vista (Figura 35) e Acesso 4 pela Avenida Presidente Dutra (Figura 36). A seguir, a figura 33 mostra a planta dessa unidade do Prosamim. Na concepção do projeto da Concremat Engenharia, o Parque Rio Negro prevê circulação, contemplação da natureza, lazer e realização de atividade física. Enquanto espaço dedicado à atividade física, é formado por: academia ao ar livre, pista de caminhada e espaço de recreação infantil. A academia ao ar livre reúne prancha para abdominal, barra fixa e escada, barra paralela, flutuante e aparelho mecânico de ginástica para exercício do peitoral, pernas e percurso (Figura 37 e 38). Num sentido parecido, a pista de caminhada procura trazer uma opção para atletismo na cidade (Figura 39). O espaço de recreação infantil, por seu turno, possui brinquedos também voltados ao exercício como gangorra, escorregador infantil, escorregador juvenil, casinha, tronco de escada de árvore e amarelinha (Figura 40, 41 e 42).



**Figura 31:** Gazebo.

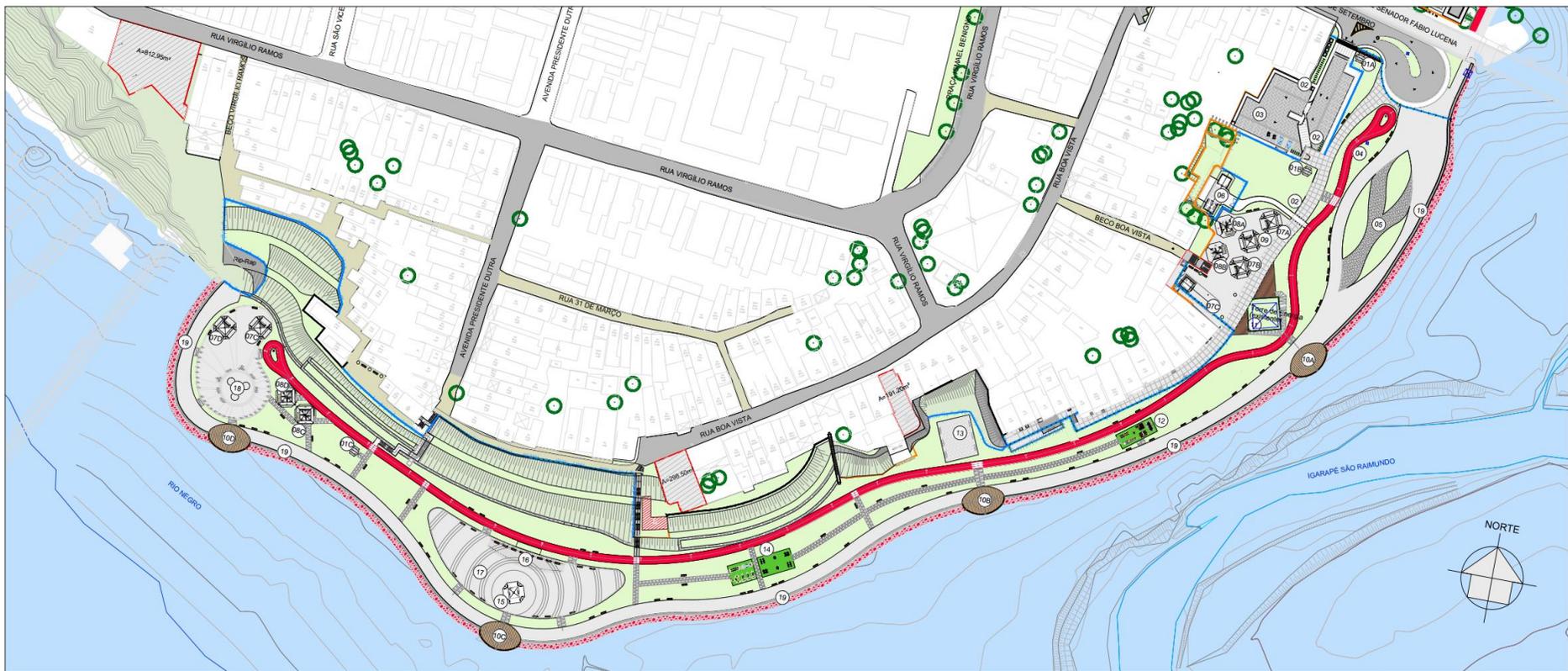
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



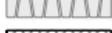
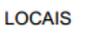
**Figura 32:** Pergolado.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 33:** Acessos 2, 3 e 4 do Parque, em sentido horário.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 34:** Planta com visão geral do Parque Rio Negro.  
**Fonte:** UGPI, 2016.

LEGENDA:	
	ENVOLTÓRIA DE DESAPROPRIAÇÃO
	RIO NEGRO E IGARAPÉ SÃO RAIMUNDO
	PISO CIMENTADO COM PEDRA PORTUGUESA
	PAVIMENTO CIMENTADO
	PISO CIMENTADO COM PINTURA NA COR VERMELHA (PISTA DE CAMINHADA)
	ADEQUAÇÃO DO PISO
	PAVIMENTO ASFÁLTICO
	DECK
	PISO INTERTRAVADO
<b>MOBILIÁRIO URBANO</b>	
	BANCO EM MADEIRA
	BANCO REDONDO (Ø60cm e Ø40cm)
	PRANCHA PARA ABDOMINAL
	BARRA FIXA E ESCADA
	BARRA PARALELA
	FLUTUANTE
	APARELHO MECÂNICO DE GINÁSTICA
	GANGORRA
	ESCORREGADOR INFANTIL
	ESCORREGADOR JUVENIL
	CASINHA
	TRONCO ESCADA DE ÁRVORE
	AMARELINHA
	COLETOR DE RESÍDUOS
	PISO MOSAICO PORTUGUÊS
	PLACA DE CONCRETO - TIPO 1 (40x40cm)
	PLACA DE CONCRETO - TIPO 3
	CONTENÇÃO EM GABIÃO
	CONTENÇÃO DA ORLA
	PROTEÇÃO DA ENCOSTA
	ÁREA PERMEÁVEL - GRAMA
	GRAMA SINTÉTICA
<b>LOCAIS</b>	
	01 GUARITA A, B e C
	02 PARACICLO
	03 ESTACIONAMENTO
	04 PISTA DE CAMINHADA
	05 PRAÇA DA FLORA AMAZÔNICA
	06 ADMINISTRAÇÃO, GARAGEM E DEPÓSITO
	07 PONTOS DE VENDA - A, B, C, D e E
	08 SANITÁRIOS - A, B, C e D
	09 PONTO DE VENDA - INFORMAÇÃO TURÍSTICA
	10 MIRANTE A, B, C E D
	11 TORRE METÁLICA
	12 RECREAÇÃO INFANTIL
	13 PRAÇA DOS VENTOS
	14 ACADEMIA AO AR LIVRE
	15 GAZEBO
	16 PERGOLADO
	17 PRAÇA DAS ÁGUAS
	18 PRAÇA DO SOL
	19 BANCO CONTÍNUO
<b>NOTAS:</b>	
	GRADIL DE FECHAMENTO
	MURO DE FECHAMENTO

**Figura 35:** Legenda da planta do Parque Rio Negro com destaque para a nomenclatura de seus equipamentos urbanísticos.

**Fonte:** UGPI, 2016.



**Figura 36:** Placa da academia ao ar livre e academia ao ar livre, respectivamente.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 37:** Pista de caminhada.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 38:** Mosaico com imagens do espaço de recreação infantil.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

Como vimos anteriormente, estudos sobre os parques urbanos do século XX e XXI (SCOCUGLIA, 2009) mostram que há uma tendência de criação de parques públicos no Brasil, propícios à contemplação da natureza e ao lazer, que se associam à um despertar de interesses do governos estaduais e municipais para a necessidade de incorporação das condições naturais dos espaços às áreas urbanizadas do País (SILVA, PASQUALETTO, 2013; CASTELNOU, 2006). Analisando, nesse sentido, a configuração do Parque Rio Negro e as atividades à que se voltam seus equipamentos urbanísticos, nota-se que seu espaço se volta para uma cultura do lazer e dos esportes. Se antes da implementação do Prosamim, esse espaço, na confluência do Igarapé de São Raimundo com o Rio Negro, era marcado pela presença de um aglomerado de palafitas em sua constituição, agora envolve em sua conformação, locais para sociabilidade e atividades esportivas, configurando-se como um exemplo importante dos novos valores que estão sendo levados em conta na concepção, pelo Governo do Estado do Amazonas, dos parques urbanos na cidade de Manaus neste início de século. Essa identificação do Governo do Estado do Amazonas com as novas tendências culturais e estéticas para a construção dos parques atuais no Brasil nos parece também poder ser observada no Parque Rio Negro no que diz respeito às suas praças e aos seus mirantes. Nesse sentido, vale ressaltar que ambos preveem uma relação com a natureza: enquanto os mirantes (Figura 43) tem como objetivo em sua própria concepção uma busca por uma contemplação da natureza, as praças construídas, no âmbito dessa unidade do Prosamim, carregam em seus nomes referências à elementos do meio natural. São as praças da flora amazônica (Figura 44), dos ventos (Figura 45), das águas (Figura 46) e do sol (Figura 47). Dessa forma, a existência nesse parque de mirantes e de praças (com nomes de elementos da natureza) nos remetem à uma tendência dos parques urbanos atuais de uma reivindicação de um contato com o meio natural e com o lazer no espaço construído da cidade.



**Figura 39:** Mirante.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 40:** Praça da Flora Amazônica.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 41:** Praça dos Ventos.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 42:** Praça das Águas.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 43:** Praça do Sol.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

Mais um atrativo do Parque Rio Negro são seus pontos de vendas de alimentos. Em observação de campo realizada durante o mês de fevereiro de 2016, notou-se que existem dois tipos de lanchonetes dentro do espaço desse parque: as lanchonetes planejadas pelo Governo do Estado do Amazonas que encontram-se presentes na concepção do projeto dessa unidade do Prosamim – estas possuem arquitetura padronizada e tem denominação de “ponto de venda” na planta desse equipamento público – e as lanchonetes improvisadas pelos moradores da comunidade que cerca o Parque Rio Negro - estas constituem-se basicamente de uma mesa em frente à casa desses moradores que adquire funcionalidade graças à sua posição estratégica ao lado desse parque, a salvo de uma grade de fechamento que separa os “lanches de dentro” dos “lanches de fora”, respectivamente, conforme Figuras 48, 49 e 50. Nas mesas das lanchonetes improvisadas ao redor do espaço planejado do parque servem-se: pastel frito, fatias de bolo, cachorro-quente, sanduíches, salgados, refrigerantes, sucos e cerveja. Nos pontos de venda “de dentro” do Parque Rio Negro, servem-se: sorvetes, tacacá (prato típico da Região Norte feito com tucupí, goma de mandioca e camarão), fatias de bolo, sanduíches, salgados, refrigerantes e sucos. Vale destacar, que no Parque Rio Negro também foram encontradas grades de ferro que circundam o espaço dessa unidade do Prosamim tanto “na frente” quanto “atrás”. “Na frente” dispõe-se uma contenção da orla que separa o Igarapé de São Raimundo e o Rio Negro da área cimentada do parque e atrás situa-se um gradil de fechamento que aparta a comunidade do parque. Com efeito, podem ainda ser identificados no Parque Rio Negro placas de sinalização (Figura 51) e bancos de madeira (Figura 52). O uso das placas de sinalização e dos bancos de madeira nessa unidade do Prosamim nos parece funcionar para uma legibilidade desse espaço pelos pedestres. A incorporação de placas e bancos na concepção do Parque Rio Negro, implica uma adoção de códigos culturais nessa área de lazer que, levam, de cara, à um reconhecimento de suas funções já que o código cultural em si apresenta-se como uma convenção cultural de fácil acesso a todos.



**Figura 44:** Ponto de venda de alimentos dentro do Parque Rio Negro.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 45:** Ao fundo, pontos de vendas de alimentos dentro do Parque Rio Negro.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 46:** À esquerda, lanchonetes improvisadas que cercam o Parque Rio Negro.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figuras 47:** Mosaico com imagens das placas de sinalização.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 48:** Bancos de madeira.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

Nesse sentido, é possível falar em um uso de códigos culturais no Parque Rio Negro que proporcionam funcionalidade a esse parque, pois o que se observou, nessa unidade do Prosamim, foi a existência de placas de sinalização, bancos de madeira, pontos de venda de alimentos, mirantes, praças, academia ao ar livre, espaço para recreação infantil, pista de caminhada, gazebo, pergolado e equipamentos de segurança que conferem a esse parque sua estruturalidade e dinâmica. No segundo capítulo desta dissertação vimos que quando a gente fala em códigos da cultura, a gente também está falando nos sistemas modelizantes da cultura já que são estes que levam à regulação do próprio código. Se os sistemas modelizantes da cultura são os encarregados da organização desse espaço do parque, os códigos culturais são por onde eles regulam sua constituição estrutural. Isso permite dizer que, o fato de o Parque Rio Negro possuir códigos culturais colocados em seu espaço manifesta, semioticamente, a ação de um sistema modelizante da cultura na organização desse espaço. Dessa forma, percebe-se que os códigos culturais no Parque Rio Negro não aparecem de forma isolada, mas como parte integrante de um sistema da cultura que modeliza o espaço desse projeto urbanístico.

Conjuntamente ao processo de modelização pelo sistema da cultura, o Parque Rio Negro também passa por uma modelização pelo sistema da natureza. Ao longo das

observações de campo, notamos que o rio vai atuar sobre essa unidade do Prosamim no seu movimento de fluxo das águas; o sol vai atuar sobre o parque no seu movimento nascente e poente e o espaço do Parque Rio Negro vai ganhar sua característica de lazer a partir disso. Dessa maneira, percebemos pelo menos dois sistemas de signos naturais modelizando esse espaço semiótico de Manaus, ou seja, o colocando para funcionar. Sob o ponto de vista de uma observação feita a partir da ponte Senador Fábio Lucena - que liga o bairro de Aparecida ao bairro de São Raimundo - e a partir de dentro do Parque Rio Negro, reparou-se na atuação do Igarapé de São Raimundo e do Rio Negro – que entram em confluência na frente desse parque – como um sistema de signos que ordena aquele espaço através de seu fluxo de águas. Fenômeno natural da Amazônia, o regime dos igarapés e dos grandes rios está associado diretamente ao período das chuvas: com o aumento das precipitações, o nível dos cursos d'água sobe (cheia); com a estiagem, o nível dos rios desce diminuindo de volume (seca). Dessa maneira, nos chamou a atenção, durante a observação de campo, a mudança no volume de águas do Igarapé de São Raimundo e do Rio Negro. No período da seca, quando o nível da água desce drasticamente, o lixo acumulado no fundo do rio e do igarapé - o qual foi despejado pelos moradores da cidade ao longo dos períodos de cheia) aparece devido à ausência das águas, degradando a paisagem do entorno em face da poluição ambiental (Figura 53). Já no período da cheia, o Parque Rio Negro entra em contato direto com o volume das águas do rio e do igarapé, compondo um cenário urbano que remete à paisagem da natureza do interior da Amazônia (Figura 54).



**Figura 49:** Imagem produzida sobre a ponte a ponte Senador Fábio Lucena. À direita, percebe-se o lixo acumulado ao fundo.

**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



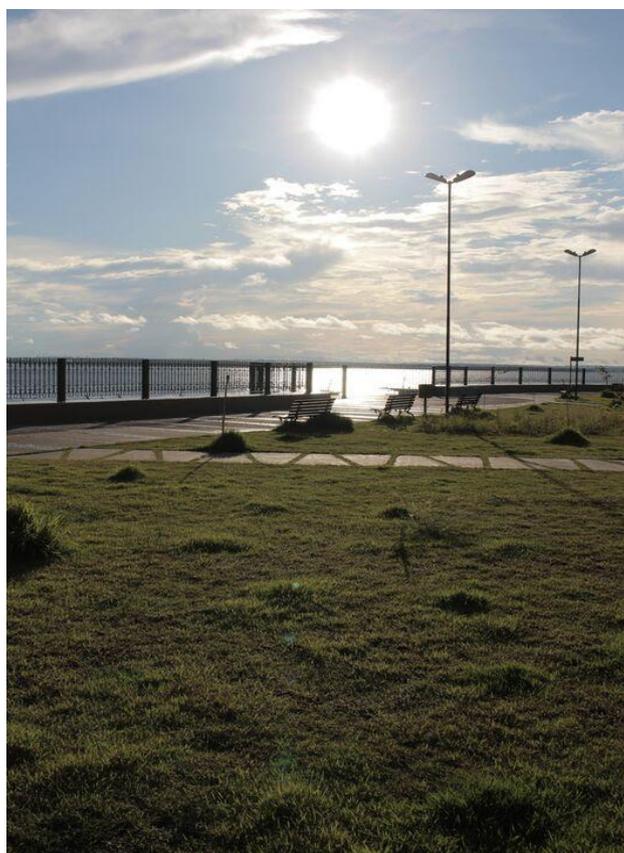
**Figura 50:** Imagem produzida de dentro do Parque Rio Negro mostrando o aumento no volume de águas do igarapé de São Raimundo.

**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

Um outro sistema da natureza fundamental na estruturação do Parque Rio Negro é o sol (Figura 55). Percebemos que a intensidade dos raios solares ao longo do dia influía sobre o número de pessoas que visitava o Parque Rio Negro, uma vez que esse parque passava a ter um aumento na quantidade de visitantes, a partir das 16h, com a diminuição da incidência de luminosidade e calor naquele espaço. Sobre a questão do sol, escrevo em meu diário de campo, no dia 3 de fevereiro de 2016:

Apesar do Parque Rio Negro funcionar das 6h até às 22h, “o aumento no movimento” só começa a partir do final da tarde. Os comerciantes dos pontos de venda de alimentos também só abrem suas lanchonetes a partir das 16h, conforme a temperatura e o “tempo” do dia. Hoje, por exemplo, como choveu, os lanches só abriram às 17h30.

A estrutura da vida cotidiana no Parque Rio Negro é, assim, marcada pelo sol. As observações de campo nessa unidade do Prosamim apontaram que a movimentação no espaço do parque no que diz respeito ao fluxo de pessoas no local obedece à temperatura do dia. Essa temperatura se relaciona ao próprio planeta Terra, que em seu movimento em torno do sol dita sobre a dinâmica do Parque Rio Negro que só vai ter uma maior sociabilização de acordo com o horário e luminosidade do sol.



**Figura 51:** Incidência dos raios solares sobre o Parque Rio Negro.

**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

Convém ressaltar também que, para além da atuação dos sistemas modelizantes da natureza e da cultura no espaço do Parque Rio Negro, é possível identificar o funcionamento dessa semiosfera a partir de um tensionamento geográfico físico entre natureza e cultura na cidade de Manaus. De um lado, o sistema de signos da natureza representado pelo Igarapé de São Raimundo e pelo Rio Negro à frente da iniciativa, de outro, o sistema de signos da cultura representado pelos códigos dos diversos equipamentos urbanísticos projetados para o parque, entre eles: a academia ao ar livre, o espaço de recreação infantil, a pista de caminhada, as praças, os bancos, as placas de sinalização, os pontos de venda de alimentos, etc. Em outras palavras, são os limites físicos, em um primeiro momento, entre o Igarapé de São Raimundo/Rio Negro e o espaço planejado do parque e em um segundo momento, entre a área da comunidade do entorno e a área desse projeto urbanístico, que provocam a constituição de uma região de fronteiras semióticas entre os sistemas da natureza e da cultura no espaço dessa unidade do Prosamim.

Entende-se é a partir da interação geradora de sentidos entre os sistemas da natureza e da cultura nas fronteiras semióticas do Parque Rio Negro, que se estabelece o desenvolvimento de sua semiose. Essa análise em relação à fronteira semiótica dessa unidade do Prosamim partiu da experiência de campo, onde percebeu-se a existência de grades de ferro que delimitavam todo o espaço do parque. À frente do Parque Rio Negro encontrava-se o muro de fechamento, que separava o espaço desse parque do espaço do Igarapé de São Raimundo e do Rio Negro (Figura 56). Atrás, estavam os gradis de fechamento que criavam uma barreira entre esse projeto urbanístico e a própria cidade juntamente com a comunidade do entorno (Figura 57). No caso específico do Parque Rio Negro, foi interessante observar que o gradil e o muro de ferro que separam o igarapé, o rio, a comunidade em volta e a cidade do espaço planejado desse programa, o configuram como um espaço do artifício estruturado a partir de relações conflituosas entre natureza e cultura.

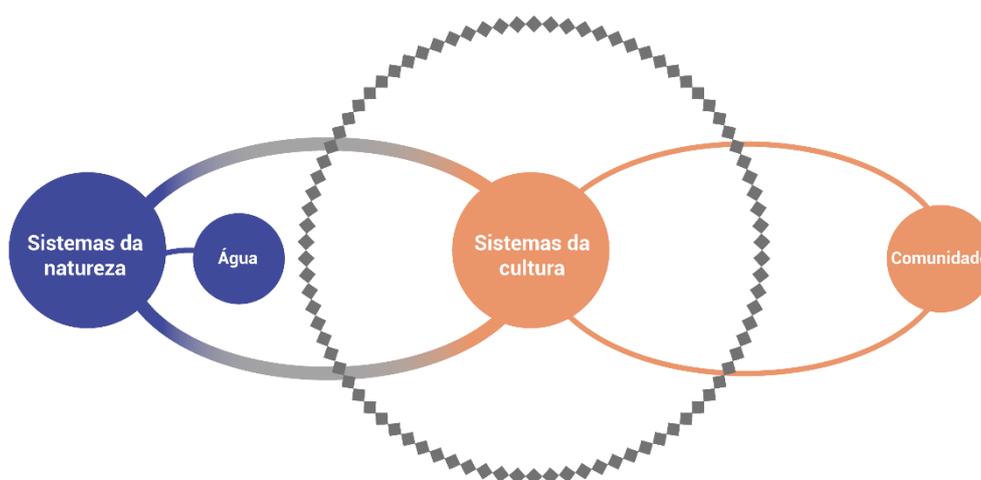


**Figura 52:** Muro de fechamento do Parque Rio Negro.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.



**Figura 53:** Gradil de fechamento do Parque Rio Negro.  
**Fonte:** Beatriz Silva Goes, 2016.

As fronteiras semióticas do Parque Rio Negro, portanto, não se apresentam a partir do encontro de sistemas de signos homogêneos, mas a partir de relações de embate entre natureza e cultura no espaço da cidade. Dessa forma, as fronteiras semióticas no Parque Rio Negro não são construídas em um contexto de relações harmoniosas entre sistema de signos, mas sim no conflito entre sistemas semióticos distintos que se relacionam permitindo o encontro de linguagens na conformação de uma comunicação. E é isso que se pode observar nessa unidade do Prosamim aqui em análise: a existência de fronteiras semióticas que servem como filtro na geração de novos signos no espaço do Parque Rio Negro que, encontra no imbricamento entre os sistemas da natureza e da cultura, seu funcionamento. Nesse sentido, foi construído um diagrama (Figura 58) a partir das observações de campo do Parque Rio Negro, no que se refere às suas fronteiras semióticas.



**Figura 54:** Diagrama das fronteiras semióticas do Parque Rio Negro.

**Fonte:** Hannah Pinheiro.

Acima, o diagrama (Figura 58) representa as regiões fronteiriças de linguagens entre os sistemas da natureza e da cultura no espaço semiótico do Parque Rio Negro. No diagrama, são dois elementos centrais evidenciados: o primeiro é o sistema da natureza representado, na cor azul, pelo Igarapé de São Raimundo e o Rio Negro que entram em confluência nas

proximidades do parque e o segundo é o sistema da cultura, que corresponde à cor laranja e representa os códigos culturais que estão colocados no espaço planejado dessa unidade do Prosamim. Nas laterais de cada sistema de signos, encontra-se, em cinza escuro, o gradil de fechamento e em cinza claro, o muro de fechamento, que marcam as regiões de fronteiras semióticas no Parque Rio Negro.

### **3.6.2 Em relação à memória da cultura urbanística**

Uma outra perspectiva que nos parece semioticamente importante na análise do Parque Rio Negro refere-se à forma como esse parque se constitui como um texto cultural em uma função mnemônica da cultura. A perspectiva é a de pensar o Parque Rio Negro como um texto que carrega uma memória da cultura e de buscar compreender a configuração dessa ancestralidade da cultura nesse parque que se materializa enquanto texto em meio às relações fronteiriças entre os sistemas modelizantes da natureza e da cultura. Entendendo-se o Parque Rio Negro como um espaço de significação que tem uma memória dentro da cultura urbanística da cidade de Manaus não somente nos signos representados nele, mas em todo seu contexto histórico, pode-se chegar à uma evidenciação de seu enraizamento na cultura manauense.

A ideia do Parque Rio Negro, enquanto texto cultural de função mnemônica, pressupõe um entendimento da memória do ponto de vista semiótico, ou seja, como informação, significação. Nesse sentido, entende-se que o Parque Rio Negro, a partir de sua constituição, produz significação novamente ao espaço no entorno do Igarapé de São Raimundo/Rio Negro diante de um diálogo com uma memória da cultura que se atualiza sempre. De maneira geral, a partir da experiência de campo no Parque Rio Negro, em Manaus, percebemos que por mais que mais que esse parque não seja um espaço que remonte à uma antiguidade, do ponto de vista que não é a *belle époque*, não é um espaço das seringueiras, ele tem uma memória da cultura urbanística da cidade de Manaus que se atualiza no presente em uma cidade que se volta para o futuro e que está em diálogo com uma necessidade contemporânea do lazer. Nesse sentido, o Parque Rio Negro é um parque que busca um diálogo com a natureza ao assumir uma contemplação para o Rio Negro e para o igarapé de São Raimundo – que pode ser percebida através do código cultural mirante e dos bancos de madeira que estão posicionados de frente para as águas. Ao mesmo tempo, essa unidade do Prosamim nega a comunidade ao se apresentar de costas para ela e para a cidade como um todo, característica que pode ser percebida através

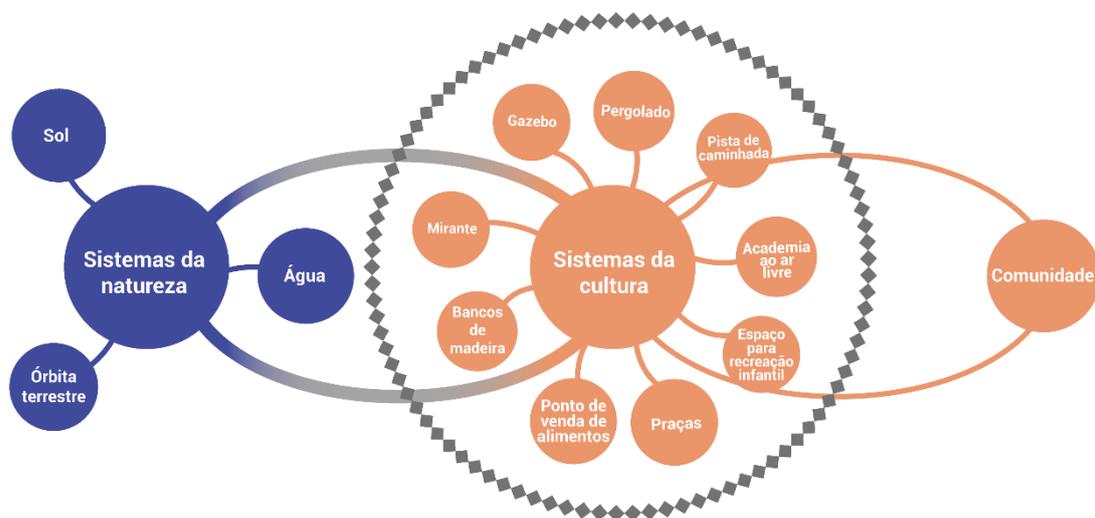
dos gradis de fechamento que separam o Parque Rio Negro da população do entorno e do próprio posicionamento em que este parque apresenta, no caso, voltado para o rio.

Vê-se, assim, que a existência de gradis e muro de fechamento na separação do espaço planejado do Parque Rio Negro - em um primeiro momento, das águas à frente dessa unidade do Prosamim e, em um segundo momento, da comunidade que se encontra atrás desse projeto urbanístico - , torna visível, ao mesmo tempo, uma busca de um diálogo com o ambiente/natureza e uma negação de uma relação com a comunidade nesse espaço da cidade, visto que a comunidade encontra-se cerceada nessa unidade do Prosamim. Por conseguinte, a partir desse raciocínio, nota-se que o Parque Rio Negro está associado com uma ideia de uma cidade do futuro do ponto de vista da memória da cultura urbanística, uma vez que assimila em sua constituição essa cultura urbanística enquanto crítica de uma ideia, desta vez, não de sanear o rio nem o Igarapé no sentido de que, nessa unidade do Prosamim, as águas do Rio Negro e do Igarapé de São Raimundo continuam lá. É uma ideia de futuro o Parque Rio Negro, mas uma ideia de um futuro quase que experimental dessa alternativa de uma cidade que se coloca em um cenário de experimento de contemplação do rio a partir de demandas ecológicas.

### **3.6.3 Em relação ao ecossistema comunicacional**

O Parque Rio Negro enquanto ecossistema comunicacional é resultado das relações fronteiriças de linguagens entre os sistemas modelizantes da natureza e da cultura. Estas, por sua vez, possibilitam a constituição de um *continuum* semiótico no qual atuam sistemas culturais que funcionam como sistema de signos na articulação de semioses no espaço desse projeto urbanístico. Ora, o que o Parque Rio Negro revelou foi que a comunicação nesse espaço ela não acontece de forma isolada, mas a partir da intersecção entre os sistemas da natureza e da cultura na conformação de um ecossistema comunicacional de base semiótica. Vale destacar, que dado o caráter sistêmico que o Parque Rio Negro nos pareceu apresentar, não tratamos, nesta dissertação, simplesmente do desvelamento dos sentidos que esse programa está gerando na cultura como se eles já estivessem dados a priori, mas, sim, da dinâmica de relações sógnicas envolvidas nos processos comunicativos dessa unidade do Prosamim.

Na Figura 59, apresenta-se um diagrama do Parque Rio Negro, a partir do qual se pode visualizar como nos parece funcionar a comunicação no Prosamim no desenvolvimento de sua semiose em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos.



**Figura 55:** Diagrama do ecossistema comunicacional do Parque Rio Negro.

**Fonte:** Hannah Pinheiro.

O diagrama acima, tem como ponto central o contato entre os sistemas da natureza e da cultura que geram sentido no Parque Rio Negro a partir da ação de seus signos na conformação de um ecossistema comunicacional. Na cor azul, está representado o sistema de signos da natureza que, no Parque Rio Negro, corresponde ao Igarapé de São Raimundo/Rio Negro e ao sol que proporcionam funcionalidade a esse espaço semiótico. Na cor laranja, está representado o sistema de signos da cultura que, através de seus códigos culturais, vai legislar sobre essa unidade do Prosamim. Os círculos, no diagrama, fazem referência à circularidade da cultura que se atualiza ininterruptamente e à interdependência entre os sistemas da natureza e da cultura no ecossistema do Parque Rio Negro que, em um arranjo relacional, edificam comunicação e sentidos, em Manaus, a partir das trocas que estabelecem entre si.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido para a realização deste estudo teve origem na discussão sobre o que é o Prosamim e como se dá a comunicação nesse programa a partir do jogo de linguagens que estão envolvidas nessa iniciativa. Pensando o Prosamim enquanto fenômeno comunicativo em Manaus, em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicacionais associada ao ponto de vista semiótico da cultura, passamos a traçar um estudo da comunicação desse programa que levasse em consideração as relações desse objeto comunicacional. Na medida em que se pretendeu compreender a comunicação no Prosamim no desenvolvimento de sua semiótica em uma abordagem ecossistêmica de seus processos comunicativos, a intenção foi evidenciar a dinâmica de relações sócio-culturais envolvidas no ecossistema Prosamim por meio de uma discriminação semiótica de seu espaço.

Foi a partir dessas orientações que, no primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “Memória urbanística da relação da cidade de Manaus com as águas”, tentamos estabelecer um panorama das intervenções nos igarapés de Manaus, procurando refletir sobre a relação do planejamento urbano da cidade com as águas e como é que isso se constituiu enquanto memória urbanística na capital. O foco foi dirigido para o período em que as intervenções nos igarapés da cidade se difundiram rapidamente – século XIX – até os dias atuais com as ações do Prosamim, de modo a evidenciar a ancestralidade desse programa dentro da cultura urbanística de Manaus, haja vista que entendemos que nosso objeto de estudo possuía uma herança cultural na capital que não podia ser desconsiderada. Nosso intuito, com isso, foi já começar a assinalar para uma construção de um tecido semiótico do Prosamim, nos interessando, nesse capítulo inicial, pela questão da memória do Prosamim esta, por sua vez, entendida como informação cultural.

Já no segundo capítulo trouxemos como tema os “Fundamentos para o estudo do ecossistema comunicacional do Prosamim”, a fim de reunir os conhecimentos teóricos necessários para a compreensão do fenômeno comunicativo nesse programa. Nesse sentido, apresentamos o paradigma da complexidade como concepção de ciência adotada para a pesquisa, os ecossistemas comunicacionais como ponto de partida epistemológico e o ponto de vista semiótico da cultura como teoria para compreensão da comunicação no estudo. Vale ressaltar, que os fundamentos teóricos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram escolhidos em vista da complexidade apresentada pelo Prosamim de

Manaus, uma vez que esse programa demandava uma compreensão teórica que abarcasse a imbricada realidade na qual este objeto encontrava-se inserido.

Por fim, no terceiro capítulo, nos dedicamos a explorar, semioticamente, o Prosamim em suas unidades Parque Residencial Manaus e Parque Rio Negro, escolhidas como corpus de análise desta pesquisa. Nesse sentido, nesse terceiro capítulo, buscamos, apresentar a análise empírica do Parque Residencial Manaus e Parque Rio Negro. A partir do acionamento da fundamentação teórica apresentada no capítulo anterior, foi possível realizar, neste último capítulo, uma discriminação semiótica do Prosamim e assim, reconhecer a dinâmica de relações sógnicas envolvidas na composição do ecossistema comunicacional do Parque Residencial Manaus e Parque Rio Negro.

Nesse orientação, no que toca o Parque Residencial Manaus, nossas considerações finais explicitam-se na verificação de que: 1) a favela evidencia sua modelização sobre o Parque Residencial Manaus enquanto sistema da cultura por meio do código cultural tijolo aparente colocado enquanto tal nessa unidade do Prosamim e que, por sua vez, por ser um código predominante se constitui como sistema modelizante; 2) o condomínio organiza o Parque Residencial Manaus através das diretrizes urbanísticas e arquitetônicas que regulam aquele espaço, refletidas nos blocos de apartamentos e estruturas de lazer (quadra poliesportiva, espaço para convivência) dessa unidade do programa, característicos desse tipo de prédio de moradias e 3) o saneamento evidencia a sua modelização no Parque Residencial Manaus porque esse texto cultural articulado a partir desse sistema da cultura tem um enraizamento dentro da cultura urbanística da cidade de Manaus, posto em evidência através do código cultural galeria - essa estrutura subjacente ao solo criado - que comunica com essa questão do “sanear” no Parque Residencial Manaus, visto que são realizadas um conjunto de medidas visando o desaparecimento das águas dos igarapés nessa iniciativa.

Já em relação ao Prosamim do Parque Rio Negro, a partir de pesquisa exploratória-descritiva realizada, concluímos que esse último funciona como um ecossistema comunicacional de caráter semiótico no qual identifica-se uma região de fronteira entre sistemas da natureza e sistemas da cultura, sendo a relação entre estes o que torna possível o funcionamento e a dinâmica desse parque como um espaço semiótico e de sociabilidade direcionado ao lazer. Como tentamos demonstrar ao longo desta dissertação, é a memória da cultura urbanística da cidade de Manaus que gera sentido no Parque Rio Negro a partir da ação de seus signos na conformação de um ecossistema comunicacional. Convém lembrar, que entre os sistemas da cultura que apresentavam-se

modelizando o espaço do Parque Rio Negro estavam alguns códigos culturais, entre eles, o da pista de caminhada, das praças, da academia ao ar livre, do espaço de recreação infantil, dos pontos de venda de alimentos (planejados e improvisados), remetendo para a constituição de um espaço semiótico híbrido entre o lazer e o urbano. Já entre os sistemas da natureza que atuavam sobre esse parque foram identificados o rio, o sol e órbita terrestre.

Nas observações de campo do Parque Rio Negro, notou-se também que esse parque apresenta um diálogo com uma necessidade contemporânea do lazer. Nesse sentido, é que o Parque Rio Negro busca um diálogo com a natureza ao assumir uma contemplação para o Rio Negro e do igarapé de São Raimundo – que pode ser percebida através do código cultural mirante e dos bancos de madeira que estão posicionados de frente para o rio. Ao mesmo tempo, essa unidade do Prosamim nega a comunidade ao se apresentar de costas para ela e para a cidade como um todo, característica que pode ser percebida através dos gradis de fechamento que separam o Parque Rio Negro da população do entorno e do próprio posicionamento em que este parque apresenta, no caso, voltado para o rio.

Do ponto de vista da apresentação do objeto em campo, podemos afirmar, que o próprio embasamento teórico que procuramos trazer durante toda esta dissertação é que tornou possível a potencialização da investigação do objeto de estudos escolhido, visto que este último, o Prosamim, apresentou uma complexidade de relações inerentes a sua configuração enquanto programa social e ambiental da cidade de Manaus. Nesse sentido, destacamos que durante toda a realização deste estudo, procuramos nos preparar, através da pesquisa bibliográfica e documental, além do trabalho de campo, com busca de referências – seja em artigos, livros, dissertações ou até em teses – da melhor maneira possível para a análise desse objeto mutante da cultura. No entanto, vale destacar que ao longo da realização da pesquisa o próprio objeto mostrou-se surpreendente nos apresentando elementos da natureza que não estavam previstos anteriormente na organização preliminar do trabalho através de seus capítulos. Posto isto, vale afirmar que a importância da água para a análise semiótica do Prosamim já estava colocada desde o primeiro capítulo. O sol e a órbita terrestre, por sua vez, apareceram como elementos novos, já a partir da pesquisa de campo, que trouxe situações que não estavam projetadas para a dissertação deixando, assim, o trabalho com uma abertura e um devir que não se realiza aqui. Nesse sentido, ainda procuramos sinalizar para a importância do sol como um sistema da natureza em ação no Parque Rio Negro, mesmo que esse último não tivesse sido previsto anteriormente.

É preciso acrescentar que o Prosamim cristalizou-se como um programa de intervenção urbana para melhoria ambiental e social nas áreas dos igarapés de Manaus, ao mesmo tempo que disseminou um modelo de “embelezamento” trazido com a modernidade, modelo este, que conforme tentamos mostrar, ao longo desta dissertação, carrega consigo uma concepção de domínio da natureza, a qual é posta sobre limites e por vezes, brutalizada, aniquilada. Como no Prosamim do Parque Residencial Manaus, no qual o Igarapé de Manaus está completamente aterrado em galeria sob a Avenida Igarapé Manaus que evidencia o próprio domínio do homem sobre a natureza no espaço desse conjunto habitacional.

A expectativa com a dissertação é poder também ter contribuído para a discussão no âmbito dos paradigmas científicos e das contribuições da Semiótica para a compreensão dos ecossistemas comunicacionais. Ao tomarmos o pensamento complexo e os ecossistemas comunicacionais como norte epistemológico e a Semiótica da Cultura como teoria para a compreensão da visão ecossistêmica da comunicação adotada para o estudo do Prosamim, esperamos termos contribuído para o avanço das discussões sobre esses temas mencionados, além de poder servirmos como referência bibliográfica para aqueles que se interessarem em estudar tais concepções teóricas ou até a cidade de Manaus ou o Prosamim.

## REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Luiz et al. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2000.

ALVES, Juliana Araújo. Intervenções urbanas na cidade de Manaus: o caso do PROSAMIM. In: ALDEMIR, José Aldemir (org.). **Espaços urbanos na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2011.

ANDRADE, Moacir. Portais. Manaus: Editora Valer/Prefeitura de Manaus/Uninorte, 2006.

ARAÚJO, Elizangela Francisca Sena de. **Os impactos arquitetônicos e urbanísticos do programa PROSAMIM na paisagem de Manaus**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2011. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2344>. Acesso em: 23 jun. 2015.

ARAÚJO, Francelle Santos. **As relações comunicativas entre a mídia exterior e o espaço urbano: um estudo da dinâmica da publicidade dos empreendimentos imobiliários na cidade de Manaus**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013. Disponível em: <http://www.ppgccom.ufam.edu.br/index.php/dissertacoes/2-uncategorised/549-dissertacoes-2011>. Acesso em: 22 jun. 2015.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No rio Amazonas**. Trad. Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Edusp, 1980. [1859].

BARROS, Taíssa Dias, PEREIRA, Mirna Feitoza, CASTRO, Márcia Honda. 2008. Estudo dos contextos urbano e ambiental das palafitas da cidade de Manaus. In: Mostra de Iniciação Científica do Uninorte, IV, Manaus, 2008. Anais...1: 56-59.

BARROS, Taíssa Dias, PEREIRA, Mirna Feitoza, CASTRO, Márcia Honda. 2009. Estudo dos contextos urbano e ambiental das palafitas da cidade de Manaus. In: Reunião Anual da Sbpcc, LXI, Manaus, 2009. Anais...1: 1-3.

BATESON, Gregory. **Mind and Nature. A Necessary Unity**. New York: E.P. Dutton, 1979.

BATISTA, Selma Paula Maciel. Algumas considerações sobre as intervenções do PROSAMIM no ordenamento da cidade de Manaus. In: **GEONORTE**. Revista Eletrônica do Departamento de Geografia da UFAM. V.7 n.1 2013. Disponível em: <http://www.revistageonorte.ufam.edu.br/index.php/edicao-especial-3-geografia-politica>. Acesso em 28 ago. 2015.

BATISTA, Selma Paula Maciel. **Injustiça socioambiental: o caso Prosamim**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em:

[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_bb85a8c77ddc0f9fe8dc0558186f0532](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_bb85a8c77ddc0f9fe8dc0558186f0532). Acesso em: 10 jul. 2015.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental. **Gestão do território e manejo integrado das águas urbanas**. Brasília: Ministério das Cidades, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores y Ciudadanos: Conflictos multiculturales de la globalización**. México: Editorial Grijalbo, 1995.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1999.

CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. “Parques urbanos de Curitiba: de espaços de lazer a objetos de consumo”. In: **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Belo Horizonte, v. 13, n. 14, p. 53073, dez. 2006.

CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de; LEANDRO, Paulo Ricardo Ferreira. Política Públicas e (re)produção sustentável do espaço urbano: “Programa Recife sem Palafitas” – seus benefícios e sua natureza social. In: **ACTA GEOGRÁFICA**. Boa Vista, v.6, n.13, set/dez, pp.33-58, 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Colferai, Sandro Adalberto. **Um jeito amazônida de ser mundo – a Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Manaus, 2014. Disponível em: <https://tiagodiniz07.files.wordpress.com/2015/05/sandro-adalberto-colferai-prc3a9-textos.pdf>. Acesso em 22 jan. 2016.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Tropicalia, 1976.

DIAS, Fabiano. O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. In: **ARQUITEXTOS**. São Paulo, Vitruvius, jun 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>. Acesso em: 13 jun. 2016.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920**. Manaus: Valer, 1999.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

ELTON, Charles Sutherland. **Animal Ecology**. New York: Macmillan Co., 1927.

FERRARA, Lucrécia. **Olhar periférico**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

FERRARA, Lucrécia. As mediações da paisagem. In: **LÍBERO**. São Paulo. v.15, n.29, p.43-49, jun. de 2012.

FILGUEIRAS, Aldísio Gomes. Manaus – Manaus (impressões). In: MARINHO, Joaquim (org.). **Manaus meu sonho**. Manaus: Editora Valer, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREITAS, Susy Elaine da Costa. **Crítica expandida: um estudo do espaço acústico da crítica cinematográfica na web**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013.

FREITAS, Susy Elaine da Costa; PEREIRA, Mirna Feitoza. Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais. In: SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; COSTA, Alda Cristina Silva da; COSTA, Luciana Miranda (org.). **Comunicação: visualidades e diversidades na amazônia**. Belém: Fadesp, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

GOES, Beatriz Silva; PEREIRA, Mirna Feitoza. Notícias em trânsito: apontamentos teóricos e metodológicos sobre a comunicação da notícia no espaço urbano. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, 10., 2011a, Boa Vista. Anais [recurso eletrônico]. São Paulo: Intercom, 2011a.

GOES, Beatriz Silva; PEREIRA, Mirna Feitoza. Notícias em trânsito. A comunicação da notícia no jornalismo impresso a partir da dinâmica do espaço urbano. Orientação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mirna Feitoza Pereira. **Relatório Final**. Manaus, 2011b (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal do Amazonas/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

GOES, Beatriz Silva; PEREIRA, Mirna Feitoza. A comunicação da notícia do jornal impresso a partir da dinâmica do trânsito da cidade de Manaus. In: **INICIACOM**. Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social, v. 4, p. 1, 2012.

GOES, Beatriz Silva; PEREIRA, Mirna Feitoza. Fronteira semiótica nas relações cultura-natureza: explorações do espaço semiótico urbano do Parque Rio Negro em Manaus. **FRONTEIRAS ESTUDOS MIDIÁTICOS**. Inédito 2016.

Governo do Estado do Amazonas. Governador José Melo inaugura Parque Rio Negro na orla do bairro São Raimundo. Disponível em:

<http://www.amazonas.am.gov.br/2015/04/governador-jose-melo-inaugura-parque-rio-negro-na-orla-do-bairro-sao-raimundo/>. Acesso em: 15 dez. 2015.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **GEOUSP** – Espaço e Tempo. São Paulo, n.26, p. 9-17, 2009.

HISTÓRICO DO PROSAMIM. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/o-programa/>. Acesso em: 25 fev. 2016.

IASBECK, Luiz Carlos. Cultura em personagens: uma visão publicitária. In: **GHREBH**. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. N.6, 2004. Disponível em: <http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=216>. Acesso em: 2 jul. 2016.

JÚNIOR, Waldemir Rodrigues Costa; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A requalificação ambiental dos igarapés de Manaus (2005-2008): um contínuum das políticas de urbanização do século XIX? In: **CAD. PESQ. CDHIS**. Revista Cadernos de Pesquisa do Centro de Documentação e Pesquisa em História. Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/14090>. Acesso em: 26 mar. 2015.

KAPLÚN, Mario. **A la educación por la comunicación: la practica de la comunicación educativa**. Santiago, Chile: UNESCO/OREALC, 1992.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 5ª edição, 1998.

LEÃO, Monique Bentes Machado Sardo. **Macro drenagem e urbanização na Bacia da Estrada Nova: conflitos entre app urbana e reassentamento em baixadas de Belém/PA**. In: III Seminário nacional sobre o tratamento de áreas de preservação permanente em meio urbano e restrições ambientais ao parcelamento do solo. 2014, Belém. Disponível em: <http://anpur.org.br/app-urbana-2014/anais/ARQUIVOS/GT2-254-117-20140531095728.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2015.

LEMOS, Janeth de Araujo. **Vivendo a transição de ambiente de moradia: um estudo com moradores do Parque Residencial Manaus – Prosamim**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPG/CASA). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010).

BALZA, Sergio Leon. Conceptos sobre espacio público, gestión de proyectos y lógica social: reflexiones sobre la experiencia chilena. In: **EURE** (Santiago). Santiago, v.24, n.71, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0250-71611998007100002&script=sci\\_abstract&tlng=en](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0250-71611998007100002&script=sci_abstract&tlng=en). Acesso em: 26 jun. 2016.

LEONEL, Camila, PEREIRA, Mirna Feitoza. **Cidade e comunicação. Um levantamento dos estudos sobre a cidade como objeto de estudos da comunicação**. Relatório parcial. Manaus, 2013 (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal do Amazonas/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

LOPES, Valter Frank de Mesquita; PEREIRA, Mirna Feitoza. Em busca do ecossistema comunicativo do museu virtual Google Art Project. In: MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (Orgs.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Edua, 2011.

LOPES, Valter Frank de Mesquita. **O museu virtual como ecossistema comunicativo semiótico: um estudo dos processos comunicativos do espaço semiótico do Google Art Project**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2011

LÓTMAN, Iúri. **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto**. Selección e traducción del ruso por Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAUUSP, 1999.

MACEDO, Silvio Soares. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2ª edição, 2003 – [Coleção Quapá].

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. Cotia-SP: Ateliê Editorial: 2003a.

MACHADO, Irene. O ponto de vista semiótico. In: FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz Carlos (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 3º edição. Petrópolis: Vozes, 2003b.

MACHADO, Irene; ROMANINI, Vinícius. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. In: **FAMECOS** (online). Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 89-97, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/7546/5411>. Acesso em nov. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cidade virtual: novos cenários da comunicação. In: **COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO**, São Paulo, n.11, jan./abri., p.53-67, 1998.

MENEGHINI, Márcia Elisa Freire. **A construção de uma nova etiqueta urbana e ambiental: um estudo etnográfico do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2012. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM\\_c8f88db58a89629ad01a43402cd1de47](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM_c8f88db58a89629ad01a43402cd1de47). Acesso em: 22 jun. 2015.

MESQUITA, Otoni. **Manaus: história e arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

COLFERAI, Sandro Adalberto; MONTEIRO, Gilson Vieira. Por uma pesquisa amazônica em Comunicação: provocações para novos olhares. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lúcia Alves de Lima; AMARAL FILHO, Otacílio (org.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Cortez, 1999.

NEITZEL, Odair. A ciência no paradigma da complexidade: em busca de um modelo de racionalidade. **Revista de Epistemología y Ciencias Humanas**, v. 7, p. 87-102, 2015.  
O PROGRAMA. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/o-programa/>. Acesso em: 25 fev. 2015.

OLIVEIRA, Fabiano Lemos de. O nascimento da ideia de parque urbano e do urbanismo modernos em São Paulo. In: **ARQUITEXTOS**, São Paulo, Vitrovirus, mai. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3433>. Acesso em: 20 jun. 2016.

PEIRCE, Charles Sanders. (1931-1958); HARTSHORNE, Charles (ed.); WEISS, Paul (ed.). **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931. V.1-6. 1 CD-ROM

PEREIRA, Mirna Feitoza. Espaços semióticos urbanos: palafitas como textos da cultura amazônica. Manaus, AM. **Projeto de pesquisa**. Centro Universitário do Norte/Pró-Reitoria Acadêmica/Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Coordenação de Pesquisa Stricto Sensu, 2008a.

PEREIRA, Mirna Feitoza. Projeto palafitas: uma abordagem semiótica e comunicacional da arquitetura das palafitas de Manaus. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, VII, Boa Vista. Anais...7:1-12, 2008b.

PEREIRA, Mirna Feitoza. Ecossistemas Comunicacionais: uma proposição conceitual. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lúcia Alves de Lima; AMARAL FILHO, Otacílio (org.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: Fadesp, 2011.

PEREIRA, Mirna Feitoza. **“Porcarias”, inteligência, cultura**: semioses da ecologia da comunicação da criança com as linguagens do entretenimento, com ênfase nos games e nos desenhos animados. Teses (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

PEREIRA, Mirna Feitoza; SILVA, Márcio Alexandre dos Santos; BARROS, Taíssa Dias. Palafitas de Manaus: relações entre natureza e cultura no espaço da cidade. In: **SOMANLU**. Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 11. n.2 jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/issue/view/46/showToc>. Acesso em: 23 jul. 2015.

PEREIRA, Mirna Feitoza; TEÓFILO, Ana Bárbara de Souza; LOPES; Valter Frank Mesquita Lopes. **Grafite, semiose e comunicação no espaço da cidade**. In: *Semiótica da Comunicação*. Intercom: São Paulo, 2013.

PINHEIRO, Lady Mariana Siqueira. **As mulheres do Prosamim: ambiente, gênero e cidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia– PPG/CASA). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM\\_cb89885cd371409c0af86f95e782e6b4](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM_cb89885cd371409c0af86f95e782e6b4). Acesso em: 11 mai. 2015.

PPGCCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. **Proposta do programa**. Site do PPGCCOM. 2015. Disponível em: <http://www.ppgccom.ufam.edu.br/index.php/proposta-do-programa>. Acesso em: 25 de fev 2015.

PROSAMIM III vai reassentar 304 famílias do bairro Presidente Vargas. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2015/02/prosamim-iii-vai-reassentar-304-familias-do-bairro-presidente-vargas/>. Acesso em: 19 jan. 2016. Não paginado.

QUEIROZ, Aldenira Rodrigues. **Prosamim: desafios de implementação e infraestrutura de saneamento e ocupação do solo urbano na cidade de Manaus, Amazonas**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPG/CASA). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2009. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM\\_753a583d169d8246491e9680b6786e25](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM_753a583d169d8246491e9680b6786e25). Acesso em 22 jun. 2015.

RAMOS et al. *Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura*. In: MACHADO, Irene (org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

REGIS, Fátima. *Comunicação, sistemas complexos e transdisciplinaridade: um comunicar intercientífico*. In: **CONTRACAMPO**. Rio de Janeiro, v.1, p.151-164, 2006.

RGAS (**Relatório de Gestão Ambiental e Social**). Manaus: jul, 2005.

RIMA (**Relatório de Impacto Ambiental do Prosamim**). Manaus: jul, 2004.

RIMA (**Relatório de Impacto Ambiental do Prosamim**). Manaus: mar, 2012.

ROSSIN, Antonio Carlos. **Um programa de melhoria ambiental com inclusão social no centro da Amazônia**. Estudo de caso apresentado a Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://prosamim.am.gov.br/o-prosamim/estudo-de-caso-prosamim/>. Acesso em: 14 mai. 2016.

SALAZAR, João Pinheiro. **O abrigo dos deserdados: estudo sobre a remoção dos moradores da cidade flutuante e os reflexos da Zona Franca na habitação da população de baixa renda de Manaus**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

SANTAELLA, Lúcia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. In: **MATRIZES**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. V. 1. n.1. 2007. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/27>. Acesso em: 23 jul. 2015.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SCALISE, W. Parques Urbanos – Evolução, Projeto, Funções e Usos. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília, v. 4, n. 1, p.17-24, 2002. Disponível em: <[http://www.unimar.br/feat/assent\\_humano4/parques.htm](http://www.unimar.br/feat/assent_humano4/parques.htm)>. Acesso em: 15 dez. 2009.

SCOCUGLIA, J. B. C. **O Parc de La Tête d’Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade**. Arqtextos, São Paulo, 113.03, Vitruvius, out 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/10,113/20>>. Acesso em: 08 out. 2015.

SENNETT, Richard. **The Fall of Public Man**. Cambridge: Cup Archive, 1977.

SILVA, Márcio Alexandre dos Santos. Levantamento histórico da incidência de palafitas na cidade de Manaus, com ênfase nos bairros de Educandos e São Raimundo. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** UFRN, 2008.

SILVA, Janaina Barbosa e PASQUALETTO, Antônio. **O Caminho dos parques urbanos brasileiros: Da origem ao século XXI** Revista Estudos. Goiânia. v. 40 n.3. jun/ago, 2013. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewPDFInterstitial/2919/1789>. Acesso em: 12/12/2013.

SILVA, Márcio Alexandre dos Santos, PEREIRA, Mirna Feitoza, ALHO, Milk. Levantamento histórico da incidência de palafitas na cidade de Manaus, com ênfase nos igarapés de Educandos e São Raimundo. In: **Mostra de Iniciação Científica do Uninorte**, 4., 2008, Manaus. **Anais...** Manaus: Editora do Uninorte, 2008, p. 62-65. 1 CD-ROM.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: **COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO**. Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. Ano VII, n. 19, p. 12-24, 2000.

TEÓFILO, Ana Bárbara de Souza, PEREIRA, Mirna Feitoza. Grafite como linguagem: apontamentos teóricos e metodológicos de estudo sobre as interferências do espaço da cidade na manifestação do grafite. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, 10., 2011, Boa Vista. Anais [recurso eletrônico]. São Paulo: Intercom, 2011.

TEÓFILO, Ana Bárbara de Souza, PEREIRA, Mirna Feitoza, LOPES, Valter Frank Mesquita. Grafite como linguagem. Um estudo da comunicação a partir das interferências do espaço urbano nos sistemas de signos que modelizam o grafite. **Relatório Final**. Manaus, 2011 (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal do Amazonas/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas).

TOROP, P. Introduction: rereading of cultural semiotics. **Sign Systems Studies Journal**, v. 30, n. 2, p. 395-404, 2002.

VALLE, Artemísia Souza do. **Os igarapés no contexto do espaço urbano de Manaus: uma visão ambiental**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPG/CASA). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 1999.

VILAÇA, Arliene Auxiliadora do Nascimento Bezerra. **Habitação e ação pública na contemporaneidade: um estudo de caso na área central de Manaus**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_0f724c00b43021271a8c117dac7d3257](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_0f724c00b43021271a8c117dac7d3257). Acesso em: 13 mai. 2015.